

**HELENA PAULA ZANIN**

**[ ENTRE-MUROS ]**

**NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO, OFICINAS DE CINEMA E CONFINAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Hoepers  
Preve

**FLORIANÓPOLIS**

**2020**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da  
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Zanin, Helena Paula  
[ Entre-Muros ] : Notas sobre educação, oficinas de cinema e  
confinamento / Helena Paula Zanin. -- 2020.  
178 p.

Orientadora: Ana Maria Hoepers PREVE  
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2020.

1. Oficina. 2. Cinema. 3. Educação. 4. HCTP. 5. Cineclube. I.  
PREVE, Ana Maria Hoepers. II. Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação. III. Título.

**HELENA PAULA ZANIN**

**[ ENTRE-MUROS ]**

**NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO, OFICINAS DE CINEMA E CONFINAMENTO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Educação.

Florianópolis, 16 de outubro de 2020

Banca de Defesa:

Dra. Ana Maria Hoepers Preve

Orientadora

PPGE/FAED/UDESC

Profa. Dra. Ana Paula Nunes Chaves

PPGE/FAED/UDESC

Prof. Dr. Tiago Ribeiro Santos

PPGE/FURB

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

PPGE/UFSC

Profa. Dra. Karen Christine Rechia

Suplente

PROFHIST/UFSC

*A Luiz Guilherme*

## AGRADECIMENTOS

A Luiz Guilherme, “*companheiro de navegações através de roteiros quase impossíveis*”.

A Chêsko, pelo amor em terra firme.

A Danilo, por compreender e apoiar meu jeito de ser e fazer.

A Nathi, por ser coragem e acolhimento.

A Ana Preve, pela inspiração, por abrir caminho e por acreditar nesses ditos “inadaptados”.

Aos queridos membros da banca, Tiago, Leandro, educadores de notável sensibilidade, e a Ana Paula Nunes Chaves que além de compor a banca, também me orientou nas monitorias e sempre confiou em meu trabalho com educação e cinema.

Ao demais integrantes do grupo Atlas, pelas vivências e partilhas.

A meus pais e minha irmã, por sempre apoiarem minhas escolhas (mesmo sem ter muita certeza de onde elas vão dar).

A Kyo, Mia, Duna e Thor, longos companheiros de caminhada, pelo afeto infinito.

À equipe do HCTP, que abriu as portas para me receber.

Ao Coletivo Machina Teatral por ser respiro e criatividade.

À família Trupe Perambula por me dar direção.

E com muito carinho, aos “loucos” do HCTP com quem tanto aprendi.

Esta pesquisa foi financiada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), por meio de bolsas do Programa da Bolsa de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP).

[...] não digam nunca: isso é natural. A fim de que nada passe por imutável. Sob o familiar, descubram o insólito. Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável. Que tudo que seja dito ser habitual, cause inquietação. Na regra é preciso descobrir o abuso, e sempre que o abuso for encontrado, é preciso encontrar o remédio. (BRECHT, 1990, p. 132)

## RESUMO

Esta dissertação compõe-se de notas narrativas e reflexivas a respeito de oficinas de cinema como modo de fazer em educação em espaços não-escolares, neste caso, o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis. O trabalho buscou explorar a oficina como estratégia (contra-)pedagógica, uma possibilidade frente à educação disciplinadora e normatizadora. As oficinas de cinema foram realizadas na instituição durante o ano de 2019 e inicialmente tomaram o formato de um cineclube, composto por exibição de filmes (majoritariamente brasileiros), seguida de rodas de conversa. Mais tarde passaram a incorporar-se às oficinas pequenos exercícios práticos para compreender e experimentar alguns conceitos cinematográficos básicos. A pesquisa tem como inspiração e embasamento teórico os trabalhos desenvolvidos por Nise da Silveira, Antón Makarenko, Paulo Freire e Fernand Deligny, sobretudo no que tange ao acolhimento de pessoas ditas “inadaptadas” e à relação com a alteridade. O trabalho pauta-se principalmente pelos relatos das oficinas e reflexões suscitadas por estas, resultando na desconstrução de imagens cristalizadas (como a do louco, do criminoso, do doente mental etc.) e na produção de espaços “outros” de educação no interior de confinamentos, seja dos pacientes do HCTP, seja da pesquisadora/oficineira, devido à pandemia de COVID-19.

**Palavras-chave:** Cineclube. Cinema. Educação. HCTP. Oficina.



## RESUMEN

Este escrito se compone de notas narrativas y reflexivas sobre talleres de cine como modo de hacer en educación en espacios no-escolares, en este caso, el Hospital de Custodia y Tratamiento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis. El trabajo ha buscado explorar el taller como estrategia (contra)pedagógica, una posibilidad frente a la educación disciplinaria y normalizadora. Los talleres de cine fueron realizados en la institución durante el año de 2019 e inicialmente tomaron el formato de un cineclub, compuesto por la proyección de películas (mayoritariamente brasileñas), seguida de rondas de conversación. Posteriormente pasaron a incorporarse a los talleres pequeños ejercicios prácticos para la comprensión y experimentación de algunos conceptos cinematográficos básicos. La investigación tiene como inspiración y basamento teórico los trabajos desarrollados por Nise da Silveira, Antón Makarenko, Paulo Freire y Fernand Deligny, sobre todo en lo que respecta a la acogida de personas consideradas “inadaptadas” y a la relación con la alteridad. El trabajo se guía principalmente por los relatos de los talleres y reflexiones planteados por estos, resultando en la desconstrucción de imágenes cristalizadas (como la del loco, del criminoso, del enfermo mental etcétera) y la producción de espacios “otros” de educación en el interior del confinamiento, ya sea de los pacientes del HCTP, ya sea de la investigadora/tallerista, a causa de la pandemia de COVID-19.

**Palabras-clave:** Cineclub. Cine. Educación. HCTP. Taller.

## **SUMÁRIO**

### **PRÉ-AMBULAR**

**11**

### **DENTRO DE MIM NINGUÉM ENTRA. UMA BIOGRAFIA TORTA**

**14**

#### **COMO DIZER O QUE SINTO?**

**14**

#### **DOIS LIVROS GUIAS**

**17**

#### **REFLEXÕES CONFINADAS**

**21**

### **CINEMA, EDUCAÇÃO E CONFINAMENTO**

**59**

#### **CINEMA**

**59**

#### **ESCOLARIZAÇÃO**

**63**

#### **OFICINAS. UM MODO DE ESTAR**

**79**

#### **PONTOS FORA DO NÓ**

**85**

### **DO LADO DE LÁ**

**100**

### **PALAVRAS FINAIS. PARADO, MAS NÃO EM REPOUSO**

**168**

### **REFERÊNCIAS**

**171**

## **PRÉ-AMBULAR**

Caro leitor,

Bem-vindo. Antes de você iniciar a leitura deste trabalho, sinto que seria bom informá-lo: meu texto dá voltas. Os assuntos vêm e vão, um pouco no fluxo dos próprios acontecimentos e um pouco reproduzindo o circular das ideias em minha cabeça. Não é um texto reto. Se eu fosse traçar o movimento dos temas que se desdobram, muitas vezes ao mesmo tempo em minha mente, se sobrepondo e se cruzando com os acontecimentos do mundo exterior, seria mais fácil resultar em um novelo. Uma teia, talvez. Uma rede? Um ninho. Resultado talvez de reflexões cujas trajetórias interiores foram limitadas pelos muros do confinamento e pelo medo de um vírus que levou milhares de pessoas nos últimos meses. Se antes eu podia dedicar-me a leituras deitada em gramados atraentes, nas sombras das árvores, agora faz 6 meses que não saio de entre as paredes de casa. Movimentos circulares são o que me resta. Como, talvez, os de alguns dos pacientes do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) no pátio em dias de sol. De alguma forma, essa escrita e, em suma, todo esse processo de pesquisa se deu entre muros. Haja vista os muros do HCTP de Florianópolis, os da universidade (às vezes tão altos quanto os anteriores) e os de casa, devido à pandemia de COVID-19.

Demorei um tempo para perceber de que verdadeiramente se tratava minha pesquisa. Talvez não quisesse admitir, porque achava que não era suficientemente acadêmico, então tentava disfarçar com outros nomes complicados e cheios de “:”. Mas, na verdade, se tratava de contar histórias. De compartilhar histórias. E ela estava cheia disso, por mais que eu não me desse conta. No fundo, no fundo, sempre estava lá. Mesmo antes do mestrado. Estava lá quando escolhi fazer Teatro e depois no Cinema e então quando enveredei pela Educação. Estava lá quando me encantei pela pedagogia crítica de Paulo Freire e quando me emocionei com o trabalho das Imagens do Inconsciente de Nise da Silveira. Tratava-se não apenas de contar histórias, mas de reconhecer e considerar as histórias pessoais de cada um. De respeitar seus percursos e individualidades. De compartilhar trajetórias e conhecimentos. De perceber e receber com acolhimento as diferenças. Tratava-se de alteridade.

Para dar alguma ordem a esses pensamentos, mistura de memórias e reflexões, dividi este trabalho em três partes. A primeira delas se chama “Uma Biografia Torta” e trata de apresentar uma personagem importante: eu mesma, a pesquisadora. Porque este texto, afinal, é também minha história. Uma história que cruza várias pequenas histórias. E, essa primeira

coletânea, digamos assim, refere-se aos acontecimentos e questionamentos pessoais que me levaram a querer trabalhar com oficinas de cinema no HCTP.

A segunda parte, “Cinema, Educação e Confinamento”, é uma tentativa de aterrar um pouco os pensamentos e esclarecer as bases teóricas e metodológicas que usei para realizar a pesquisa. Digamos que aí dou nome às vozes dentro de minha cabeça. Esses faladores incansáveis, com quem passei tantas tardes silenciosamente tagarelando, mestres que me inspiram tanto no trabalho, quanto na luta: Fernand Deligny, Nise da Silveira, Antón Makarenko e Paulo Freire. E junto com eles aos queridos companheiros de pesquisa no mundo concreto, sempre prontos a discutir, estudar e *fazer* (eterno impulso): Ana Preve, Luiz e Danilo<sup>1</sup>.

A terceira parte dedica-se a relatar as viagens que fiz para dentro dos muros do HCTP. As viagens, os aprendizados, os encontros, o cineclube, os filmes, os cafés, as conversas, os causos. Talvez aí as linhas estejam ainda mais embaraçadas, curtas, enozadas, mas dificilmente eu encontraria forma mais justa de expressar-me. Se houve algo com que me identifiquei no HCTP, foi com a forma não convencional de conversar deles, esses que muito rápida e/ou clinicamente se chamaria de “loucos”, “doentes mentais” etc. Forma um tanto fantasiosa, um tanto sincera, desinteressada e despreocupada com as costuras. A paisagem se dá pela união dos fragmentos. E que liberdade essa!

Peço que me desculpe pelo modo vagabundamente (in)eficaz, escorregadio e afeito aos devaneios de minha escrita. Escrever é uma habilidade que de fato exercitei (e muito) nos últimos meses, mas ainda resta muito que caminhar.

Lena Zanin,  
Florianópolis, primavera de 2020.

---

<sup>1</sup> Ana Maria Hoepers Preve, graduada em Biologia e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, professora no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, coordenadora do grupo de pesquisa “Atlas – Geografias, Imagens e Educação” e membro da Rede de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”. Luiz Guilherme Augsburg, graduado em História pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, mestre e doutorando em Educação pela UDESC, membro do grupo de pesquisa “Atlas” e oficinheiro no HCTP. Danilo Stank Ribeiro, graduado em Geografia, mestre e doutorando em Educação pela UDESC, membro do grupo de pesquisa “Atlas” e oficinheiro no HCTP.

Varando a grade, a nada mais se agarra / o olhar tomado  
de um torpor profundo: / para ela é como se houvesse mil  
barras / e, atrás dessas mil barras, nenhum mundo. // Seu  
firme andar de passos gráteis, dentro / dum círculo talvez  
muito apertado, / é uma dança de força em cujo centro /  
ergue-se um grande anseio atordoado (RILKE, 1993, p.  
81).

## DENTRO DE MIM NINGUÉM ENTRA. UMA BIOGRAFIA TORTA

*“Se meu corpo continua preso, minha cabeça está solta.  
Ninguém a pega, ninguém a alcança.” (José Castello)*

### COMO DIZER O QUE SINTO?

[1]

Lembro de ter lido Drácula aos 12 anos. Comprei uma versão de bolso num sebo no centro de Blumenau. No livro a narrativa é contada através de trechos de diários, notícias, cartas, telegramas e transcrições de gravações. Uma colagem. Uma compilação. Estava eu juntando todos os trechos desconjuntados de escritos que fiz a cerca de minha trajetória até chegar ao mestrado e percebi que talvez a própria seleção de trechos já seja suficiente para dizer o que quero dizer. Talvez meu forte não seja a linearidade, e nem fazer as costuras. O que é engraçado, porque no texto da qualificação estava certa de que minha reunião de retalhos não muito bem arrematados era uma questão de tempo. Mas talvez seja mais uma questão de forma. Uma das primeiras coisas que temos que lidar ao trabalhar com os “loucos” em um Hospital Psiquiátrico é a necessidade de abrir-nos para outras formas de conexão e manifestação de ideias. Talvez o trabalho com eles tenha me aberto os olhos para minhas próprias formas de conexão e reconexão. E este tempo de quarentena definitivamente tem feito o mesmo. Está difícil agarrar as conclusões. Mas escrever, neste caso, é comunicar, partilhar, “tornar comum”. Então, vamos lá. Tendo isso em mente, sinto que posso me aventurar um pouco aqui. Vamos lá. Vamos ver... Vou tentar desta outra forma. Para começar, roubo os trechos curtos da forma de escrita de um amigo querido do grupo de pesquisa, Danilo.

[2]

“A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se agita durante uma hora sobre o palco e, depois, não se escuta mais sua voz. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria que não significa nada” (SHAKESPEARE, 2015, p. 882), já dizia o pobre Macbeth ao ser informado sobre a morte de sua esposa. A frase de Shakespeare fala da brevidade e falta de sentido da vida. De fato, por mais apegados que sejamos a relações de causa e efeito, muita coisa na vida acontece sem que estejamos preparados e nos pegam de surpresa. Mesmo a vida organizada mais meticulosamente está exposta a imprevisibilidade dos acontecimentos. Controlar todas as variáveis está além das nossas

capacidades. Milhões de histórias individuais se entrelaçam e se sobrepõe, disparando as mais diversas consequências cujos desdobramentos nem sempre poderão ser calculados completamente. Uma boa parte do que se passa em nossa vida de fato depende de sorte. Além disso não percebemos uma grande parte dos elementos que são inconscientemente considerados ao tomarmos essa ou aquela decisão. Quantas vezes nos surpreendemos conosco mesmo ao reagirmos de maneira inesperada à determinadas situações? No entanto nos agarramos à pequena parte dos acontecimentos sobre os quais temos maior controle, e, como consequência, quando buscamos representar ou relatar uma vida, nosso movimento inicial costuma ser o de tentar apontar, num desencadeamento lógico, acontecimentos importantes que mostrem um percurso objetivo com começo, meio e fim, ignorando todas as demais possíveis interferências que pesaram nesta ou naquela decisão. Fazemos o possível por apresentar os acontecimentos como se todas as variáveis tivessem sido calculadas em um projeto proposital e bem arquitetado, a fim de validar um significado maior para as conquistas de determinado sujeito. Buscando as palavras do cineasta Allain Robbe-Grillet (apud BOURDIEU, 1981, p. 185): “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório”. Dessa forma a linearidade causal de uma narrativa é uma escolha lógica, mas reducionista da própria dimensão múltipla da vida e da personalidade de um indivíduo. Refletindo sobre a ilusão biográfica, diz Bourdieu (1981, p. 185):

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

Bom, há também que se considerar que quando relatamos determinada experiência, os sujeitos envolvidos se tornam inevitavelmente personagens, incluso nós mesmos, e, por mais bem elaborados que os personagens possam ser, há uma limitação. Não nos é possível de fato apreender racionalmente e comunicar toda a complexidade humana e de fatores que motivaram os sujeitos reais a fazer isso ou aquilo. Cabe-nos, no máximo, ao relatá-los, resumir os fatores e circunstâncias numa escolha arbitrária. A verdade é que sempre que lemos um livro ou assistimos um filme há uma boa parte da interpretação ou aceitação das motivações dos personagens que ficam a cargo de nossa identificação, acabamos preenchendo com sentimentos similares despertados por memórias pessoais os personagens, nos aproximando assim de suas narrativas. Adriana Fresquet (2017), levantando algumas reflexões trazidas pelo psicólogo

russo Vigotski a respeito da importância vital da capacidade de imaginação humana, conta que o ser humano é capaz de aprender a partir de suas experiências, mas que também é parte vital de sua capacidade de adaptação, a elucubração de novas situações e possibilidades, articulando elementos trazidos de sua realidade e experiências anteriores em novas combinações. Essa capacidade de associar as experiências anteriores à novas situações hipotéticas é o que liga o ser humano aos personagens, complexificando as características desse e aumentando a potência imersiva das histórias.

Cientes desse complexo mecanismo humano de relacionar-se com personagens, mas aceitando nossa limitação descritiva, a verdade é que não sei se há como fugir de certa linearidade numa autobiografia, visto que é um desses comportamentos quase autômatos e inconscientes, isso de localizar sinais, dotar tudo de sentido. Digamos que nossa vontade total de inteligibilidade é uma busca constante por segurança e terra firme. Quando temos experiências que não nos permitem alcançar seu sentido, eis que surge um sentimento de espanto e desamparo, como aquele vivido, por exemplo, no filme “Cidade dos Sonhos” (2001), do diretor David Lynch. Ter este tipo de experiência chega a ser cansativo, irritante e angustiante. Procuramos em vão encaixar peças que parecem ter as pontas tortas.

[3]

No caso de “Cidade dos Sonhos” (2001), a sensação de desamparo que sentimos ao termos desafiada nossa lógica, é na verdade, aumentada, de forma que o incomodo se torna perceptível. De alguma forma, esse incomodo pode aparecer em determinados momentos da vida sempre que somos confrontados com grandes questões que desafiam nossos *quês* e *porquês*: qual a origem do mundo? o que existe depois da morte? por que existe o sofrimento e a injustiça? No caso de Macbeth (SHAKESPEARE, 2015), a sua fala desolada se dá por ter acabado de receber a notícia da morte de um ente querido. Acrescenta-se a isso a culpa decorrente das visitas constantes dos fantasmas das pessoas que Macbeth havia assassinado. Seus esforços para tornar-se rei o estavam levando a um sofrimento moral excruciante. Diante disso, sua vida perdeu o sentido.

[4]

Mas há ainda um outro tipo de falta de sentido que causa angústia, talvez não uma tão atroz quanto a do rei Macbeth, mas ainda assim. Considere que você acabou de assistir “Cidade dos Sonhos” (2001) e agora está pasmado tentando desvendar seus segredos e nada parece



funcionar. Então, você percebe que todos os seus amigos parecem ter alcançado a compreensão do suposto filme, mas esta, simplesmente, continua a fugir *de você*. É *você* que não compreende algo que é aparentemente óbvio. Sua experiência foi diferente, você diz para si mesmo. Mas essa pulga atrás da orelha começa a lhe picar. Com o tempo outras experiências parecidas acontecem, você fala entusiasmadamente sobre coisas que aconteceram com você e percebe que os demais estão lhe olhando de forma estranha. Não, ninguém mais tem este tipo de experiências. Somente você. Você começa a duvidar de si mesmo. “Será que a minha cabeça não funciona direito? Qual o meu problema?” Você passa a guardar suas experiências somente para você para não ser considerado “louco”.

[5]

Bourdieu (1981) alerta para a possibilidade de desvalorização social que pode haver em retratar a própria vida sem a rigidez institucionalizada de uma personalidade constante e objetiva, correndo o risco de ser considerado uma pessoa não confiável:

O mundo social, que tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, a maneira de urna história bem construída (por oposição a história contada por um idiota), dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu. (BORDIEU, 1981, p. 186).

Então, creio que me arriscarei aqui. O risco está em revelar um tanto de coisas que se desdobraram em minha vida interior, tanto quanto os fatos e desencadeamentos lógicos de minha vida exterior. Como você poderá verificar no decorrer dos textos que se seguem, o questionamento constante de minha própria “normalidade” é um dos aspectos significativos que me levou a querer realizar oficinas em um Hospital Psiquiátrico. E, trabalhando lá, tornou-se cada vez mais claro o quanto a subjetividade de cada sujeito interfere na interpretação que este faz do mundo. A falta de previsibilidade ou ordenação da mente de alguns dos pacientes-participantes das sessões de cineclube que organizamos dentro do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HTCP) de Florianópolis, apresentavam camadas de interpretação da realidade ou dos filmes que, quando não imediatamente refutadas pela nossa obsessiva busca de sentidos lógicos, de causa e efeito, abriam possibilidades para desdobramentos diversos, inusitados e sensíveis de percepção dos acontecimentos.

DOIS LIVROS GUIAS

[6]

Para além dos muitos livros, textos e artigos que li nestes dois anos de pesquisa, há alguns autores que se destacaram pela grande inspiração de vida que me trouxeram, tanto no âmbito da educação, quanto como exemplos de trabalho e humanidade. Durante este trabalho, é com carinho que me refiro aos autores Antón Makarenko, Paulo Freire, Fernand Deligny e Nise da Silveira, de quem falarei mais adiante. Mas, para este momento, há dois livros específicos que gostaria de destacar. Estes livros não estavam nos planos, acabaram me chagando às mãos por desenrolares inusitados do processo de pesquisa. O primeiro deles, “Dentro de Mim Ninguém Entra”, de José Castello (2016), foi recomendado pelo Prof. Leandro Belinaso Guimarães, que, ao participar de minha banca de qualificação, com muita sensibilidade, notou que havia um tanto de *dor* em minha escrita. Para me inspirar, falou-me deste livro que o jornalista José Castello escreveu inspirado em uma entrevista que fez, em 1989, dentro do Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, com o famoso Bispo do Rosário. O livro divide-se em duas partes, a primeira delas, uma ficção, relata a história de um menino chamado Arthur (primeiro nome do Bispo), que se encontra internado em um hospital sem que seus pais ou os médicos lhe digam qual é o motivo. Para passar o tempo e aquietar seus pensamentos, o menino cria histórias em um caderno que faz questão de esconder. O caderno para ele é sagrado, é onde coloca seus pensamentos que ninguém mais pode ver, pois, acredita, que não entenderiam ou o achariam maluco, tornando-se para ele, então, o que o faz poder criar e viajar para dentro de si mesmo, onde ninguém o pode alcançar. A segunda parte é o relato da visita que o jornalista fez ao Bispo, juntamente com um amigo fotógrafo, em 1989. A narrativa do livro comoveu-me muito. Contive-me para não o ler correndo. Sabia que quanto mais prolongasse a leitura, mais tempo me inspiraria o livro. Em muitos momentos sentia-me conversando com o menino Arthur e parava para apreciar as memórias e imagens interiores que me trazia. De fato, nas diversas vezes em que minha escrita travou completamente, o livro me dava novo ânimo para escrever.

[7]

O segundo livro me foi dado por um amigo. Ele sabia que eu estava interessada no assunto e, ao esbarrar com o livro em um sebo, decidiu comprá-lo para me presentear. Trata-se de “Memórias, Sonhos e Reflexões”, de Jung. O como cheguei a ter interesse em Jung é que se trata de uma série de desdobramentos da pesquisa, desses que você acha que é somente um

atalho e, quando vê, se depara com uma nova parte da paisagem, até então desconhecida, mas tão interessante quanto a anterior.

Inicialmente, quando decidi trabalhar com oficinas de Cinema no HCTP, tinha a intenção, se as coisas conspirassem a esse favor, de realizar um filme lá dentro. Para pensar nas possibilidades de realização disto, dediquei-me a assistir, primeiramente, filmes realizados dentro de Hospitais de Custódia e Tratamento brasileiros. Encontrei poucos, mas foram de grande esclarecimento e um deles, em particular, tocou-me profundamente. Trata-se de “A Casa dos Mortos” (2009), de Débora Diniz. Filme de grande sensibilidade ao retratar a situação do HCTP de Salvador a partir de um poema feito por um dos pacientes. Em seguida, parti para os documentários feitos em hospitais psiquiátricos e prisões brasileiras, enquanto instituições separadas. Nessa busca cheguei até a trilogia de filmes “Imagens do Inconsciente” (1987), feitas em parceria entre o diretor Leon Hirzmann e Nise da Silveira, nos anos 1980, sobre o trabalho com terapia ocupacional, no ateliê de pintura e escultura de Nise, dentro do Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro. Fiquei encantada com as possibilidades que estas artes traziam de permitir que os doentes expressassem através de imagens o que traziam dentro de si. Eis que Nise da Silveira foi uma profunda estudiosa de Jung e inclusive escreveu uma biografia sobre o autor. Decidindo aprofundar-me no estudo sobre seu ateliê, ao procurar livros de sua autoria em bibliotecas universitárias, encontrei justamente e unicamente esta biografia. Decidi levá-la para casa. Pensei que seria um bom começo para compreender o pensamento de Nise entender quem era Jung e como este lhe inspirara. Assim sendo, meu primeiro contato com Jung foi através das palavras de Nise. Fiquei especialmente interessada em sua separação dos Tipos Psicológicos. Perceber que há diversas formas diferentes de apreensão da realidade e adaptação ao mundo abriu novas possibilidades de reflexão para mim. Identifiquei-me fortemente com o tipo Intuição-Introvertida e isso me trouxe alívio. Entendendo que cada tipo tem suas características fortes e suas dificuldades, me desprendi da necessidade de precisar ser boa em coisas nas quais nunca tive a mínima habilidade. Com o passar do tempo tive acesso a outros livros de Nise que focavam mais em seu trabalho no ateliê. E, alguns meses depois, para a minha surpresa, ganhei, o já citado, “Memórias, Sonhos e Reflexões” de presente.

Comecei a leitura deste livro durante os dias de confinamento. Já estava, portanto, vivendo uma situação um tanto peculiar quando tivemos nosso primeiro contato. E por peculiar aqui, entenda-se mais à-flor-da-pele do que o normal. Talvez isso tenha interferido. Talvez eu seja uma pessoa por demais impressionável, mas o caso é que desde as primeiras páginas, o livro causou um forte impacto em mim. O livro é a biografia de Jung, escrita por este em

companhia de sua amiga e pupila Aniela Jaffé. “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou” (JUNG, 1992, p. 19). Nas descrições das experiências do jovem suíço da metade do século XIX, identifiquei eu mesma várias experiências que eu também tinha vivenciado em minha juventude, dessas que é difícil contar, porque as pessoas tendem a não compreender. Muitas vezes o livro não traz uma explicação do que foi este ou aquele fenômeno, mas, pela primeira vez, ler que outra pessoa partilhou de tais experiências me tirou um grande peso dos ombros. Não que meu desejo fosse afinal atestar minha *normalidade*, mas sim, de alguma forma, ter alguma confirmação de que estas experiências poderiam não acabar tragicamente. Jung afinal, passou por duas grandes guerras, mergulhou profundamente em sua psique e ainda assim emergiu e viveu uma vida longa e repleta de realizações. As percepções sobre mim mesma e sobre os desdobramentos da personalidade e as interferências do inconsciente na vida consciente me fizeram recordar inúmeras vezes dos pacientes do HCTP e trouxeram uma nova luz à análise das experiências das oficinas de Cinema que ministramos lá. Este, afinal, virou meu livro da tarde.

## REFLEXÕES CONFINADAS

[8]

“Preciso fugir daqui, mas sei que não posso. Acho também que não devo fazer isso. Ou será que devo?” (CASTELLO, 2016, p. 7)

[9]

Florianópolis, 13 de abril de 2020.

Dia 30 sem sair de casa. O dia está cinzento, mas não chove. Há semanas que não chove. A terra está bastante seca. Não venta. Um tempo abafado e silencioso.

Nos primeiros dias do confinamento as horas passavam lentamente e parecia que cada dia durava uma semana. Como se fosse um largo domingo. A primeira semana durou um mês. As ruas estavam silenciosas a não ser por uma quantidade cada vez maior de ambulâncias passando para lá e para cá. Pairava uma atmosfera estranha, onírica quase. O comércio e as universidades fecharam e uma grande dúvida sobre o futuro começou a pesar no ar. Encontrariam a cura? Até lá, quantos morreriam? Aqui em casa somos três pessoas, todos sobreviveríamos? E nossos pais? Poderíamos ir vê-los? As cidades seriam fechadas? E se estivéssemos contaminados e acabássemos passando para nossos parentes? Melhor não se mover. Não há muitos testes na cidade. Só se testam os casos graves. Mas, em contraste, quanto mais caótica e opressiva ficava a situação política, econômica e pandêmica, mais tranquilos iam ficando os arredores. Os pássaros começaram a vir em maior quantidade e se aproximar mais dos prédios. Uma quantidade grande de borboletas e beija-flores agora entram na varanda. Os saguis visitam mais vezes os pinheiros em frente aos prédios. Os seres humanos pararam e a natureza por sua vez ganhou força e se ergue cada vez mais imponente e sagrada. Em algumas cidades, como Veneza, a água dos canais pela primeira vez em décadas se acalmou e foi possível ver o fundo. Animais selvagens começaram a aparecer pelas ruas de algumas cidades. Há algo de lindo nisso, é inegável. Algo de perceber que se o ser humano se for, a natureza não

demorará a se recuperar de nosso caos. Há esperança para o resto da vida na terra, muito mais do que se permanecermos aqui. Não é um pensamento feliz, no entanto, esse de pensar no fim do ser humano. É agri-doce. Nossa maior luta sempre foi contra nós mesmos. O impulso destrutivo do Homem. Pensar que a vida na terra que levou milhões de anos para se desenvolver, todas as plantas e animais, tudo isso estaria mais seguro sem nossa presença, é agri-doce. No entanto, seria uma pena a extinção do animal humano também, com todas as suas características específicas: incrível capacidade criativa, a arte, a filosofia, a complexidade de raciocínio e sentimento. É uma pena que sejamos nossos próprios algozes. “O que o homem fez com o homem?”, já se perguntava Lawrence (1966), na voz de Constance. “É um pesadelo.”

[10]

“Só porque estou preso a esses fios tenho bastante tempo para pensar em minhas histórias. Só porque tenho essa parede na minha cara sou obrigado a olhar para dentro o tempo todo. [...] Fora daqui sobra muito pouco tempo para eu pensar.”  
(CASTELLO, 2016, p. 7)

[11]

Volto no tempo. Olho para dentro. Minha infância me visita com uma frequência cada vez maior. E não é algo que eu controle. Parece que depois de anos de um turbilhão de barulhos exteriores e pensamentos sobre pressão, rompeu-se agora, no silêncio, uma represa de memórias contidas. Coisas que eu não tinha ideia de que moravam ainda em mim. E não param de vir, a qualquer momento sou invadida por uma nova. As palmeiras na frente casa de meus avós quando toda a rua ainda era de barro e não havia portão. Isso faz realmente muito tempo. Décadas. O regador verde que eu enchia de água para regar as roseiras de minha avó. A garrafa pequena de refrigerante, de vidro, que meu avô comprava para mim quando ia jogar bocha na cancha de seu irmão. Os galhos de hibiscos coloridos que roubávamos dos jardins das casas perto da praia para levar para minha avó. Os pés de amorinha silvestre que brotaram na beira do rio... E no jardim daquela casa em construção que

eu visitava com a gurizada da rua nas tardes quentes, quando tinha 5 anos. Também no jardim do vizinho, onde me pendurava no muro para conversar. Um dia caí de lá tentando pegar um cacho de bananas e arranhei a perna. Não, espera, arranhei a perna outra vez ainda, tinha o hábito de fingir que o muro era uma corda bamba, mas já em outra casa. Caminhava com uma tranquilidade incrível sobre o muro, para lá e para cá, aquele dia me assustei, com o quê? Tinha medo das bananeiras. Minha mãe dizia que as cobras se escondiam lá. Lembro-me do pé de carambola da vizinha e do buraco no meio de seu jardim, onde, dizia a lenda, havia uma velha enterrada, o que nos causava enorme pavor. Lembro-me dos pastos em grande declive no fim da rua. Lembro-me dos sonhos que me deixavam noites e noites acordada. Tinha medo de que alguém colocasse fósforos em volta da casa e os acendesse enquanto eu dormia, fazendo assim minha família toda morrer queimada. Ficava horas acordada prestando atenção nos sons em volta da casa. Apavorada. Não lembro quanto durou isso. Além disso, uma vez uma fraude grudou em meu machucado no joelho\*. Por que estava machucado? Eu vivia pendurada em árvores. Havia um balanço numa das árvores que balançava muito alto. Quando estávamos no limite da parte mais alta a que o balanço poderia chegar, ficávamos sobre um tapete de marias-sem-vergonha. Eu achava aquilo mágico. Era meu jardim-secreto. Era importante que fosse secreto. Eu vivia procurando lugares secretos onde eu poderia ficar sentada, escondida, imaginando. Por que tinham que ser secretos? Eu buscava constantemente lugares em que pudesse ficar em silêncio e ir “pra dentro”. Gostava particularmente dos muros de pedra. Especialmente se estivessem úmidos ou com musgos. Me sentia transportada para outras eras perto desses muros. E a praia. Sempre a praia. Gostava de entrar no mar para cantar. Conversava com o mar, sempre. Desde pequena. Sentia-me protegida dentro do mar. Segura. Sentia que o mar me acolhia como uma grande-mãe. Lembro-me de minha avó. Ela gostava do mar, mas quando eu era criança ela já não podia enxergar muita coisa, então a pegávamos pelo braço e guiávamos devagar até a beirada. Ela sorria. Lembro-me do som da risada de minha avó. Tantas imagens, às vezes fico zozona.

[12]

Ficar confinado muda o funcionamento da gente. Penso constantemente nos pacientes do HCTP e na reviravolta da vida quando se é preso pela primeira vez. Quando fizemos nossas oficinas, vários pacientes já haviam passado pelo HCTP antes, uma, duas até mais vezes. Alguns pensavam constantemente em sair, outros tinham medo. Depois de um tempo de confinamento o tempo passa a correr diferente. Me surpreendia um pouco a alegria deles com a possibilidade de poderem sair dali há 4 ou 6 meses. Para mim pareceria uma eternidade. Mas com a percepção de agora, acho que esse tempo passaria correndo. Depois de uns meses distante eu não lembrava mais com nitidez do rosto dos pacientes que participaram do cineclube conosco. Agora, de vez em quando, o rosto de um deles me vem vivamente à mente. Tenho curiosidade de saber como estão. É difícil encontrar notícias. A situação não está nenhum pouco boa para quem está preso. Os pacientes do HCTP, em sua maioria, dormiam em enfermarias coletivas, várias camas uma ao lado da outra com não muito espaço entre elas. Uma pessoa contagiada lá e você pode imaginar em quanto tempo o vírus se espalharia para os demais. Bom, não sair nenhuma notícia sobre isso pode ser um bom sinal.

[13]

“Foi contando essas histórias para mim mesmo que eu descobri que, além do mundo de fora – com seus pais e suas escolas e seus inspetores e suas professoras – existe um segundo mundo dentro de mim.” (CASTELLO, 2016, p. 12)

[14]

A primeira lembrança que tenho de estar no teatro, é de quando tinha 4 anos. 1994. Blumenau. Santa Catarina.

As filas de poltronas pareciam muito longas e, no escuro, só era possível ver o contorno das pessoas que estavam sentadas



no auditório. “Chapeuzinho Vermelho”. Algum trocadilho engraçado com “bolo de festa” e “lobo da floresta” fez todos rirem. O grande auditório do Teatro Carlos Gomes, com suas paredes altas e bonitas cortinas vermelhas, estava lotado de pais e crianças. Eu estava sentada no colo de meu pai para ficar mais alta e conseguir assistir ao espetáculo. Sabia que minha mãe estava sentada na poltrona ao lado. Não lembro de mais detalhes da peça, mas lembro da sensação. Eu estava feliz.

Desde então, sempre que possível eu ia ao teatro. Eu gostava de estar lá, de me deixar encantar pelos personagens, de ver o teatro cheio, de sentir o cheiro do teatro, de sentir a pequena mudança de temperatura do lado de dentro do edifício – um pouquinho mais frio devido as paredes antigas, altas e maciças. Era uma das poucas coisas melhores que ler ou inventar histórias. Sentia-me protegida lá dentro. Em casa. As paredes grossas e frias do antigo edifício mexiam com a minha imaginação. Podia imaginar pessoas de diversas décadas andando por aquelas escadarias. E eu entre elas.

[15]

Peguei por acaso este livro, “Lavoura Arcaica” (NASSAR, 2016), para fazer um tripé improvisado para minha câmera. Abri aleatoriamente as páginas e deparei-me com estas palavras:

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; não eram duendes aqueles troncos todos ao meu redor, velando em silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente? que urnas tão antigas eram essas liberando as vozes protetoras que me chamavam da varanda? (NASSAR, 2016, p. 11)

[16]

Quando criança eu sentia um apego forte com as árvores. Para mim havia alguma sábia imponência nas árvores, especialmente nas antigas. Era como se elas soubessem de tudo.

Como se elas fossem a chave do grande segredo que rege o universo. Se eu me sentia com o coração pesado, o mais fácil era compartilhar os meus desgostos com as árvores. Nem era preciso falar, era só ter a intenção de falar com uma árvore que ela imediatamente sabia de tudo e então, em seu silêncio, se abria para um abraço receptivo, cheio de afeto. Afeto, sim. Como um velho sábio que vê os dramas por que passam seus pupilos com paciência e carinho. Ver uma criança abraçando uma árvore pode parecer bonitinho. As crianças têm essa liberdade. Enquanto adulta só tenho coragem de fazer isso quando sei que ninguém está olhando. Muitas vezes, ainda hoje, quando me sinto triste, sinto uma vontade imensa de me deitar na terra e me cobrir de folhas. Ou me enfiar embaixo de raízes.

Crescer rodeada de pessoas me deu recursos muito bons de adaptação ao mundo social, posso ser animada e até extrovertida por um tempo, mas sempre saio inevitavelmente cansada do encontro com outras pessoas e preciso logo buscar refúgio e silêncio. Ao mesmo tempo, definitivamente prefiro o trabalho coletivo e funciono muito melhor quando posso estudar ou trabalhar em grupo. É uma das coisas que dá algum trabalho balancear. É como se existissem duas de mim. Uma delas é ativa e agitada e gosta de estar rodeada de pessoas e encara os desafios do mundo real com o pé no chão. A outra é essa, mais silenciosa e mística, que busca o refúgio das árvores e do mar, que se desprende de seu tempo e pertence à outras eras. Que busca os segredos da natureza e não tem ambição nenhuma a não ser ver suas plantas crescerem. Que não precisa de casa, só precisa de terra. Essa vê outras cores, ouve outras vozes, entende de outras coisas. Ela não se envolve muito com o mundo de cá, mas quando o faz é certa. Seus palpites nunca falham. Um ser da floresta. Uma espécie de bruxa. E ela é forte.

Perturbadíssimo, tomei consciência de que, na realidade, havia em mim duas pessoas diferentes: uma delas era o menino de colégio que não compreendia matemática e que se caracterizava pela insegurança, o outro, era um homem importante, de grande autoridade, com quem não se podia brincar – mais poderoso e influente que aquele industrial. Era velho, que vivia no século XVIII, usava sapatos de fivela, peruca branca e tinha, como meio de transporte, uma caleça cujas rodas de trás eram grandes e côncavas e entre as quais o assento do cocheiro ficava suspenso por molas e correias de couro. (JUNG, 1992, p. 43)

O que digo agora em frases que se desenvolveram umas a partir das outras era, naquela época, incapaz de traduzir em frases articuladas: tudo não passava de pressentimento perturbador e de sentimento intenso. (JUNG, 1992, p. 52)

[18]

Florianópolis, 27 de abril de 2020.

Hoje choveu um pouco, algumas gotas. Agora o tempo abriu e o sol entrou na sala pela porta da varanda, mas o céu continua cinzento. O clima interfere em meu estado de espírito. As gralhas azuis estão agitadas, mas silenciosas. Ouço um pio novo, baixinho. Talvez estejam com filhotes. Acho graça quando vejo as gralhas para lá e para cá em silêncio. Ouço elas trocando de galhos. Nem assim conseguem ser discretas, mas sempre me dá a impressão de que estão aprontando alguma coisa. As gralhas são pássaros famosos pela sua inteligência. Pego meu binóculo e espio. Que estarão armando? Volto para o sofá. Da varanda, as cascas de limão que deixei ao sol olham para mim. Me criticam. Secaram demais. Tinha a intensão de extrair óleo delas, mas perdi a vontade com o passar dos dias. Agora estão tão secas que, batendo uma contra a outra, emitem um som parecido com o das castanholas. Isso da vontade é um dos mistérios que me atazana. Pouca coisa que começo, continuo-a. Os dias passam muito rapidamente agora. Uma semana não parece durar mais que 24 horas e isso a despeito da insônia. Já não sinto necessidade e nem capacidade de fazer vinte coisas no mesmo dia. A leitura do livro anda na velocidade que tem que andar. Todos os dias me sento na varanda e converso com Jung. Isso. Tomamos chá. Já o considero um amigo e tenho muita vontade de saber o que vai me contar

agora. No entanto, algumas coisas são deveras complicadas e sinto não poder realmente me sentar com sua pessoa e questioná-lo mais a fundo. Leio. Me emociono com algumas partes, com a grande semelhança entre vivências minhas e dele. Ler Jung agora me faz muito bem. Me traz alívio. Saber que há sentido no que sinto, me distancia da loucura. Talvez nem tanto. O próprio Jung temia ter o mesmo fim de Nietzsche. Muitas vezes sinto-me arrastar para o universo de minha eu nº 2. Muitas vezes considerei que só havia verdade nela. Talvez isso ainda seja certo e por muito tempo minha angústia se devia a sensação de, por conta das correrias da vida, não conseguir acessá-la. Jung sentia que do eu nº 2 de sua mãe emanava uma certa força pagã que a relacionava fortemente com a natureza. Penso nisso nesses dias. Quando meu eu nº 2 toma conta, sinto que me afasto desse mundo. Quando ele se cala, no entanto, não vejo força e nem sentido em nada mais. Penso nas peças de Garcia Lorca e na força telúrica de suas personagens e narrativas. Essa força que se apresenta como algo inegável e inevitável, quase um oráculo, e que, quando contrariada, acaba inevitavelmente em desgraça. Essa força que traz profundidade e significação para a vida. E ainda aí há contradição. Apesar de viver em um mundo que parece paralelo, de minha eu nº 2 é que emanam os sentimentos de compaixão para com a humanidade. Se minha eu nº 1 não teria dúvidas sobre apertar o botão que exterminaria a raça humana e salvaria os animais e as plantas do fim trágico a que caminhamos, é minha nº 2 que se comove com a capacidade criativa e amorosa da raça humana. É preciso achar equilíbrio entre elas. A negação de minha nº 2 me leva ao nada. A entrega a ela me afasta do mundo.

[19]

Minha mãe foi extremamente boa para mim. [...] uma velha senhora gorda, muito hospitaleira, que cozinhava muito bem e tinha muito senso de humor. Partilhava de todas as opiniões tradicionais, revelando porém, repentinamente, uma personalidade inconsciente de um poder imprevisto – um aspecto sombrio, imponente, dotado de uma autoridade intangível. Tal fato era inegável e creio que ela também possuía

duas personalidades: uma, inofensiva e humana; a outra, pelo contrário, parecia temível. Esta última só se manifestava em certos momentos, mas sempre inesperadamente, e me causava medo. Falava então consigo mesma e suas palavras me atingiam profundamente, de tal maneira que em geral ficava calado. (JUNG, 1992, p. 54)

[...] ela (minha mãe) estava – não sei de que modo – ancorada num fundo invisível e profundo, que nunca me pareceu aparentado com a certeza da fé cristã. Esse fundo tinha, segundo me parecia, uma ligação com os animais, as árvores, as montanhas, os campos e os cursos d’água, o que contrastava singularmente com a superfície cristã e as manifestações convencionais de sua fé. (JUNG, 1992, p. 88)

[20]

Em 2013 tive a experiência de ministrar oficinas de teatro para uma comunidade indígena laklãnõ-xokleng em Ibirama-SC. Numa pausa entre oficinas, fomos eu e outra professora dar uma volta pela floresta guiadas por um de nossos alunos. Ele se movia com uma agilidade muito maior que a nossa entre as plantas e ia nos falando o que era esta e aquela, até que paramos em frente a uma imensa árvore, com quase 30 metros de altura. Senti uma necessidade imensa de tocá-la. Ele percebeu e contou que na tribo eles aprendem que as árvores têm o poder de limpar a mente. Ele pediu para que eu respirasse muito fundo fechando os olhos e tocasse na árvore. Após alguns segundos, quando abri os olhos ele perguntou: “não sentiu um alívio?”. Senti. Continuei a segui-los a passos muito vagarosos, para que pudesse ficar por mais tempo na presença da árvore. Naquele momento nos conectamos e não queria romper rapidamente nosso contato. Senti uma emoção profunda. Algo maior do que sentira em qualquer templo ou em oração.

[21]

No fundo, sentia-me “dois”: o primeiro, filho de meus pais, que frequentava o colégio, era menos inteligente, atento, aplicado, decente e asseado do que os demais; o outro, pelo contrário, era um adulto, velho, céptico, desconfiado e distante do mundo dos homens. Vivía em contato com a natureza, com a terra, com o sol, com a lua e com as intempéries, diante das criaturas vivas e principalmente da noite, dos sonhos e de tudo o que “Deus” evocava

imediatamente em mim. Ponho a palavra “Deus” entre aspas, pois a natureza (eu inclusive) me parecia posta por Deus, como Não-Deus, mas por Ele criada como uma Sua expressão. Não me convencia de que a semelhança com Deus se referisse apenas ao homem. As altas montanhas, os rios, os lagos, as belas árvores, as flores e os animais pareciam traduzir muito melhor a essência divina do que os homens com seus trajes ridículos, sua vulgaridade, estupidez e vaidade, sua dissimulação e seu insuportável amor-próprio. Conhecia muito bem todos esses defeitos através de mim mesmo, isto é, através de minha personalidade nº 1, a do colegial de 1890. (JUNG, 1992, p. 51).

[22]

Nos momentos em que estou muito triste, aprendi que esse mundo que meu médico não consegue ver pode, também, ficar doente. Quando meu peito dói como se tivessem pisado em meu coração. Quando a gente chora sem saber por quê. Quando a gente sente medo e não consegue controlar esse medo. (CASTELLO, 2016, p. 12)

[23]

Florianópolis, 29 de abril de 2020.

Dia quente. Seco. Triste. Estava tomando café da manhã quando soube da morte de uma amiga de Blumenau. Todas as memórias que tenho dela são de sorrisos gentis e abraços. Era mulher porreta. Pequena, de menor estatura que eu, mas de vontade forte. Por muitos anos estive na equipe de organização do FITUB, motivo pela qual sua morte abalou toda a classe teatral da cidade. Seu velório será com número de pessoas reduzido por conta da pandemia...

A tarde passa estranha. Durante todo o dia senti como que uma bola de ar dentro do peito, um aperto físico que faz com que eu tenha que dar longos e profundos suspiros de vez em quando, senão parece que meu pulmão está se atrofiando.

Quando recebi a notícia, um dos primeiros pensamentos que me veio foi: “foi coronavírus?”. Não, não foi, descobri logo depois. Mas me pus a pensar sobre essa reação. Por que faria tanta diferença isso? Por que esse pensamento logo de cara? Porque seria um marco. Sim. A primeira pessoa conhecida a morrer pelo vírus. Percebo que isso parece ser apenas questão de

tempo. Ansiedade preenche os dias. Mais de 5 mil mortos no Brasil. 500 novos infectados nas últimas 24h somente em Santa Catarina (BRASIL, 2020b)\*. No fundo da consciência, por mais que se tente ignorar, fica a vizinha se perguntando: quem será? Qual de nós? Quando?

O sol se põe. O céu está levemente alaranjado. Hoje passaram mais ambulâncias que ontem. O vizinho de baixo tem se aquietado. Depois que Sérgio Moro saiu talvez tenha perdido um pouco da convicção anti-isolamento. Ou esteja com medo dos números. Ou ambos. As notícias do mundo lá fora seguem como se fosse um roteiro de filme *trash*.

[24]

Havia uma notável diferença entre as duas personalidades de minha mãe. Quando criança, tive sonhos de angústia motivados por ela. Durante o dia, era uma mãe amorosa, mas de noite a julgava temível. Parecia então uma vidente que ao mesmo tempo é um estranho animal, uma sacerdotisa no antro de um urso, arcaica e cruel. Cruel como a verdade e a natureza. Era a encarnação de uma espécie de natural mind. (JUNG, 1992, p. 56)

[25]

Hoje em dia entro em acordos mais facilmente com minha eu nº 2, mesmo assim, quando ela quer, pode se mostrar irredutível. Sei de suas necessidades e não posso tensionar demasiadamente a corda sob o risco de começar a sentir-me profundamente deprimida. Sempre foi muito fácil para mim sentir uma empatia imediata com qualquer tipo de animal. Por este motivo, quando tinha 11 anos comecei a sentir uma imensa culpa sempre que me alimentava de carne. E a minha base alimentar na época era esta por conta de questões culturais familiares. Eu sequer sabia que existia um nome para pessoas que optavam por não se alimentar de carne. Não conhecia ninguém que tivesse feito isso. Foi um período de intensa reflexão e o início do rompimento com minhas concepções católicas sobre Deus. O sofrimento dos animais me era intolerável. Pensar sobre a existência de animais carnívoros me tornava bastante cética sobre a “amorosidade e misericórdia de Deus” que eu ouvia na igreja. Racionalmente eu pesava tudo isso e por meses continuei me alimentando de carne por pura resistência a assumir novos hábitos, mas não havia como continuar. Mesmo que para meu eu nº 1, racional,

permanecessem sérias dúvidas sobre o real impacto de apenas eu mesma não me alimentar de carne, considerando que ninguém na minha família deixaria de matar uma galinha por conta disso, para minha eu nº 2 isso era intolerável. Havia algo de sagrado na vida dos animais que precisava ser respeitado. E não se tratava de algo questionável, era certo e fim. Um limite rígido. Em um domingo, no princípio dos 12 anos, acordei na casa de minha avó e sabia que ela havia vencido. Estava claro que não teria como me alimentar novamente de animais sem que isso me trouxesse um intenso sofrimento moral. Estava decidido e não havia mais como argumentar. Desde então nunca mais comi carne e não creio que voltarei a fazê-lo.

[26]

Que coisas malucas eu tenho dentro da minha cabeça! De onde saiu essa gente toda? Eu tinha vontade de ver minha cabeça por dentro para entender o que acontece dentro dela. Eu queria desmontar minha cabeça, como a gente faz com os quebra-cabeças. Mas a verdade é que sem essas maluquices eu não entenderia nada a respeito de mim mesmo.” (CASTELLO, 2016, p. 59)

[27]

“*O que você vai ser quando crescer?*” — perguntou minha avó. Deitada com a cabeça no seu colo, no sofá da sala, respondi: “*Vou ser cigana!*”. Em minha cabeça infantil não havia diferença entre ser atriz ou cigana, o que importa é que eu moraria em uma carroça com um grupo de teatro e viveria apresentando e lendo destinos nas mãos das pessoas por aí. Eu não teria morada fixa, meu destino era a estrada. Tendo um lugar para parar a carroça e montar nosso espetáculo estaria satisfeita. Em minha cabeça tudo eram panos coloridos, maquiagens e sorrisos. Depois de um tempo, uma terra para plantar muitos pés de fruta, uma pequena comunidade de amigos, uma casinha pequena e aconchegante e um grande galpão para continuar a fazer teatro até o fim dos dias. 25 anos depois e acho que minha eu nº 2 nunca superou esse sonho.

[28]

Cada vez mais percebo que a arte é onde minhas personalidades 1 e 2 se encontram. Mas ainda não sem conflitos.



Por parte de minha nº 2 é uma exigência. Sempre que a vida prática me obriga a ficar por um tempo longe de fazer teatro ou do cinema, começo a me deprimir. No teatro minhas duas personalidades viram uma. Não necessita de acordos. Ambas vibram em completude quando podem estar num palco ou assistindo à um espetáculo.

[29]

Desde que fossem gratuitos ou com preços bastante acessíveis, meus pais costumavam levar a mim e a minha irmã à diversas apresentações artísticas. Eles são peças chaves na minha trajetória nas artes e no meu acesso à cultura. Não apenas por nos propiciar estas oportunidades de conhecer e fruir arte desde cedo, mas por sempre tratar com naturalidade, respeitar e incentivar meu gosto pelo teatro e pela dança. Meu pai contador e minha mãe costureira, ambos distantes em suas profissões do mundo das artes. Os festivais de teatro e dança apareciam como uma oportunidade de diversão em família. Não sei quanto meus pais estavam de fato atentos a essa educação da nossa sensibilidade artística e o quanto ela estava inerentemente ligada ao desenvolvimento de nossos gostos e personalidade. Não sei se era uma questão de reflexão para ambos, algo que planejavam com cuidado. Por si mesmos, sem as filhas, eles nunca iam ao teatro ou a shows. No entanto, parecia coerente que se levasse crianças ao circo e ao teatro infantil. Uma questão cultural, tradicional quase, em nossa pequena sociedade blumenauense. Creio que pouca coisa foi longamente planejada. A vida só ia seguindo.

Entretanto, se quando eu era criança não havia condições financeiras para investir mais numa educação artística específica, houve sempre, por outro lado, por parte de meu pai, essa grande admiração amadora pela arte. Especialmente pela música popular brasileira. Durante a juventude ele até havia enveredado a aprender violão e tocou, por hobby, por algum tempo. Meu pai cresceu durante os anos de ditadura e, já adulto, militou junto a partidos de esquerda. Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil eram a trilha sonora de praxe no toca-fitas do nosso velho Del Rey em qualquer

viagem de família. E lembro de ouvir muitas vezes ele falar sobre a coragem e a genialidade dos artistas capazes de fazer músicas críticas enquanto tinham que burlar a censura. Na fala dele, a música aparecia como uma potente forma de expressão, de resistência e de risco.

[30]

“Dentro da minha cabeça as coisas parecem estar de pernas para o ar - como se eu vivesse em uma sala em que todas as cadeiras estivessem de cabeça para baixo, ou todos os armários, imitando as moscas, estivessem dependurados no teto”.  
(CASTELLO, 2016, p.27)

[31]

Florianópolis, 03 de maio de 2020.

A ansiedade bate na porta. Mais de 100.000 infectados. Mais de 7.000 mortos. Carreatas a favor do presidente e contra o isolamento. Caminhões frigoríficos guardam os mortos. Valas comuns. E uma negação cada vez maior. Uma ânsia social por retornar ao que era antes. Um medo palpável de que as coisas mudem. E para que se mantenha a ordem as pessoas parecem dispostas a arriscar suas vidas. Como sair da cama? E a culpa de permanecer? Privilégios. Meus olhos ardem. Ontem pedi para entregarem um colírio da farmácia. Demorei. Não queria arriscar o entregador. Me rendi. Eu sozinha não vou mudar o funcionamento das coisas. Mas não gostei da sensação. Me sinto cansada não sei de quê. A insônia assombra. Preciso me livrar das culpas. Tento me manter em movimento. Minha memória falha com uma frequência cada vez maior. O que está acontecendo agora? Pego sol. Viro para um lado e para o outro deitada na varanda. Tento acompanhar por entre as grades a bola de luz que desce fim da tarde. Minhas plantas crescem, que alívio. Meu pé bate incansavelmente. 150 vezes por minuto. Como os deles... Depois de um tempo o espaço parece menor. A paisagem se torna repetitiva. Mudo. Empurro as coisas, troco as luzes de lugar. Satisfaz por um tempo. Algumas horas. Depois volta a claustrofobia. Mas eu queria sair? Eu quero

sair daqui? Me refugio nas vidas artificiais. É suficiente? Quais as melhores perspectivas para meu futuro, sendo bem realista? Me sinto uma máquina jogando xadrez, antevendo as possibilidades. Calculando. Programando. Em quantas das simulações eu ganho o jogo? Em quantas me sinto livre? Em quantas encontro alívio dentro da jaula? Tenho 3 peões, um cavalo e um rei manco. Nenhum bispo. Enquanto mantiver o cavalo estou bem. O cavalo salta.

[32]

O nº 2 não era, afinal, um caráter, mas uma *vita peracta*, nascido, vivo, morto; o tudo em um, visão total da natureza humana, de uma clareza impiedosa consigo mesmo, mas incapaz e pouco inclinado (se bem que o desejando) a exprimir-se por intermédio do espesso e obscuro nº1. Quando o nº2 predominava, o nº1 ficava como que num reino obscuro. O nº 2 se considerava como uma pedra lançada no extremo do mundo, mergulhando em silêncio no infinito da noite. Nele (no nº 2) reinava, entretanto, a luz como nos amplos recintos de um palácio real, cujas altas janelas se abriam para uma paisagem banhada de sol. Possuía sentido e continuidade histórica, num contraste violento com os acasos desconexos da vida nº 1, que não encontrava qualquer ponto de contato com o seu meio. (JUNG. 1992, p. 85)

[33]

“As palavras quase sempre se atrapalham também. Agora mesmo estou com a cabeça cheia de ideias, mas só consigo escrever algumas delas. As palavras nunca são certas e eu preciso me acostumar com isso.” (CASTELLO, 2016, p.35)

[34]

Prossigamos. Aos 10 anos aconteceu o que seria uma espécie de ritual de passagem. Foi quando montei, voluntariamente, meu primeiro trabalho de aula em forma de peça de teatro na escola. Até então eu sempre tinha sido público, mas foi esse pequeno espetáculo que marcou minha passagem para vida artística. As professoras gostaram. Acharam “bonitinho” as crianças fazendo teatro sozinhas e nos colocaram para apresentar para toda a escola. O texto escrito junto com uma amiga contava a história de uma família do interior que se mudava para a cidade

grande. Os personagens tinham a mesma estrutura familiar que as nossas e os conflitos apresentados eram muito similares as questões que permeavam nosso mundo infantil cotidiano. Estávamos aprendendo a usar os mecanismos do teatro para contar a nossa história.

Em 2003, aos 13 anos, tive idade suficiente para entrar no curso de teatro da Fundação Cultural de Blumenau. Iniciei o curso junto com essa mesma amiga com quem eu costumava escrever, Fran. Como pessoas bastante criativas, nos impulsionávamos mutuamente no exercício da imaginação. Lembro-me com carinho do “nosso tesouro”, um saco de lixo cheio de roupas velhas, coloridas e estrambólicas, afetuosamente chamado de “Saco dos Figurinos”, que guardávamos da despensa de casa. Era o segredo de nossas peças “bem sucedidas”. Durante os anos de adolescência, Fran e eu, fizemos alguns cursos de dança, escrevemos e montamos umas tantas pequenas peças de teatro. De uma maneira não planejada íamos assim desenvolvendo nossa expressividade, nossa forma de absorver e nos colocar diante do mundo, nossa comunicação.

[35]

Minha relação com minha eu nº 2 trouxe-me sérias e constantes dúvidas a respeito de minha própria sanidade. Sempre que a vida parecia desequilibrar-se e me tirar tempo para que eu pudesse me refugiar do mundo e deixar que minha parte nº 2 pudesse ter contato com a natureza e com o silêncio, ela cavava seu lugar na marra. Então eu era invadida por sonhos confusos e angustiantes, por intuições precisas e inexplicáveis que contrastavam fortemente com meu mundo racional e gritavam-me que eu não poderia continuar a ignorá-los. Por conversas interiores intermináveis e indesejadas. Por impulsos de escrita ou desenhos que se manifestavam como se feitos por outra pessoa - por ela. Eu começava a sentir necessidade de fugir de onde eu estava, de meu trabalho e da faculdade como se sentisse sede ou fome. Nessas épocas era muito maior a energia que eu precisava despende

para sufocar minha nº 2 lá dentro e permanecer atada a minha vida exterior. Percebia que algumas pessoas se mostravam confusas ao me conhecer um pouco melhor, algumas julgando-me uma hippie, mística e sem raízes, ficavam confusos com minha aparente racionalidade, com o trabalho burocrático de um escritório de contabilidade e a dedicação às disciplinas da faculdade. Outros, ao descobrir que eu, uma pessoa da academia, poderia seriamente estudar astrologia, construir mandalas e colecionar cristais julgavam-me uma espécie de impostora, impressionável e de julgamento pouco confiável. Possivelmente eu também me considerasse assim. Eu lutava fortemente. Preferiria ser apenas uma, racional, pragmática, lógica. Da forma como minha vida exterior estava armada eu não poderia dar o que minha eu nº 2 necessitava, não havia espaço para ela. No entanto, meus sonhos e meus desejos interiores mais profundos eram os dela, toda tentativa de afastar-me disso me dava a sensação de estar vivendo uma mentira, uma vida superficial. Eu estava em cisão – disse meu terapeuta.

[36]

Entre os assim chamados neuróticos de hoje, um bom número não o seria em épocas mais antigas; não se teriam dissociado se tivessem vivido em tempos e lugares em que o homem ainda estivesse ligado pelo mito ao mundo dos ancestrais, vivendo a natureza e não apenas a vendo de fora; a desunião consigo mesmo teria sido poupada. Trata-se de homens que não suportam a perda do mito, que não encontram o caminho para o mundo puramente exterior, isto é, para a concepção do mundo tal como a fornecem as ciências naturais, e que também não podem satisfazer-se com o jogo puramente verbal de fantasias intelectuais, sem qualquer relação com a sabedoria.

Essas vítimas da cisão mental de nosso tempo são simples “neuróticos facultativos” cuja aparência doentia desaparece no momento em que a falha aberta entre o eu e o inconsciente se apaga. Aquele que fez uma experiência profunda dessa cisão está mais apto do que outros a adquirir uma melhor compreensão dos processos inconscientes da alma, evitando esse perigo típico que ameaça os psicólogos: a inflação. Aquele que não conhece por experiência própria o efeito numinoso dos arquétipos terá dificuldade em escapar a essa ação negativa se encontrar-se, na prática, confrontando com eles. Ele os superestimara ou subestimara pelo fato de dispor somente de uma noção intelectual, sem nenhuma medida empírica. É aqui que começam – não só para o médico – essas perigosas aberrações, a primeira das quais consiste em tentar dominar tudo pelo intelecto. (JUNG, 1992, p.131)

[37]

“Talvez minha cabeça tenha asas que ninguém consegue ver. Nem eu.” (CASTELLO, 2016, p. 22)

[38]

Às vezes me pergunto se essa que vos escreve, essa que trabalha, paga aluguel e faz mestrado, verdadeiramente existe. Talvez eu não passe de um *firewall*, um dispositivo tão complexo de defesa que acabou por desenvolver autonomia. Um mecanismo de adaptação, um recurso de autoproteção. *Pareço* real.

[39]

Já o cinema entrou em minha vida por vias um tanto diferentes. Não houve, de início o mesmo encanto que houvera com o teatro. Eu gostava de assistir filmes, mas eles também passavam na televisão, faziam parte da rotina. Assistir à um filme não era um *acontecimento vivo* como era ir ao teatro. A paixão pelo cinema veio mais tarde, na adolescência. Não sei exatamente em que momento percebi que adorava ir ao cinema, não houve, que me lembre, um momento marcante de virada. Só sei que quando me dei conta, nos primeiros anos da adolescência, ia quase todas as semanas. Era realmente barato na época o ingresso de estudantes de forma que virou um dos meus maiores *hobbies*. E eu gostava de permanecer na sala até o fim do letreiro, absorvendo, assimilando a experiência que tinha acabado de vivenciar. Estava imersa. Se o filme era bom, se me envolvia, emocionava, eu ficava lendo os créditos e pensando/sentindo com toda a sinceridade que eu queria muito que meu nome um dia estivesse ali rolando nos letreiros de um filme. Era um ritual, uma experiência mística, com a qual eu sentia profunda vontade de contribuir. Se alguém me perguntasse o que eu achava do cinema, eu diria “o cinema é lindo”. Isso. “O cinema me emociona”. Mas não saberia explicar ou desenvolver muito mais do que isso.

As artes cênicas (que foi por onde enveredei no fim das contas), são um emaranhado muito complexo e sensível de elaboração de uma ideia, de expressão de um pensamento ou sentimento. Uma forma de diálogo que atravessa a racionalidade. Existem coisas no ser humano que são mais fáceis

de acessar pelo sentimento. A arte está nesse limiar. Pode ser racional, didática até; pode ser sensorial, estética; e pode ser um híbrido. Uma combinação de elementos que falam de uma forma de ver e vivenciar o mundo. Uma comunicação sensível e intensa que tem a potência de tocar o espectador, de fazê-lo se emocionar, de chacoalhar certezas, de questionar culturas, de apresentar diferentes pontos de vista, de fazê-lo se identificar com realidades distintas e a partir disso, ampliar seu universo, seu olhar sobre si mesmo, sobre o mundo e os que nele habitam.

[40]

Florianópolis, 20 de maio de 2020.

Recebi a notícia de que uma amiga querida de Blumenau testou positivo para o coronavírus. Foi um grande choque. É a primeira pessoa realmente próxima de mim que é contaminada. De qualquer forma, era só uma questão de tempo. Algumas pessoas (a maioria?) continuam agindo como se não fosse grande coisa. Não consigo compreender o que se passa. Não é tão difícil de interpretar os números! E isso que existem inúmeros alertas de subnotificação. No Brasil atualmente são quase 300.000 infectados e mais de 18.000 mortos. A curva de contaminação já é praticamente uma linha vertical. E ainda assim os números de pessoas mantendo o isolamento desce. Tenho medo. Por mim e pelos meus queridos. Sinto um misto de tristeza, indignação e apatia. Não durmo.

[41]

À medida que os anos passavam, meus pais e outras pessoas começaram a perguntar com mais insistência o que eu pretendia ser. Não sabia ao certo o que responder. [...] As ciências naturais correspondiam, em larga medida, `as necessidades intelectuais de minha personalidade nº1. As disciplinas de ciências do espírito ou as disciplinas históricas, pelo contrário, representavam para o meu lado nº 2 um ensinamento benéfico. (JUNG, 1992, p.74)

O nº 2 considerava o nº 1 como aquele que encarnava um dever moral difícil e ingrato, uma espécie de tarefa que deveria ser cumprida de qualquer forma. [...]

Teria, sem dúvida, de abrir mão do nº 2, mas não deveria renegá-lo nem invalidá-lo de forma alguma diante de meus próprios olhos. Isso representaria uma automutilação [...]. Em todo caso, uma separação se operara entre o nº 2 e eu, aproximando-me mais do nº1. Este se tornou, pelo menos alusivamente, uma personalidade de certo modo autônoma. (JUNG, 1992, p. 85-7)

[42]

Desde a adolescência eu já tinha em mente que teatro, música e dança seriam hobbies. Depois que a responsabilidade de escolher uma profissão começou a bater na porta, não me parecia haver mais espaço para “sonho”. Parte da lógica corrente na minha cidade natal colonizada por alemães no meio do século XIX, diz que só há dignidade no trabalho árduo, sofrido e estável. Achei que conseguiria me virar com isso. Há que se considerar também que não é uma prática habitual entre os Blumenauenses sair de casa para fazer faculdade fora da cidade, de forma que essa possibilidade sequer me passou pela cabeça. Ao pensar em fazer um curso universitário, considerei unicamente as opções presentes na região. E, tentando ser uma pessoa prática e com os pés-no-chão, sondei primeiramente as possibilidades de cursos que poderiam me trazer estabilidade financeira. No entanto, ao fazer a inscrição para o vestibular, num impulso repentino, acabei me matriculando em teatro. Toda a indecisão de anos foi resolvida numa reviravolta em questão de segundos. Minha eu nº 2, como já mencionei, não costuma dar muito as caras de forma a interferir claramente nas ações cotidianas de minha vida prática, mas veja só, aí, novamente ela encontrou espaço. E não havia nem como argumentar, porque a felicidade que senti após clicar na opção “Teatro” só me dizia que lá dentro de mim as coisas já estavam decididas há tempos, só faltava a coragem para assumir.

Aos 19 anos entrei no bacharelado em Teatro na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB. Creio que permitiu-me arriscar, porque nessa época eu trabalhava em período integral em um escritório de contabilidade, então minha parcela de “estabilidade” já estava de certa forma garantida. Vinda de



família com poucos recursos, quando entrei na faculdade já estava no mundo do trabalho há alguns anos e, nessa época o universo de preocupações sobre questões financeiras e de sobrevivência já habitavam meu cotidiano (inclusive minhas noites e minhas conversas). Aluguel, contas, comida, transporte, mensalidades. Mas rapidamente tornou-se muito difícil conciliar as muitas horas de trabalho com as disciplinas da faculdade de forma saudável. Quando fui diagnosticada com gastrite, decidi que uma das duas coisas haveria de largar. Larguei o emprego. Mergulhei então, na vertiginosa vida dos trabalhadores informais. Questão de sobrevivência. Não foi uma decisão fácil. Foi uma decisão desesperada. Eu estava exausta, sobrecarregada. Por mais que me dedicasse ao estudo de algo que me movia profundamente, quando o mundo se torna muito ruidoso e suas cobranças são demais, me sinto paralisada. A sensação de dar mais do que se pode constantemente e com perspectivas de ter as coisas sempre feitas pela metade, com o tempo gera um desgaste psicológico imenso. Descobri que minha nº 1 era bastante perfeccionista e ambiciosa. Em contraste com minha nº 2 que se interessava muito pouco por questões de títulos e dinheiro. Por ela, dormir em um gramado a luz da lua era mais do que suficiente. Sentia uma vontade constante de fugir.

[43]

“Dentro de mim ninguém entra. Eles acham que entram porque me obrigam a fazer um monte de coisas que eu não quero fazer.” (CASTELLO, 2016, p.7)

[44]

Eu adorava estudar Teatro, adorava minha turma e meus professores, mas a dinâmica da universidade me era opressiva. Por mais que meus professores tentassem ser compreensivos, ainda assim era corrente a lógica do “não me importa o que você

faz fora daqui, aqui dentro você precisa dar conta. Não há o que fazer, tenho que passar o conteúdo, tenho que dar notas, você precisa escrever este trabalho, o tempo está correndo. É assim que funciona”. A “burocratização da mente” (FREIRE, 2018). Fatalista. A lógica da produtividade e da padronização. Da média. Do ritmo único (e acelerado). Às vezes, para dar conta dos trabalhos, é exigida tanta dedicação fora dos horários de aula que simplesmente se torna impossível trabalhar e estudar, o que, definitivamente, seleciona um público muito específico. Especialmente numa universidade paga.

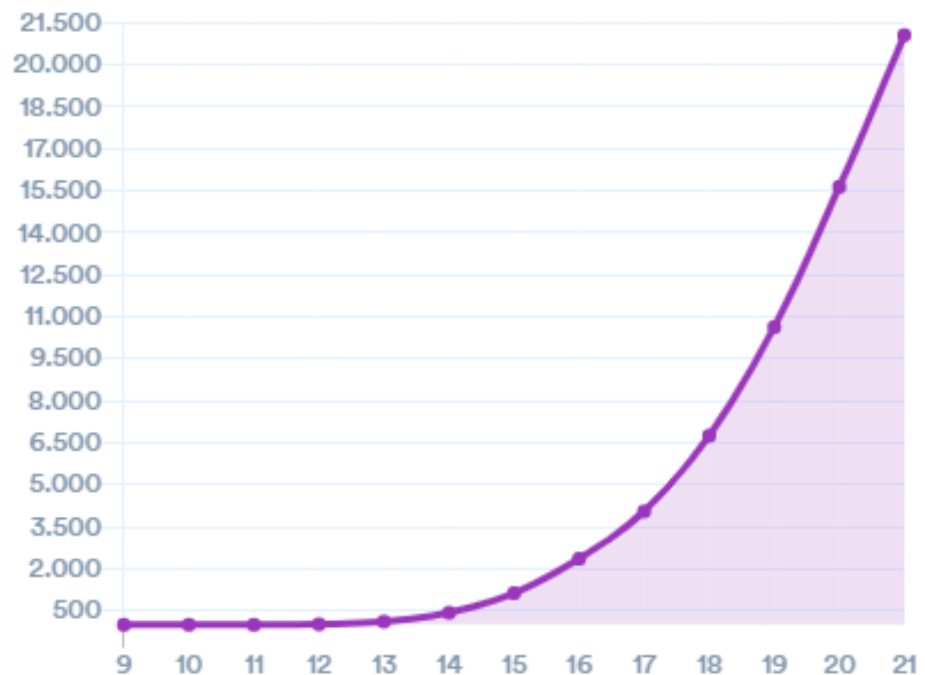
[45]

Florianópolis, 23 de maio de 2020.

Passamos os 21.000 mortos. Segundo país do mundo com maior número de contaminados, atrás apenas dos EUA (BRASIL TEM, 2020). Ontem meu companheiro, geralmente quieto, estava esbravejando pela casa. Ele olhava uma página de notícias de sua cidade natal e viu inúmeros comentários de moradores locais criticando a prefeitura por impedir a prática de esportes ao ar livre sem o uso de máscaras, além de estarem compartilhando, nos comentários, *fake news* sobre o uso de máscara fazer mal para a saúde. A preocupação dele é grande porque sua mãe, moradora da cidade, tem uma doença grave que a coloca no grupo de risco e ela mesma vem acreditando nas *fake news* espalhadas pela internet, reduzindo o cuidado que poderia estar tomando considerando a seriedade da pandemia. Ele vem tentando argumentar há algum tempo, mas ela diz que informação demais “faz mal para saúde”, então prefere não saber. A ele, impedido de ir até a cidade por compromissos de trabalho, resta um sentimento amargo de impotência. Essa é a parte mais indignante nessas 21.000 mortes. É um vírus que basicamente desafia nosso bom-senso e empatia. As pessoas estão demorando muito para se dar conta da gravidade e o fato de serem “outros a morrer” não às atinge. 21.000 é um número, só isso. Apenas quando 1 desses é alguém conhecido é que as pessoas mudam o seu comportamento. “Não

quero ver, não existe”. A OMS diz que a América do Sul é o novo epicentro da pandemia e que a maior preocupação agora é o Brasil (CHADE, 2020). Triste. A política continua caótica. Parece um filme surrealista. Um sonho ruim em que as coisas vão aos poucos ficando cada vez mais absurdas e você não consegue despertar. Após o presidente demitir dois ministros da saúde que eram médicos, assumiu agora como ministro interino, Pazzuelo, um militar paraquedista da área de logística, que por enquanto nomeou outros 12 militares para o ministério, nenhum deles da área da saúde (AMADO, 2020; MONTEIRO, 2020). O presidente continua dando declarações cada vez mais estapafúrdias em defesa de um medicamento que não há provas de que auxilie de fato no tratamento do coronavírus (e muito pelo contrário) até traz efeitos colaterais prejudiciais ao coração (ESTUDO, 2020), e ainda assim, ele decidiu autorizar a produção em massa do medicamento pelo exército brasileiro (VELEDA, 2020). Bolsonaro também continua a defender o fim do isolamento social em plena curva ascendente de contaminação e mortes (CONTRA, 2020).

Gráfico 1: Óbitos acumulados de COVID-19 por semana



Fonte: BRASIL, 2020b (<https://covid.saude.gov.br/>)

A situação das *fake news* é tão preocupante que o governo acrescentou uma aba no próprio site do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020a) para desmentir informações falsas que circulam nas redes. E o que eu fico me perguntando é: como o ser humano pode chegar ao ponto de, numa situação destas, criar *fake news*? Entendo que deva ter gente que trabalhe exclusivamente com isso por dinheiro. O próprio filho do presidente é investigado por articular esquemas de *fake news* para atacar o STF (POLÍCIA, 2020). Mas, num momento como este, espalhar notícias com falsos tratamentos para Covid, minimizando as consequências da pandemia ou criando falsos boatos a respeito das formas corretas de proteção, é tão cruel! A consequência é colocar em risco de morte milhares de pessoas. Como alguém, sendo também humano, consegue não ter o mínimo de empatia e aceita se aproveitar da ignorância alheia para se beneficiar fazendo algo tão mesquinho? É confuso estar aqui. Parece que o Coronavírus nos atacou, enquanto sociedade, em nosso “calcanhar de Aquiles”. A individualidade e falta de cuidado com o outro é nosso maior inimigo agora. O resto do mundo tem se preocupado e olha com espanto como as coisas estão se passando aqui, tamanha falta de bom senso. Talvez, quando/se tudo isso passar, acabemos, junto com o EUA, tão adorado por nosso presidente, a ficar como um exemplo para o mundo do que não deveria ter sido feito (SANCHES; MAGENTA, 2020).

[46]

Minha indignação com a lógica estrutural e didática da educação universitária passou a me incomodar constantemente desde aquela época. Passei a pensar com frequência em toda minha experiência educativa, desde os 5 anos de idade quando entrara na pré-escola. E esse descontentamento foi também um dos pontos importantes que me levaram a, mais tarde, escolher estudar Educação. Não posso me conformar com a naturalização do sofrimento na Educação.

[47]

Mas, apesar de ter sido um tempo difícil, não me arrependi de ter escolhido fazer um curso superior e nem que tenha sido no Teatro, afinal, foi ali que se operou uma profunda mudança pessoal. O teatro para mim virou um modo de vida e isso tudo tomou forma, de fato, nesses primeiros anos de estudo universitário.

Foi uma experiência bastante intensa. Várias personalidades fortes, convivendo quatro horas por dia, cinco dias por semana, fez com que desenvolvêssemos uma profunda noção da exigência, da responsabilidade, do cuidado e do respeito necessários para um bom convívio em coletivo. E o teatro, como arte coletiva, não pode prescindir de um bom trabalho em equipe. O trabalho em equipe, ele mesmo, transforma nossa forma de lidar com o mundo. É um trabalho interdependente. É preciso saber ouvir, estar atento, estar disposto a respeitar a vontade de cada um e do coletivo, mas sabendo que todos estão trabalhando em prol de um objetivo que é maior que qualquer um individualmente: o espetáculo. Ao mesmo tempo, é necessário muito diálogo para que “a peça” represente verdadeiramente o pensamento de todos os envolvidos, para que todos se sintam considerados e parte desse trabalho maior. O diálogo é parte essencial da constituição de um grupo e construção de um espetáculo.

Como todas as relações sociais humanas, um espetáculo teatral para existir exige o equilíbrio de muitas variáveis: dos anseios pessoais de cada um, das opiniões, das afinidades e diferenças, da disponibilidade, da empatia, da sinceridade e da força de trabalho. E necessita de confiança. O processo do ator, de treinamento e de construção de personagens pode passar por diversas experimentações físicas e psicológicas em que se precisa estar num espaço em que se sinta seguro para poder vivenciar. Seu instrumento de trabalho é seu próprio corpo e é seu próprio corpo que dá vida às mais diversas personagens e precisa expressar as mais diversas emoções. O ator em seu processo de busca pode passar por muitos lugares interiores inóspitos e não é incomum que nos exercícios teatrais emoções inesperadas sejam despertadas. O ator é um experimentador. E é preciso sentir-se seguro para se permitir experimentar, para se expor, é preciso confiar nos demais. Esse espaço que se cria no treinamento de teatro, esse acordo silencioso de apoio, de cuidar uns

dos outros, acaba desenvolvendo certa intimidade e responsabilidade de todos para com todos. Vemo-nos uns aos outros e nos entendemos enquanto humanos, experimentadores, criativos, inacabados, falíveis.

[48]

Era claro o contraste entre a vida coletiva do teatro e a dinâmica da universidade. Enquanto exercitávamos a empatia, o cuidado e o aprendizado mútuo na vivência teatral, precisávamos correr contra o tempo para dar conta das demandas universitárias sem que nunca, nem por um momento, houvesse interesse por parte da instituição de saber como estavam seus alunos com relação à saúde mental ou se haveria algo que poderia ser mudado para melhorar a situação nesse quesito. Nisso nunca se falava, mas de forma alguma deixavam de nos cobrar os trabalhos e as mensalidades. É estranho. Não é um segredo que alunos se sintam estressados e pressionados na faculdade, que tomem remédios ou quantidades insalubres de café para manterem-se acordados por horas a fio para darem conta dos trabalhos de aula. Também não é segredo que muitos professores passam por uma mesma situação de estresse. No entanto não se fala disso. É como um fantasma que paira e que todos fingem ignorar. Não há como resolver isso sem mudanças e mudanças grandes, estruturais. E todos parecem já tão sobrecarregados e cansados para precisarem se preocupar com mais isso. Mudanças sempre assustam.

[49]

Também descobri que é quando fico quieto, parado que nem uma estátua, que minha cabeça vai mais longe. Quando me agito muito, em vez de viajar, minha cabeça empaca. Fica dura que nem uma carroça com a roda quebrada. Nessas horas minha cabeça não serve pra nada, é só um traste que carrego em cima do pescoço. Então, eu não consigo pensar em nada que preste. (CASTELLO, 2016, p. 110)

[50]

Florianópolis, 25 de maio de 2020.

Ontem tive medo de morrer. Não é novidade nessa pandemia, claro. Mas ontem emergiu com uma intensidade nova. Fiquei paralisada, com o peito apertado e a respiração presa. Coronavírus ou ansiedade? Nunca posso ter certeza. Estava lendo notícias sobre a taxa de ocupação dos leitos de UTI nos estados brasileiros. Alguns já estão com lotação máxima ou, pelo menos, acima de 90%. Em algumas cidades estão sendo abertas valas comuns para enterrar as vítimas do vírus. A curva continua a subir e já não há espaço para os contaminados no sistema de saúde. Para onde vão? A sensação de antecipação de morte se intensificou de forma dolorosa. Agarrei a mão de meu companheiro. Gostaria muito de rever meus pais e meus amigos antes do fim.

[51]

Do fim da minha graduação em Teatro até entrar na Graduação em Cinema na UFSC passaram-se dois anos. A vontade de voltar a estudar (depois de jurar não por mais os pés em uma universidade) juntou dois anseios, um era o de aprender sobre o trabalho com vídeo para poder experimentar esses recursos no teatro e o segundo era o de sair de Blumenau. Eu estava com 26 anos e sentia necessidade de novos ares. Porém, dessa vez, um pouco mais madura e mais experiente nessas coisas de academia, resolvi tentar outra tática: fazer o curso sem pressa. Ainda na perspectiva de conseguir equilibrar estágios e aulas, fui fazendo poucas disciplinas, com calma e determinada a aproveitar cada uma sem correria. Mas ainda assim fazer uma graduação de tempo integral-diurna era bastante puxado e ter que trabalhar durante todo esse processo acabou me levando a outros grandes momentos de exaustão.

[52]

No decorrer da graduação de cinema as reflexões a respeito do estresse e da depressão dentro da universidade ganharam ainda mais peso. Foram diversas as experiências pessoais envolvendo amigos em crise e até ameaças de suicídio.

O estresse no fim dos semestres é visível pelos corredores, nas olheiras dos alunos, no seu emagrecimento e na tensão das conversas e dos corpos. Mas não muitas pessoas pareciam ver isso com estranheza. Como um reflexo da sociedade, o sofrimento mental ainda parece estar rodeado de preconceitos no ambiente universitário, encarado como preguiça ou falta de organização, isso quando não é tratado como algo a ser esperado, com naturalidade. Não podia entender como as pessoas podiam agir como se não estivessem vendo o sofrimento uns dos outros. Enquanto eu segurava as mãos de um amigo em crise, que tentara o suicídio à poucos dias, outro professor, que sabia do ocorrido, lhe enviava um e-mail lembrando dos prazos acabando para entrega de trabalhos. Minha eu nº 2 não se agitava, inconformada, procurando saídas, enquanto minha eu nº 1 escrevia seus trabalhos para passar em mais um semestre, ainda que aquela lógica já não me fizesse muito sentido. Em 2017 o suicídio do reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier de Olivo, pareceu acender um pouco o debate. Desde então uma série de ações localizadas, programas e cursos surgiram para debater a prevenção ao suicídio e a saúde mental dentro da UFSC.

[53]

O jogo alternado das personalidades nº 1 e nº 2, que persistiu no decorrer da minha vida não tem nada em comum com a “dissociação”, no sentido médico habitual. Pelo contrário, tal dinâmica se desenrola em todo indivíduo. Em primeiro lugar, são as religiões que sempre se dirigiram ao nº 2 do homem, ao “homem interior”. [...] O nº 2 é uma figura típica que só é sentida por poucas pessoas. A compreensão consciente da maioria não é suficiente para perceber sua existência. (JUNG, 1992, p. 52)

Assim pois, pelo menos uma parte do nosso ser vive nos séculos e essa parte é aquela que, para meu uso pessoal, chamei de nº 2. Ela não constitui uma curiosidade individual e a religião do Ocidente o prova, dirigindo-se – *expressis verbis* – ao homem interior; há cerca de dois mil anos esforça-se por fazê-lo patente à consciência superficial e ao seu personalismo: *Noli foras ire, in interiore homine habitat veritas* (Não saias, é no interior do homem que habita a verdade). (JUNG, 1992, p. 89)

[54]



A passagem para o mestrado aconteceu em 2018, ainda no terceiro ano da faculdade de Cinema. Ao me mudar para Florianópolis, em 2016 havia ido morar com Luiz, um grande amigo que estava então fazendo sua dissertação de mestrado. Sua pesquisa foi realizada dentro do HCTP e esse foi meu primeiro contato tanto com o PPGE da UDESC, quanto com o HCTP. Através de Luiz conheci a tese de Ana Preve (2010), “Mapas, Prisões e Fugas: cartografias intensivas em educação”, onde relata sua experiência de anos trabalhando com oficinas também no HCTP, que foi a principal inspiração para meu próprio projeto de pesquisa.

Era minha oportunidade não apenas me aprofundar e tentar compreender melhor o que era isso que tanto me incomodava, mas também de pesquisar outras possibilidades na Educação. E eu queria fazer isso trabalhando com pessoas que de alguma forma estivessem à margem da sociedade, que não se encaixassem, talvez um pouco como eu mesma me sentia, e com pedagogias que pudessem apontar um caminho mais cuidadoso e horizontal para a educação. A oportunidade de fazer o campo no HCTP, dando continuidade a um trabalho anterior desenvolvido há anos por Ana Preve, me dava todas essas oportunidades.

[55]

“Muitas vezes você precisa sentir medo para conseguir escrever. Para contar uma história, é preciso sentir coisas meio esquisitas. É preciso saber que até existem muitas coisas que você, por mais que se esforce, não vai conseguir dizer.” (CASTELLO, 2016, p.78)

[56]

Como já esperado este caminho também teve seus percalços. De fato, a quantidade de burocracia e as cobranças por produção, prazos e notas ficam ainda mais opressivas na pós-graduação e minhas crises com este tema chegaram à seu extremo

nos últimos anos. Muitas vezes deixei de ver sentido no que estava fazendo tamanha a contradição de minha pesquisa com o ambiente acadêmico em que se desenvolvia. No entanto, no início de 2019, iniciei minha pesquisa de campo e aí sim encontrei o estímulo que procurava para continuar os estudos. Estar com os pacientes realizando as oficinas me trazia grande satisfação. Conhecer-los, conversar, ouvir suas histórias, preparar e realizar as exposições de filmes. Isso me animava. Era vivo. Coletivo. Humano. Sensível. Ao mesmo tempo em que me propunha compartilhar com eles meus conhecimentos sobre Cinema, aprendia com eles sobre alteridade, tolerância e amizade. Trocávamos impressões e histórias. Trabalhar no HCTP foi uma grata surpresa e uma experiência que levarei com carinho pelo resto da vida.

Há que destacar também o papel do grupo de pesquisa como um todo, mas, especialmente, uma parte: Ana, Danilo, Luiz e eu. Nós, durante alguns meses, nos reuníamos semanalmente para ler juntos. Não líamos antes e grifávamos o texto e discutíamos depois (como geralmente se faz para “aproveitar o tempo”). Não. Escolhíamos o texto e líamos juntos, cada um, alguns parágrafos. Isso também me fazia muito bem. Vários dos textos que lemos eu provavelmente não teria prosseguido se estivesse tentando compreendê-los sozinha. É o caso do livro “As Existências Mínimas”, de David Lapoujade (2017). Leitura difícil, complexa. Mas a cada dúvida íamos parando e discutindo enquanto o texto estava fresco. Experiência linda de ter várias pessoas focando suas energias em produzir esse momento de união e aprendizagem. Real. Espontâneo. Que permitia dúvidas e divagações e trocas de experiência sem um preparo mirabolante do que dizer antes ou qualquer coisa que pudesse fazer perder isso do aqui e agora, da *presença*.

Identifico desta forma dois fatores essenciais que me levaram a realizar a pesquisa num Hospital Psiquiátrico. E, embora o HCTP tenha marcadamente também o caráter de prisão e essa característica foi imensamente relevante na hora de pensar as oficinas que levaríamos para lá, foi o seu caráter de hospital (psiquiátrico) que chamou a atenção de meu eu interior. A primeira delas era a busca por outras formas de educação, pautadas na horizontalidade e na alteridade, donde este ambiente se mostrava propício por se tratar de lugar aberto à formas de educação não-convencionais e com pessoas que também se diferenciavam do que seria o “padrão de normalidade” social a que estamos habituados. A segunda era uma espécie de chamado interior que ao mesmo tempo me movia e me amedrontava. Jung disse ter demorado a ler Nietzsche por ter um secreto medo de que poderia se identificar com ele e perceber que teria o mesmo fim. Eu tinha o mesmo medo com relação ao HCTP. Minha dupla natureza desafiava-me constantemente e, até ler Jung, eu temia seriamente que isso somente quereria dizer que eu estava também doente. Muitas vezes cheguei ao limite de mim mesma e senti que precisava de um pequeno passo para atravessar para o outro lado. Para deixar que minha nº 2 assumisse e sumir para sempre em algum lugar interior inalcançável e inatingível. Perguntava-me se os pacientes tinham mergulhado no lago em que eu ficara na margem. Por outro lado, isso me aproximava deles. A diferença não me assustava.

[58]

Nietzsche descobrira o seu nº 2 mais tarde, depois da segunda metade de sua existência, ao passo que eu conhecia o meu desde a juventude. Nietzsche falava ingênua e irrefletidamente desse *arrheton* (segredo), como se fizesse parte da ordem comum. Eu, entretanto, soube muito cedo que essa atitude leva a experiências negativas. [...] Seu gênio devia ter-lhe sugerido a tempo que algo não corria bem. Seu equívoco mórbido – pensei – fora o de expor seu nº 2 com uma ingenuidade e uma falta de reserva excessivas a um mundo totalmente ignorante de tais coisas e incapaz de compreendê-las. [...] E – como um dançarino de corda – acabou por cair além de si mesmo. (JUNG, 1992, p. 99)

[59]

“Escrever como quem caça”, disse Ana Godoy<sup>2</sup> em uma oficina de escrita em outubro de 2019. Escrever como quem vive num país Latino-Americano, como quem caminha pela floresta amazônica. Escrever como um antepassado originário desta terra. Escrever como um indígena. Escrever como quem sente calor num país tropical. Se libertar dos padrões colonizadores. Encontrar nossa voz. Escrever sobre o que nos desperta a atenção. Escrever como quem brinca. Sem sofrimento. Escrever apesar de... Escrever ainda que... Escrever para quê? Por quê? Escrever porque se tem algo a dizer. Escrever como manifesto. Escrever como relato. Escrever como um testemunho. Desse lugar, desse tempo e dessas pessoas. Escrever como quem advoga em uma causa (e não como seu juiz). Escrever para tornar real. Para dar a ver. Para dar vazão. Para chamar à frente. O que percebo, o que reflito, o que entrego desse meu tempo, de mim e dos que estão comigo? Para que se saiba. Para que não se confunda. Para que se entenda. Para estar no mundo.

David Lapoujade (2017), comentando o trabalho de Étienne Souriau a respeito das diversas formas de existência e de realidade, reflete sobre a responsabilidade daquele que “testemunha”. A partir do momento em que se testemunha determinada existência se a legitima, mas mais do que isso, se passa a poder advogar em defesa dessa existência e assim intensificá-la para torná-la (mais) real: “Será esse, justamente, o papel do advogado, intensificar a realidade das existências? Lutar por novos direitos? É uma questão de direito, mas é mais do que nunca a questão da arte: através de que ‘gestos’ instauradores as existências conseguem se ‘colocar’ legitimamente?” (LAPOUJADE, 2017, p. 25). Escrever com uma arte, como um gesto de instaurar uma existência (mínima) e de intensificar uma ideia.

[60]

---

<sup>2</sup> Ana Lucia de Godoy Pinheiro; pesquisadora independente, doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Desenvolve oficinas de escrita e trabalha com orientação de escrita acadêmica não-vinculada à nenhuma instituição.

“Não sei escrever de outra maneira. Querem saber por quê? Porque não sei pensar de outra maneira. Se a gente não escreve como pensa, as coisas que a gente escreve ficam mentirosas.” (CASTELLO, 2016, p.75)

[61]

Blumenau, 02 de julho de 2020

Há alguns dias já que estou em Blumenau. Finalmente vim visitar meus pais. Fiquei em total isolamento por quase um mês para não correr o risco de contaminá-los. No entanto, que surpresa... Há 4 dias meu pai apresenta sintomas de Covid-19. Febre, cansaço e principalmente enjoô. Hoje ele foi encaminhado para fazer o teste no hospital de campanha montado da Vila Germânica. Levará de 3 a 7 dias para vir o resultado. É bastante tempo. Se levar sete dias, quando o resultado chegar, ele já estará quase no fim do ciclo da Covid-19, isso se durar mesmo 14 dias. Passamos bastante tempo nos perguntando como ele pode ter sido contaminado.

[62]

Blumenau, 07 de julho de 2020

As coisas pioraram muito e ainda nada de resultado. Eu e minha irmã levamos meu pai ao pronto-socorro no sábado à noite, pois não há outra forma de contatar um médico. Há dias que não durmo. As madrugadas são muito difíceis. Meu pai já não consegue levantar da cama e fazer quase nada por si mesmo. A febre dele não baixa apesar do coquetel imenso de medicamentos que está tomando. São 12 horários diferentes de medicação. Quando fomos ao pronto socorro novamente na segunda-feira meu pai foi o quarto na linha da triagem. O lugar é bastante pequeno e, chegando lá, não há separação entre pessoas contaminadas ou não. Até passar pela triagem isso sequer é perguntado, de forma que pessoas contaminadas e não

contaminadas dividem o mesmo espaço. O médico do pronto-socorro passou um novo antibiótico.

[63]

Blumenau, 13 de julho de 2020

O resultado do pai veio positivo. Essa última semana foi fisicamente e psicologicamente a mais desgastante. Há alguns dias, eu também comecei a apresentar alguns sintomas. Mas é difícil saber se é ou não de COVID porque pode ser também uma reação ao cansaço acumulado dos últimos dias. Fomos novamente ao pronto-socorro ontem e, desta vez, me assustei pra valer. A ala de COVID estava cheia. Cheia mesmo. Não há muitos bancos disponíveis de forma que tive que pedir para alguém levantar para que meu pai pudesse se sentar. Ele está muito magro e não consegue se manter de pé. Todos os acompanhantes agora ficam do lado de fora, não há lugar dentro do hospital. A cidade, devido ao aumento absurdamente rápido da curva de contágio, resolveu adotar novas medidas restritivas. Tarde demais, pelo que parece. Quando cheguei à Blumenau havia 7 mortos pela COVID. Neste pouco tempo que estou aqui o número subiu para 33 e, pela velocidade e lotação dos hospitais, está fácil dizer que os próximos meses serão ainda piores. É triste. É indignante! Mas não tenho mais energia para sentir nada disso.

[64]

Blumenau, 17 de julho de 2020

Meu pai melhorou consideravelmente. Começou a sentir fome e arrisca sair da cama. Vai levar um bom tempo para se restabelecer completamente. Ele está muito fraco ainda. Estamos todos exaustos, mas mais tranquilos. Meu resultado veio hoje, negativo. Quando li pela primeira vez o resultado quase pulei de alegria e senti um imenso alívio no peito, “posso voltar para casa”! Me questionei várias vezes nas últimas semanas se

voltaria. Ver meu pai passar por tudo que passou, tornou a possibilidade de morte muito mais palpável. No entanto como a minha exposição ao vírus foi realmente grande, a médica recomendou que mesmo dando negativo, se eu sentisse os sintomas, deveria cumprir o isolamento até o fim. Decidi aguardar mais uns dias antes de voltar para Florianópolis. Me sinto cheia de vontade de rever meu companheiro e nossos bichanos! Quando penso em chegar em casa meus olhos enchem d'água. As últimas semanas foram rodeadas de doença, medo e expectativa de morte. Preciso de ar.

[65]

“Mas às vezes a gente precisa se trancar dentro da gente para que as coisas se ajeitem melhor. Para que a gente se sinta dono da gente.”  
(CASTELLO, 2016, p.71)

[66]

Andei me perguntando nos últimos dias, porque é que eu me enrolo tanto em imbróglis palavrais. Pra ser sincera, eu não sei. Há essas duas vozes dentro de mim, vezes uma fala, vezes outra. E uma delas, a nº 2, bom, definitivamente gosta de imbróglis palavrais. Mas também é ela que costuma mergulhar mais profundamente em assuntos um tanto inusitados, levando, às vezes, muito tempo para encontrar sentidos, anos até, e trabalhando arduamente para transpô-los em imagens claras à minha mente. Às vezes percebo que algo me tocou, mas não consigo entender bem como. Fico com aquele sentimento pasmado. Então vejo que não fui eu que fui tocada, mas ela, essa outra moradora de mim, que surge, às vezes, como uma aparição, perambulando pela minha casa interior às escuras. Eu sinto o que ela sente, mas não alcanço seu significado. Não até que ela queira. E nesses momentos de inexplicável emoção, não fui eu que capturei algo, mas ela. Mas eu não posso me aproximar, há algo

nela que precisa ser deixado no escuro, em silêncio, trabalhando. Se me aproximo com minhas lógicas apressadas e bem estruturadas, a limitação e obviedade destas rompe as tênues linhas que essa outra de mim usa para tecer suas percepções. Como uma manhã clara demais que interrompe grosseiramente um sonho. Por mais que você queira agarrar as imagens oníricas, elas se desvanecem e se perdem com um acordar abrupto. Para prender os sonhos é necessário ser sutil. Então a deixo lá trabalhando em suas teorias, desenhando seus mapas e consultando seus deuses. No seu tempo. Um dia, sabe-se lá se daqui há semanas ou anos, quem sabe ela me deixe de presente na mesa da cozinha, durante o café, uma nova ideia mirabolante e bem arquitetada dessas que fazem tanto sentido, que depois de reveladas, você percebe que é impossível voltar atrás. Por isso também que sei que minhas viagens ao HCTP reverberarão por muito tempo ainda em mim até que eu possa ter real consciência da intensidade e significado das experiências. Algumas de fato, mais profundas e pessoais, só alcanço agora, depois da convivência forçada comigo mesma por conta da pandemia.

[67]

Blumenau, 26 de setembro de 2020

A pandemia segue. As curvas não começaram a descer, mas se achataram. No Brasil foram 31.900 novos casos hoje e conseguimos ultrapassar os 140.000 mortos. Ainda não há cura. Ainda não há vacina. E, apesar das muitas promessas, não sabemos quando haverá. Mas a pandemia já é notícia velha. Somos rápidos no século XXI. Estão todos exaustos desse assunto. A notícia de março já não é extraordinária. Normalizamos a contagem diária de mortos, as máscaras de proteção e o álcool em gel, assim como normalizamos as diferenças de classe, a miséria e a fome. Não acho que haverá volta. Vários meses passaram. Vários conhecidos tiveram ou estão com COVID. O barco virou e temos que encontrar outras terras para habitar.



Ou melhor, outras formas de habitar essa mesma terra, agora um pouco mais inóspita, um pouco mais hostil. Não há mais o que esperar. A imobilidade é insustentável. Poucas pessoas ainda mantêm o isolamento. Sinto-me tão cansada.

[68]

“O senhor sabe qual o caminho”? Esforcei-me para entendê-la. “Caminho para quê?”, perguntei. “O caminho”, ela me respondeu, enquanto olhava para um ponto qualquer em minha testa. Passei a mão na testa e nada encontrei além de algumas gotas de suor. “Sim, o caminho para onde?”, ainda insisti. “Eu só quero saber o caminho”, a mulher me disse, e ergueu os olhos para a copa de uma árvore, um castanheiro imenso [...]. (CASTELLO, 2016, p.128)

Os conhecimentos técnicos não constituem tudo em qualquer profissão. A pessoa humana de cada um, a sensibilidade, a intuição, são qualidades preciosas (SILVEIRA, 2018, p. 74).

## CINEMA, EDUCAÇÃO E CONFINAMENTO

### CINEMA

[69]

Lentamente a câmera se move pelas paredes cimentadas de uma cela. As grades da cela são fechadas por um tapume, impedindo o olhar para fora. Nas paredes de um lado da cela, pode-se ver um varal com roupas coloridas, fotos e recortes de revista mostrando divas do cinema e nuvens desenhadas com giz sobre a cama. Tudo de uma delicadeza contrastante com o cimento nu do chão e das paredes. Enquanto a câmera se movimenta, pode-se ouvir uma voz masculina, suave, relatando um filme. À voz narrando se sobrepõe o som do filme que ela rememora - cascos de cavalos, conversas e músicas de baile e, aos poucos, a câmera nos deixa ver o orador, Molina, que anda pela cela encenando o filme narrado. Molina é um homem alto, cujo cabelo pintado de vermelho já deixa entrever fios brancos. Está fortemente maquiado e veste um roupão de cetim verde-água com desenhos de flores. Sua voz e seus movimentos são suaves e refinados, como que incorporando a estrela de cabaré que vive rodeada de luxo, protagonista do filme que conta. É, na verdade, uma mulher em corpo de homem. Logo a câmera nos mostra o segundo personagem que ocupa a cela, Arregui, um homem sujo e bastante machucado que está deitado de costas em sua cama. Arregui não parece muito feliz com a narração feita por Molina e mais de uma vez o interrompe para fazer comentários mal-humorados. Molina prossegue mesmo assim, contando as aventuras da belíssima dama francesa, que precisa ajudar um líder alemão a prender os traidores judeus, até ser interrompido pelas risadas de Arregui: “Do que está rindo? Deve ser engraçado”, pergunta Molina. “De você... E de mim”, responde Arregui.

Essa é a cena inicial do filme de Hector Babenco, “O Beijo da Mulher Aranha”, de 1985. A cena aponta de forma sensível o contraste entre o filme narrado por Molina e a realidade da prisão em que os dois homens se encontram. Para Molina, lembrar e narrar os filmes que assistiu o faz conseguir superar a realidade violenta do cárcere. Arregui acha Molina superficial e ingênuo ao ficar sonhando acordado com os filmes que assistiu, “não se escapa através da fantasia”, diz. “Olhe, se você tiver as chaves daquela porta eu te sigo numa boa. Se não, vou escapar do meu próprio jeito”, rebate Molina.

“Se meu corpo continua preso, minha cabeça está solta” (CASTELLO, 2016, p. 7), lembro.

[70]

Nos últimos meses, com a expansão da pandemia de coronavírus, um fator interessante aconteceu no mundo audiovisual. O isolamento social tem feito com que muito mais pessoas acessem os serviços de streaming de vídeos, fazendo com que as plataformas tenham que correr atrás de conteúdos e até diminuir a qualidade dos arquivos para suportar todos os novos milhões de acessos (SANTINO, 2020). As pessoas, passando muito mais tempo em casa, aumentaram muito seu consumo de filmes e séries. Seja como forma de desviar a atenção da tensão predominante no mundo exterior, seja como forma de escapar do encarceramento de forma virtual, o fato é que o cinema tem se mostrado um aliado das medidas de isolamento recomendadas para combater o coronavírus. O cinema, como exercício de identificação e imaginação, permite que a mente “escape” das contenções impostas ao corpo físico, sejam grades, sejam as paredes de casa. Mais de uma vez os pacientes do HCTP comentaram o quanto gostavam de assistir a filmes, pois isso os auxiliava a não deixar a cabeça ficar fazendo rodeios em torno das mesmas ideias, trazendo não apenas um momento de descontração, mas também uma possibilidade de explorar novos pensamentos, de imaginar.

[71]

No livro virtual “Abecedário do Cinema”, produzido por Adriana Fresquet e lançado em 2019, o cineasta Alain Bergala comenta a ligação do cinema com a alteridade. Diz Bergala:

O cinema é – sem dúvida – a forma de arte que imediatamente capturou a alteridade. Afinal, em um filme pode haver elementos que são completamente heterogêneos e diferentes. Era menos o caso na Pintura ou na Música porque o cinema captura a alteridade do mundo e a alteridade está frequentemente nos bons filmes e nos bons cineastas. [...] O cinema permite confrontar no mesmo quadro, no mesmo filme, coisas que são radicalmente heterogêneas. Então, é evidentemente muito importante também pelo cinema, quando se criança ou adulto, pode se fazer a experiência direta da alteridade. Em um filme, por exemplo, um homem pode se identificar completamente com uma mulher, com o pensamento ou os problemas de uma mulher. Porém, na vida real é muito mais difícil. O cinema permite que nos coloquemos – é Serge Daney quem dizia isso – no interior do outro, o que na vida real é extremamente difícil. (BERGALA, 2019, p. 2)

“O cinema permite que nos coloquemos no interior do outro”. É uma forma bonita de descrever como um filme pode nos tocar profundamente e nos fazer adentrar, com empatia, um universo totalmente distinto do nosso. O cineasta prossegue afirmando a relevância do cinema como forma de ampliar o conhecimento do mundo e o repertório de experiências da pessoa,

especialmente das crianças, cujo pouco tempo de vida limita também a quantidade de experimentação do mundo. Por isso, através do cinema é possível que a criança possua uma ideia muito mais ampla da alteridade. “Logo, é por isso que o cinema é extremamente formador, mas muito profundamente sobre a relação com o mundo que se pode ter” (BERGALA, 2019, p.3). E aqui creio que podemos ampliar a fala de Bergala direcionada à infância, pois a todos os seres humanos, independentemente de idade, a experiência cinematográfica traz possibilidades de ultrapassar o já conhecido e permitir-se conhecer outros mundos, outras culturas, nos tornando mais aptos a aceitar formas distintas de pensar e proceder, praticando a alteridade.

[72]

Adriana Fresquet, evocando ensinamentos do psicólogo russo Vigotski, propõe uma reflexão sobre o papel da *imaginação* na relação do ser com o mundo para pensar a importância do cinema na educação. É possível considerar a imaginação como um recurso biológico de adaptação que move o ser humano rumo ao seu desenvolvimento, possibilitando a criação de soluções para problemas tanto no âmbito físico, quanto das relações e emoções: “[...] a imaginação não é ‘um divertimento caprichoso do cérebro’, ela é, antes, ‘uma função vitalmente necessária’.” (FRESQUET, 2017, p. 32)

Para Vigotski, diz Fresquet (2017, p. 32), existem quatro pontos para entender “a relação entre imaginação e realidade”. A primeira delas é compreender que toda mirabolação da imaginação compõe-se de elementos extraídos da realidade, considerando as experiências anteriores do próprio indivíduo. Dessa forma, podemos recordar a fala de Alain Bergala (2019), conectando o cinema com a possibilidade de experiências fora do âmbito cotidiano, o que inevitavelmente enriquece o arsenal de que dispõe o cérebro para a atividade criativa. A segunda forma, e a que mais diretamente se liga com a prática da alteridade, é a capacidade de a imaginação utilizar-se de materiais não apenas baseados nas próprias experiências individuais do ser, mas também nas experiências relatadas por outros. “Só porque a imaginação trabalha orientada pela experiência do outro é que o produto da nossa fantasia nos aproxima de determinada realidade, alargando as possibilidades do conhecimento” (FRESQUET, 2017, p. 33).

A terceira consideração levantada por Vigotski diz respeito à emoção. Considera-se que a emoção faz um duplo movimento com a imaginação: tanto tende a manifestar-se em imagens coerentes com o sentimento que se tem - dando diferentes interpretações para uma mesma

imagem, pois essa tende a adquirir significados distintos a partir do sentimento que se liga à ela -, quanto aceita a interferência da imaginação na produção dos sentimentos, de forma que de fato podemos sentir medo quando assistimos à um filme de horror. Esta relação da imaginação com a emoção é particularmente explorada pelo cinema, de forma, que a educação cinematográfica também pode refletir a respeito da utilização responsável de uma ferramenta tão poderosa que tem a capacidade de mover emocionalmente os espectadores. Pois “nem toda emoção é digna”, reflete Alain Bergala (2019, p.8), referindo-se às táticas de comoção utilizadas pelos filmes de propaganda nazista. A última forma de relação entre imaginação e realidade se dá pela criação de algo totalmente novo. “Pensemos em uma bicicleta, ou em uma caneta, ou em qualquer objeto que já tenha sido inventado, ele é fruto da combinação de elementos conhecidos, na fantasia, que dá lugar a coisas novas, reais” (FRESQUET, 2017, p. 37). Essa capacidade da imaginação, segundo Fresquet (2017, p. 36), “a mais poderosa pedagogicamente”, é a que permite ao homem criar não apenas objetos inovadores, mas também encontrar curas para doenças e propor novas soluções para problemas sociais e culturais que a séculos afligem a humanidade.

[72]

A partir das considerações trazidas por Fresquet (2017), podemos perceber que o próprio ato de assistir a um filme funciona como exercício da imaginação e do saber, pois acrescenta experiências ao arsenal imagético do qual nos utilizaremos futuramente para buscar soluções para as questões que a vida nos impõe; e isso a partir de um exercício de identificação e de alteridade, visto o cinema poder apresentar dentro de sua própria estrutura situações e personagens absolutamente distintos, temperando isso tudo com uma grande capacidade de afetação emocional. “Nesse trânsito, surge a aprendizagem concebida não como um processo de solução de problemas nem a aquisição de um saber, mas como um processo de produção de subjetividade” (FRESQUET, 2017, p. 38).

[73]

Mas a verdade é que, até dedicar-me a estudar cinema, eu nunca tinha me preocupado tão metodicamente com a decupagem dos processos e funções orgânicas, biológicas, psicológicas e afins, que se passam enquanto assistimos a um filme. Mas, de alguma forma, eu percebia que havia algo “grande” ali. Eu via os cinemas lotados, as videolocadoras cheias e, mais atualmente, cada vez mais softwares de *streaming* sendo criados com resultados

milionários. “As pessoas procuram o cinema” - fenômeno observável. “Eu procuro o cinema” – por quê? Estudando fotografia cinematográfica, em 2016, fui apresentada a um livro do premiado diretor de fotografia Nestór Almendros (1980), “*Días de una Cámara*”. Neste livro, Almendros conta sua trajetória com o cinema, desde sua infância, e narra:

Minha família era de ideias republicanas e meu pai teve que exilar-se com o triunfo dos fascistas; o resto da família ficou na Espanha. Desde muito pequeno minha mãe, meu tio ou meu avô me levavam frequentemente ao cinema. Naqueles tempos difíceis, justo ao acabar a guerra civil, o cinema constituía, para a gente pobre, o único meio de escapar à opressão intelectual do Franquismo. Este espetáculo chegou a ser como uma droga, uma evasão, na qual o cinema americano, naturalmente, tinha o papel principal. [...]

O cinema era uma saída provisória até outra realidade distinta da que nos cabia viver. Desde então não tenho atacado sistematicamente, como outros, o chamado cinema escapista porque – como a mim naquelas precárias circunstâncias – creio que ajuda muitas pessoas a viver. (ALMENDROS, 1980, p.53, tradução nossa)

Quando li este trecho do livro, lembro-me de haver percebido aquele “clique” interior. Era desta forma também, embora não vivenciasse circunstâncias drásticas como as de Almendros, que eu assistia aos filmes. Para fazer essas pequenas fugas temporárias, nas quais eu poderia de alguma forma vivenciar experiências outras. É difícil também não relacionar este trecho com o início do filme “O Beijo da Mulher Aranha” (1985). Para a personagem Molina, relembrar os filmes era também uma questão de sobrevivência. De sanidade. A realidade que vivia era muito dura e ela sentia necessidade de aliviar-se um pouco “do mundo”, fugindo para esta outra dimensão, gravada em seu íntimo, dos romances que assistira. Que isso seja um recurso biológico, não só de proteção da psique, mas também de adaptação ao mundo, como sugere Vigotski, só torna o cinema ainda mais interessante.

## ESCOLARIZAÇÃO

*O que guia estes corpos na luta contra a dominação é que, ao se olharem, eles veem, nos olhos uns dos outros, noites como a sua: noites onde habitam a paixão pela vida, a memória e o desejo de resistir. (Ierê Rego Beltrão)*

[74]

Quando iniciei esta pesquisa, parti principalmente de uma sensação. Indignação. Eu não sabia explicar exatamente o que é que me causava tal sentimento. Sempre fui uma aluna aparentemente *bem adaptada*. Nunca uma reprovação ou exame, notas acima da média. Era de

se esperar, afinal, que eu defendesse o sistema que parecia me beneficiar. Mas não era assim que eu me sentia e, se eu não tinha certeza de como colocar em palavras o que exatamente me incomodava, eu sabia exatamente quando minhas entranhas ferviam de indignação. Estava lá, me roendo por dentro, mas não me vinham as palavras. Eu não conseguia me sentir de nenhuma forma beneficiada por tirar boas notas porque o preço que eu pagava em estresse e exaustão para que assim fosse não parecia valer a pena. Essa indignação crescia sempre que eu via que pessoas olhavam com naturalidade para o sofrimento dentro da academia, como se esta fosse a contrapartida válida para acessar o conhecimento. Ela crescia quando os professores ou coordenadores privilegiavam as burocracias sobre o bom-senso, se tornando irredutíveis e frios, e os alunos se conformavam com cobranças que não levavam em consideração suas saúdes física e mental. Alunos dóceis. Alunos que não questionam ordens superiores. Pessoas dóceis. Pessoas que não questionam ordens superiores. Não se rebelam. Nunca dizem “não”. Pessoas “resilientes” e produtivas. A educação pautada em obediência e produtividade. Então comecei a me questionar sobre qual era a reverberação social de décadas de submissão nos bancos escolares. Aos 28 anos, quando iniciei o mestrado, já havia passado pelo menos 20 em instituições escolares como estudante, 8 deles em instituições de Ensino Superior e me parecia um tanto absurdo que tudo continuasse se repetindo, semestre após semestre, sem que nada disso fosse jamais problematizado. Como um véu, uma névoa, algo que está, mas por não ser drástico a ponto de cegar e não permitir a continuidade, permanece como se não existisse.

Ao mesmo tempo, ensinar sempre foi algo que me cativou. Eu gosto de compartilhar conhecimento. Mas pensar a educação nos termos escolarizantes me dava arrepio. “Mas, como educadora, eu consigo *não ser* assim depois de vinte anos sendo treinada na lógica escolar?”. Como não ser? Por onde começar uma busca sobre outras formas de educação que não esta? As palavras foram vindo aos poucos, com as leituras, as discussões, os cruzamentos. As coisas foram se encaixando. Conhecer os autores que pensavam educação e poder discutir junto aos colegas foi me fazendo compreender aquilo tudo contra a qual meu íntimo já vinha se rebelando há anos. Disciplina, vigilância, docilidade, utilidade.

## **Domesticação**

[75]

De que forma a educação recebida na escola molda os corpos e as subjetividades? Por que quase todas as escolas se parecem? Por que em pleno século XXI ainda insistimos em



práticas pedagógicas desenvolvidas há séculos? Carteiras enfileiradas, estudantes em silêncio, disciplinas, obediência, horários rígidos, aprendizagem padronizada. Como as práticas escolares continuam contradizendo os discursos sobre diversidade na educação? E porque continuamos a reproduzir os comportamentos bem ensaiados do ensino fundamental, a lógica da coação e da punição, mesmo no ensino superior onde somos todos adultos - teoricamente responsáveis e bem adaptados? A tendência a reproduzir os comportamentos arraigados tão profundamente em nossa subjetividade ou em tomá-los como verdade inquestionável é um risco grande a se correr quando não problematizamos nossas práticas. Nossas programações, criadas por anos e anos de educação escolar, criam a tendência de, num jogo de inversão de poderes – passar de aluno a professor –, acabarmos por submeter o outro ao que fomos submetidos. Não se trata de questionar a democratização do ensino ou a defesa ao acesso à educação, mas sim de refletir sobre os “comos” do fazer pedagógico. Os conteúdos curriculares passam por nossa vida muito rapidamente, em turnos de 45 min (média de duração de uma aula), depois de anos, poucos restaram em nossa memória, no entanto, as práticas escolares de sujeição e obediência são reforçadas diariamente durante anos e anos. Ierecê Rego Beltrão, em seus estudos sobre a lógica disciplinar e de vigilância da escola, diz:

Mas se a máquina-escola opera por vigilâncias permanentes, opera também por constantes penalizações dos mínimos atos considerados por ela infração. Tudo é passível de entrar na rede do penalizável: o uso indevido do tempo (as chegadas tarde, as saídas cedo, as ausências, as presenças inoportunas, a interrupção dos exercícios, o atraso no cumprir os prazos, a demora no aprender); a realização imprópria do trabalho (a falta de atenção, o desinteresse, o desleixo, a preguiça, a apatia); o incorreto modo de agir (a desobediência, os maus modos, a insolência, o desrespeito); a fala inoportuna (falar demais, não falar, falar incorretamente, falar na hora errada); o insatisfatório referido ao corpo (a sujeira, o relaxamento, a displicência, as incorreções de postura, os deslocamentos desnecessários). Para punir, todo e qualquer elemento é arma; para ser punido, todo e qualquer ato entra no campo do julgamento e da punição. (BELTRÃO, 2000, p. 56)

Dessa forma, os jogos de poder escolar ficam muito bem demarcados em nossa subjetividade. Nesse caso, o preço do conhecimento “que liberta” é um corpo muito bem adestrado. O papel da escola, muito mais que possibilitar o acesso ao conhecimento, continua sendo o de nos moldar socialmente como indivíduos dóceis politicamente e úteis economicamente.

[76]

Espalhou-se pela internet recentemente um vídeo (MENINA, 2020) cômico onde uma menina de uns 4 anos de idade brinca de “escolinha” com seus gatos. A menina está de pé desenhando uma flor em um quadro negro, enquanto os dois gatos estão sentados cada um em uma cadeira (como se senta um ser humano, não um gato) em volta de uma mesa pequena. Cada gato tem em sua frente uma folha de papel e alguns lápis coloridos. A menina, após desenhar as raízes da flor, aponta com o giz para os gatos e diz “Entenderam? Desenhem! Entendeu, Luiz Roberto? Entendeu, Jurandir? É assim que se desenha uma flor”.

[77]

Investigar a história da educação escolar pode nos ajudar a compreender as bases sobre as quais estão assentadas muitas das práticas pedagógicas contemporâneas. Aproximando-nos mais da especificidade brasileira, é possível perceber um caráter inerentemente colonizador nos modos de educação implantados historicamente. No Brasil quinhentista tínhamos os padres jesuítas, responsáveis pela educação das crianças, que tanto ensinavam a leitura e escrita, quanto a catequese. Esses educadores ensinavam a ler, fazer orações, música e canto - porque as crianças “aprendiam com rapidez a doutrina, obedeceriam às ordens e seriam bons cristãos”, diz a pesquisadora Gyane Leal (2019, p. 50). As crianças indígenas eram consideradas “cera virgem” onde se poderia inscrever os preceitos e virtudes da fé cristã. Era oportuno voltar a educação para elas porque se convertiam mais rapidamente que os adultos, que eram mais arredios. Em algumas situações as crianças eram levadas espontaneamente pelos pais indígenas para que fossem educadas pelos jesuítas, ainda que o foco da catequização das crianças indígenas fosse a incorporação dos costumes europeus e abominação da cultura de seus pais, levando-as muitas vezes a denunciar as práticas de seus antepassados. A educação jesuítica era bastante rígida e marcada por castigos físicos, pautada na lógica da purgação dos pecados, do respeito aos dogmas e na punição como um ato de amor, pois que através dela se estava educando para a virtude e salvando almas (LEAL, 2019).

Mais adiante, segundo a mesma autora, é possível notar a característica fortemente domesticadora da escola nos relatos de viajantes europeus ao Amazonas, durante o século XVIII. A pesquisadora, em seu estudo sobre a história das crianças ribeirinhas, faz um levantamento histórico sobre a educação no período colonial e identifica que havia um grande interesse por parte dos colonizadores em propiciar a educação “do povo” para garantir a assimilação da cultura europeia e que esta prevaleceria sobre a cultura “selvagem” dos

habitantes locais. A educação, que ainda estava fortemente ligada à igreja, tinha a missão de fazer prevalecer os valores cristãos dos colonizadores sobre as crenças e práticas dos povos originários, incitando o temor religioso e a obediência servil. Leal (2019), estudando o relato de viajantes europeus no período colonial, justifica a preocupação do “homem branco” em educar as crianças indígenas:

No século XVIII os nativos eram tratados como animais selvagens que deveriam ser domesticados, civilizados e catequisados a fim de atenderem aos objetivos dos exploradores, dentre quais podemos citar a exploração de mão de obra escrava e dócil para o enriquecimento da coroa portuguesa. (LEAL, 2019, p.60)

[78]

Na Europa dos séculos XVIII e XIX, emerge fortemente uma preocupação estatal em implementar a educação pública. A passagem da educação do núcleo privado - familiar - para o espaço institucionalizado - escola - se dá na medida em que a sociedade se desenvolve do ponto de vista científico, tecnológico e em sua própria composição como estado-nação. A urbanização, o avanço da ciência, a perda do monopólio da força política pela igreja católica e a derrocada do poder absolutista em torno de uma mesma figura geram outras demandas sociais. Dessa sociedade que se reestrutura, que está entrando no caminho do conhecimento científico, brotam outras necessidades. Uma delas é a percepção de que se as crianças pertencessem somente ao âmbito doméstico, a conjuntura doméstica não teria condições de pertencer a essa nova conjuntura social. Os pais necessitavam trabalhar e já não davam conta da educação dos filhos, especialmente as mães, consideradas até então as principais responsáveis por cumprir essa demanda, de forma que a escola surge também para suprir a necessidade de liberação dos pais para poderem assumir novas funções, além de cumprir um papel social de moldar as crianças para que tivessem comportamentos adequados à essa sociedade que se forma. Desse modo se aproveitava a educação de massas para “civilizar” os cidadãos e prepará-los para a era da industrialização e urbanização das cidades. Era possível ter mais controle sobre o que seria ensinado numa educação institucionalizada, do que em uma educação em ambiente familiar, onde os valores da família poderiam se sobrepor aos interesses do Estado. Através da educação das crianças era possível garantir trabalhadores dóceis no futuro, além de indiretamente disseminar os valores morais e políticos para dentro dos lares. Os historiadores Moyses Kuhlmann Jr. e Rogério Fernandes (2004, p.26), afirmam:

No final do século XIX e início do século XX, a infância e a sua educação irão integrar os discursos sobre a edificação da sociedade moderna. Farão parte do modelo geral referencial das instituições e da estrutura do Estado para uma nação *avançada* [...] A educação era identificada como um dos elementos do progresso cultuado, ao lado da eletricidade, as máquinas, das inovações tecnológicas, dos produtos industriais.

Mariano Narodowski (1999), fala sobre essa transição da educação do espaço privado para o espaço institucional, reiterando que essa “captura da infância e das crianças”, não foi uma escolha espontânea das famílias, mas sim uma transição arquitetada. Apesar de qualquer resistência ou desconfiança que poderia haver por parte da família para não mandar seus filhos à escola desenvolve-se a compulsoriedade da educação escolar. O estado poderia fazer-se valer da força policial e jurídica para obrigar a criança a frequentar a escola e a família que descumprisse essa premissa poderia sofrer diversas sanções.

Esta abdicação constituía, obviamente, o ponto máximo de desenvolvimento do dispositivo de aliança (*família-escola*): o pai deixa de exercer seu poder sobre o filho para que este, já como aluno, seja educado corretamente em uma escola, sob a autoridade de um professor. A infância deixa de ser questão de índole íntima ou privada para passar a constituir uma das principais preocupações públicas. Mais tarde, do fim do século XIX e até os nossos dias, uma das principais preocupações públicas do Estado nas nações ocidentais. (NARODOWSKI, 1999, p.62, tradução nossa)

[79]

Considerando a escola a partir da sua finalidade civilizadora, podemos pensar o papel do professor como aquele especialista a quem, imbuído de autoridade pedagógica, cabia definir os métodos educativos que seriam empregados para transmitir os conteúdos curriculares, mas também para fazer-se cumprir o papel social de homogeneizar as ideias e os comportamentos sociais. O estudo técnico especializado do professor legitimava a escola como detentora do “monopólio do saber”. O desenvolvimento tecnológico da prensa, reafirmou a predominância da palavra - leitura e escrita - como principais formas de produção e transmissão de saberes, deslegitimando outras práticas preexistentes (como a oralidade). Segundo Narodowski (1999, p.68): “A escola moderna fixou o que se haveria de ler, como ler e quando ler e reprovou, em um ato proverbial de hegemonia e monopólio cultural, a todas aquelas leituras e escritos que não se ajustaram ao que marcava seus preceitos”.

As relações entre professores e alunos eram rigidamente hierarquizadas: o aluno (aquele que não sabe ou cujos conhecimentos vulgares deveriam ser corrigidos), deveria ser instruído pelo professor (o detentor do conhecimento). O professor representava a centralidade do poder. Sua palavra não poderia ser questionada. Numa educação marcada pela autoridade e pela

racionalidade, ao professor cabia também punir os alunos desobedientes a fim de corrigi-los. A disciplina deveria ser seguida à risca para que se formassem bons cidadãos. Segundo Ierecê Rego Beltrão (2000, p.58):

Fala-se de um castigo cuja função específica é reduzir os desvios da norma, diminuir a distância entre o real e o modelo; de um castigo que busca a correção de um comportamento [...] O castigo disciplinar visa produzir menos a culpabilização e o arrependimento e mais a conformidade, a adequação do comportamento ao modelo escolhido como padrão.

Em contrapartida, também cabia ao professor premiar os alunos bem adaptados à norma. Ierecê (BELTRÃO, 2000) reafirma que a escola adentra através do mecanismo prêmio-punição. E esses mecanismos se efetuam em um interminável processo de comparações, qualificações, diferenciações e hierarquizações que resultam na normalização dos indivíduos.

[80]

O aluno: aquele sem rosto. Aquele vazio. Aquele em branco. Aquele que *recebe* conhecimento. Aquele que precisa ser disciplinado. Aquele que aprende o que *deve*. Uniformizado, padronizado. Aquele que não critica. Aquele que copia. Aquele que obedece. Aquele que está na *média*. A ideia de aluno é impessoal. Todas as pessoas que ingressam no espaço educativo são passíveis de homogeneização. A educação é marcada pela ideia de um modelo, um padrão de adulto ideal, que deve ser almejado por todos os estudantes indistintamente.

Figura 1 – Juramento na formatura da pré-escola (1996)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 2 – Parabéns Formandos (1996)



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 3 – Divisão funcional do espaço, 6ª série (2002)



Fonte: Arquivo da autora.

Entender que a educação escolar, desde a infância até a idade adulta, vem sendo utilizada como forma de vigiar e disciplinar corpos e subjetividades para atender a demanda de determinados discursos de verdade, mostra o imenso potencial deste tipo de estratégia para o controle social e manutenção de estruturas de poder. Mesmo havendo alguns discursos pedagógicos do século XX que se baseiam em pensar uma educação mais crítica, quantas dessas características oriundas da escola tradicional não podemos identificar em nossas próprias trajetórias escolares no século XX ou XXI? Quem sabe em nossas próprias práticas docentes? Quantas vezes paramos para refletir que os corpos silenciosos em nossa frente, sentados enfileirados, dizendo apenas o que queremos ouvir sob o risco de tirarem notas baixas, também fazem parte da educação de toda uma subjetividade que molda os sujeitos? O silêncio mantido pela força é sinal de “boa” educação?

### **Adoecimento**

[81]

Outra consequência dessa educação homogeneizante e padronizadora é o sofrimento psíquico dos estudantes. Na busca por alcançar o funcionamento e as metas traçadas para um “aluno modelo” e tendo seus contextos e subjetividades ignoradas, cada vez mais os estudantes vem adoecendo. Na academia, por exemplo, a naturalização desse sofrimento é tal que, naqueles que conseguem ir até o fim de seus cursos, nasce uma espécie de sentimento de vitória, de orgulho, de superioridade. “É difícil”. “É para os fortes.” Como se acabassem de passar por um estranho ritual de resistência.

Na pesquisa de campo realizada no HCTP, fatores como a condição mental dos pacientes que participavam das oficinas não poderiam de nenhuma forma ser ignorados na hora de pensarmos as estratégias pedagógicas. Esse constante cuidado que precisávamos tomar e essa vivência paralela hospital-universidade, tornava a percepção do adoecimento mental na academia ainda mais gritante. Eram dois ambientes que eu habitava simultaneamente, de forma que as percepções suscitadas por ambos, se entrelaçavam em mim enquanto estudante e pesquisadora.

Há diversos estudos recentes que percebem a escola e o ambiente universitário como agentes causadores dos mais diversos sofrimentos emocionais e psíquicos e talvez estes temas tenham tomado maior notoriedade devido ao fato de isto estar virando uma espécie de



epidemia<sup>3</sup>. Um levantamento feito pela Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em 2014, com cerca de 950.000 estudantes universitários apontou dados alarmantes: dentre as dificuldades emocionais mais assinaladas, a ansiedade apareceu em primeiro lugar, com 58,36%, seguida de desânimo com 44,72%, insônia e outros distúrbios do sono com 32,57%, sensação de desamparo e desesperança com 22,55%, solidão com 21,29% e sensação de tristeza persistente com 20%. Ainda 10,56% dos acadêmicos responderam sentir medo/pânico. Além dos números que deveriam nos colocar ainda mais em alerta: 6% dos discentes assinalaram o item “ideia de morte” e 4% “pensamento suicida”. “Os dois últimos valores merecem destaque, uma vez que em termos absolutos poder-se-ia dizer que quase 60 mil discentes têm ideia de morte e temos aproximadamente 40 mil potenciais suicidas” (2014, p. 247). Neste mesmo estudo ainda, entre outras dificuldades enfrentadas pelo discentes que interferem em seus desenvolvimentos acadêmicos aparecem: dificuldades financeiras (42%), carga excessiva de trabalhos estudantis (31,14%) e relação-professor estudante (19,8%).

Apesar de serem números bastante altos, não é comum ver este tipo de debate acontecendo nas universidades. Nas salas de aula, é um tema que ainda permanece emudecido. Talvez um tabu, talvez uma insensibilidade social à questão. Neste caso, mais do que silenciados, esses sofrimentos são naturalizados dentro destes ambientes, contribuindo ainda mais para a piora e para o isolamento do sujeito que está sofrendo.

---

<sup>3</sup> As pesquisas e notícias relacionadas a seguir são: “IV Relatório de Pesquisa do Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades brasileiras” (ANDIFES, 2014); “Alunos do ensino superior enfrentam problemas psicológicos” (AVANCINI, 2019); “Saúde mental exige universidade mais acolhedora, alerta pró-reitora da UFMG” (CALDAS, 2018); “Ideação Suicida na População Universitária: uma revisão de literatura” (CARDOSO; PEREIRA, 2015); “Uso de psicoestimulantes por estudantes durante a vida acadêmica” (COELHO; FARIA, 2016); “Por que depressão e ansiedade afetam cada vez mais universitários” (CRUZ, 2018); “Suicídio de Universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade” (DUTRA, 2012); “Substâncias Psicoativas: o consumo entre acadêmicos de uma universidade do sul do Brasil” (FERRAZ; PIATO; MATTER; BUSATO, 2008); “Caraterização do uso de psicoestimulantes na comunidade acadêmica: Experiência Profissionalizante na vertente de Farmácia Comunitária e de Investigação” (FERREIRA, 2015); “O Uso de Psicoestimulantes por Acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Rondônia” (MENEZES; NOMERG; LENZI, 2019); “Saúde mental: quando universitários pedem ajuda” (MIGUEL, 2018); “Estudantes de mestrado e doutorado relatam suas dores na pós-graduação” (MORAES, 2017); “Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do País: prevalência, motivação e efeitos percebidos” (MORGAN et al, 2017); “Saiba quais são os riscos de usar remédio para déficit de atenção para turbinar o cérebro” (NABUCO, 2016); “Uso abusivo de Ritalina para aumentar concentração é perigo para a saúde” (OLIVEIRA, J., 2018); “Depressão na universidade: como a pressão acadêmica afeta a saúde mental” (OLIVEIRA, R., 2018); “Consumo de Psicoestimulantes no Meio Universitário: aspectos clínicos e bioéticos” (PEREIRA; COSTA, 2016); “Por que a universidade está deixando os estudantes doentes” (2019); “Ritalina para estudar: afinal, funciona ou não” (2018); “Medicalização no Ensino Superior: o uso indiscriminado de anfetaminas por estudantes do curso de medicina” (SOUSA; PINTO; RIBEIRO, 2017); “Rebite Universitário: Estudantes de Medicina e o uso indiscriminado de Ritalina” (VIEIRA, 2017).

Outro aspecto que aparece como consequência do ritmo patológico do ambiente universitário é o uso em massa de psicoestimulantes para dar conta das diversas demandas de estudo e trabalhos de aula. Esse uso vai desde grandes doses de café e energéticos ao uso inapropriado de remédios para inibir o sono, como medicamentos para tratamento de narcolepsia, ou o uso indiscriminado de medicamentos que (supostamente) aumentam a concentração e a memória, como remédios para Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Segundo as pesquisadoras, Sara e Costa (2016), responsáveis por um levantamento que avalia o consumo de psicoestimulantes no ensino superior, “verificou-se que existe uma prevalência significativa de consumo não-médico de psicoestimulantes pelos universitários, sendo a principal fonte de obtenção os colegas, e que este é justificado, na maioria dos casos, pelo desejo de potencializar capacidades cognitivas” (SARA; COSTA, 2016, p. 1). Sendo assim, o uso de psicoestimulantes, a despeito de seus efeitos colaterais, aparece como recurso do qual os estudantes lançam mão para tentar passar por situações de grande pressão ou cansaço, em que seu corpo, sem o auxílio dos aditivos, já não dá conta.

Em defesa do tempo/espço acadêmico, no entanto, é importante considerar que, embora ele possa ser muitas vezes adoecedor, ainda assim, é um espaço que permite perceber e pensar essa condição, permite a própria crítica e dá abertura para pesquisas experimentais no campo da educação, incluindo esta que realizo no HCTP, nas quais outros modos de educar são possíveis.

Figura 4 – O adoecimento da academia pela academia, colagem (2019)



Fonte: Elaborado pela autora, com base em artigos e notícias supracitados.

[82]

Durante a pandemia de COVID-19 as universidades viram-se na necessidade de avaliar a possibilidade de adaptação das disciplinas presenciais em disciplinas virtualizadas para poder dar continuidade ao ano letivo. Para isso, os cursos fizeram pesquisas junto aos docentes e discentes para avaliar suas reais possibilidades de acompanhar disciplinas nessa modalidade. Nos três formulários que respondi (PPGE/UDESC, PPGE/UFSC e Cinema/UFSC) havia perguntas a respeito das condições materiais dos estudantes para acompanhar aulas a distância, mas apenas no formulário enviado pelo Departamento de Artes da UFSC, contava uma pergunta sobre como os alunos se *sentiam* durante a pandemia, revelando uma preocupação também com as condições psíquicas dos estudantes. Curiosamente, as palavras que mais se repetiram foram “ansiedade” e “(im)produtividade”.





## OFICINAS. UM MODO DE ESTAR

Quando entrei no mestrado, Ana Preve já vinha orientando trabalhos e pesquisas com a temática das oficinas há anos<sup>4</sup>. Sua própria tese de doutorado, “Mapas, Prisão e Fugas: cartografias intensivas em educação” (PREVE, 2010), reflete sobre a prática de anos de oficinas ministradas no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis. E a *estratégia oficina* me interessava enormemente, pois, a meu ver, se tratava de uma forma mais possível para um tipo de educação que ocorre fora dos processos de escolarização. A oficina lida com a escuta do que o outro diz. É preciso escutar para saber conduzir o que se quer. Corrêa e Preve (2011) falam sobre sua experiência com oficinas no já extinto Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) do Centro de Ciências da Educação da UFSC e sobre a impossibilidade de conciliar o que era próprio da oficina elaborada pelo grupo com a educação escolar:

Quanto mais as oficinas ampliavam a liberdade de seus participantes — osicineiros e o conjunto das pessoas interessadas no tema apresentado para estudo — menos elas eram possíveis de acontecer nas aulas. Chegamos a um ponto em que as oficinas já eram uma produção totalmente imprópria à escola. Sua abertura aos mais diversos temas de estudo, a não limitação de faixa etária aos participantes, seu constante estado de *work in progress*, a não hierarquização dos saberes nem das funções, a impossibilidade de acontecer mantendo a organização e o tempo da aula, os sons que produziam e sua não compulsoriedade eram elementos por demais agressivos à organização escolar. Assim, com o tempo, a decisão de investir nas oficinas tornou-se a decisão de desenvolver um trabalho em educação que não correspondesse às exigências da escolarização. (PREVE; CORRÊA, 2011, p. 196, *grifos nossos*)

Pensada desta forma, a proposta de oficinas se encaixava perfeitamente com o tipo de educação que eu estava disposta a pesquisar. A base do funcionamento da oficina é: um oficineiro define um *tema*, cujo critério de escolha é principalmente o seu *gosto* (no contexto de uma área de conhecimento, podendo, inclusive, fugir do *strictu senso* da sua área de trabalho e formação mas se acoplando a estas), então ele estuda este tema e o espaço onde será feita a oficina e elabora suas estratégias para que o tema seja movimentado nos grupos que se elege, fazendo circular o saber. Durante a execução da oficina participa *quem quer e enquanto quer*,

---

<sup>4</sup> Como as de Michele Martinenghi Sindronio Freitas, graduada em Geografia e mestre em Educação pela UDESC e doutoranda em Educação pela UNICAMP, foi oficineira no HCTP entre 2015 e 2016; Camila Verena Fernandes Barbosa, graduada em Geografia pela UDESC, foi oficineira no HCTP entre 2015 e 2019; Danilo Stank Ribeiro, que já trabalhava com oficinas desde 2012; Luiz Guilherme Augsburg, oficineiro no HCTP entre 2015-2016 e 2018-2019.



sem qualquer obrigação de permanência. Segundo Luiz Guilherme Augsburg (2017, p. 54): “É difícil precisar nela [na oficina] alguns limites (e.g., sua duração e sua forma), pois que a intensidade e extensão exatas são dadas no próprio ato de realização das oficinas e a partir daquilo que as circunstâncias concretas implicam”. Nesse sentido, a oficina pode ter muitos jeitos e muitas caras, vai depender de quem está ministrando, o quê, onde e para quem. Ela pode inclusive começar de um jeito e terminar de outro totalmente inesperado, porque mudar no meio, ter abertura para se deixar afetar pelo que se experiencia no momento, também faz parte da oficina. A oficina não necessariamente é alguém ensinando algo a outros que não sabem. Às vezes, a proposta pode ser somente vivenciar algo juntos, sem que se precise ter uma lição ao final. Volto a citar Luiz, amigo, historiador e pesquisador em educação, sobre suas bonitas experiências com oficinas no HCTP, ministradas durante o ano de 2016:

[...] proponho jogos inúteis: eles elaboram listas, listas feitas pelo puro exercício de fazê-las; proponho jogos com as palavras listadas, proponho jogos com palavras – a oficina versa sobre poesia, brincamos de ser poetas, exercitamos poemas, ler, copiar, inventar –, jogamos com sentidos, emoções, significados; jogamos com a razão e a desrazão – oficina de poesia em que participam mesmo os que não sabem nem ler nem escrever, um dadaísmo coroado, um gaguejar da língua. (AUGSBURGER, 2017, p. 57)

A oficina é acima de tudo uma vontade de trocar e de estar. A oficina se propõe muito mais ao encontro e ao que pode surgir do encontro do que a cumprir um conteúdo determinado, a unificar as experiências, a fixar conceitos. Segundo Ana Godoy (s/d, p. 3):

O que importa é então como se faz e não o que se faz, e este como não pode ser estabelecido de antemão. Aoicineiro não cabe, portanto, conduzir os participantes por caminhos que ele estabelece, mas espereitar as variações, conduzir uma força por meio da qual desarma-se e foge-se das armadilhas (os clichês, as palavras de ordem, a falta de rigor, a besteira), introduzindo desvios em ressonância com a mutabilidade do material, com a mutabilidade afetiva que cada participante experimenta.

[83]

Em 2019 surgiu a possibilidade de eu começar a ministrar oficinas no HCTP, me juntando ao trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão “Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino”, coordenado pela professora Ana Preve. Através do projeto a então geografa em formação e pesquisadora Camila Barbosa desenvolvia oficinas semanalmente com os internos do HCTP há quase quatro anos. A ideia era de que eu, juntamente com Luiz, nos juntássemos ao projeto passando a oferecer oficinas nos sábados, no HCTP, assim como auxiliando Camila na organização do “Sarau no HCTP”, uma proposta



mensal de realizar um pequeno encontro informal numa quinta-feira à tarde do mês, aberto a convidados e à comunidade (previamente inscrita) para cantar, tocar violão, conversar e contar histórias.

[84]

Então, como decidir o tema de uma oficina? Aproveitando o movimento de citar os companheiros de pesquisa, trago agora outro importante colaborador desta pesquisa, que foi também, mais adiante, meu companheiro de oficinas durante o ano de 2019, e que já traz consigo anos de experiência comoicineiro, Danilo Stank Ribeiro (2017, p.46):

Uma oficina nasce meio (uma questão, uma inquietação, uma pergunta, uma proposta, um desafio etc.)... Vem não se sabe de onde, um encontro, alguma leitura, uma situação, uma aula, uma pessoa. Não se sabe se ela já estava lá, dentro da gente, se é algo de tempo, algo que está escondido, se foi plantado lá. Sei que quando inicia mesmo, quando a gente se dá conta, o negócio já começou. Claro, primeiro a gente procura em tudo, vai ler, vai estudar, vai procurar entender, vai no mundo todo em busca de algo que cativa, que incomode, que faça brilhar o olho, e coisas assim. Daí a gente junta, e junta, e junta coisa só para tentar ativar essas coisas em nós, que não tem nome ou forma, mas que a gente insiste em nomear e preencher. Até que a gente se dê conta que tem uma parte de nós que tem que estar ali, que tem que ser posta à prova, que tem que ser testada, leva um tempo, talvez uma vida toda.

Buscar algo que “faça brilhar o olho”... Foi assim que me pus a pensar no que eu gostaria de compartilhar. Mais do que no que eu gostaria, também no que eu *tinha* para trocar, para contribuir. Porque oicineiro tem isso de ser quem leva. Quem faz a proposta. Queria que fosse algo que me motivasse interiormente. “Arte”, pensei. Por isso o tema das oficinas não foi difícil de definir, queria trabalhar com Cinema. De início, confesso que a ideia de *fazer um filme* no HCTP, entrou na minha cabeça e não quis mais sair. E até essa pandemia acontecer, talvez ainda tivesse esperança de conseguir fazê-lo antes de terminar o mestrado, mesmo a despeito de toda a burocracia necessária para filmar em um hospital-prisão. Mas assim como a necessidade do isolamento social revirou todo o nosso cotidiano, também interferiu nos planos de dar continuidade às oficinas em 2020.

[85]

A ideia do cineclubeteve origem no trabalho que eu fazia até antes de entrar no mestrado. Em 2018, eu estava trabalhando como estagiária do cineclubete da Fundação Cultural da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina (BADESC). Esse cineclubete apresentava

filmes todos os dias, em parceria com diversos outros cineclubes de Florianópolis, gratuitamente, no seu pequeno auditório de 50 lugares. Algumas sessões enchiam, outras tinham somente um ou outro gato pingado. Algumas pessoas iam quase todos os dias. Muitas vezes sozinhas. Uma espécie de compromisso marcado consigo mesmo. Alguns eram falantes. Risonhos. Outros silenciosos. Alguns eram eruditos, falavam várias línguas e pertenciam claramente a classes sociais mais abastadas, outros eram pessoas muito simples, moradores de rua, trabalhadores da região. Estudantes. Algumas sessões, geralmente de cineclubes universitários, propunham debates com temas específicos de acordo com suas respectivas áreas de estudos, após as sessões. Outros apenas exibiam os filmes. A própria Fundação Cultural BADESC organizava mostras de filmes e trazia debatedores procurando sempre levantar discussões relevantes a aspectos sociais contemporâneos e filmes que estivessem fora do circuito comercial. Para alguns filmes era mais difícil atrair público – filmes antigos, de países longínquos – mas, de qualquer forma, chegando às 19h, a Fundação abria seu cineclube para receber quem viesse. E sempre vinha alguém. Percebi que não importava tanto quantas pessoas participavam da sessão. Às vezes, em uma sessão com poucas pessoas, uma delas apenas saía fortemente impactada pelo filme. Claro, a experiência de cada um é difícil de mensurar, assistir um filme é uma experiência subjetiva, mas, se há uma pessoa como público que seja, a exibição é válida. E, mais atraente que realizar a exibição, era possibilitar os diálogos. Nas sessões em que havia debates muitas vezes o público que ficava para conversar se compunha de todas essas pessoas muito distantes em seus cotidianos umas das outras. Dificilmente se reuniriam para conversar em outro ambiente. Essa experiência de compartilhar impressões com pessoas com histórias de vida tão distintas, era muito rica. Rica ao conter diversos pontos de vista, rica ao promover um encontro que inevitavelmente faz que nos relacionemos com o outro, mesmo que seja apenas ouvindo. Rica, também, ao abrir espaço para a empatia. A experiência do cineclube na Fundação Cultural BADESC me fazia “brilhar o olho” e pensei que ele seria um bom começo para pensar uma proposta de trabalho em educação com cinema no espaço prisional.

[86]

O cineclube não era necessariamente o fim das oficinas, mas uma possibilidade de começo. Pensei que seria uma boa aproximação. Para ir aos poucos. Para que eu pudesse conhecer o lugar, os sujeitos, as possibilidades. Não é fácil sair propondo fazer um filme num lugar que já é complexo e burocrático por ser presídio e mais ainda por ser hospital psiquiátrico. Os pacientes não podem autorizar o uso de sua própria imagem, por exemplo. Para que se

consiga este tipo de autorização é necessário passar por um juiz. Para conseguir autorização para filmar nossas oficinas já foi um tanto complicado. Foram vários meses sem poder entrar com a câmera na área interna do hospital. Então, o cineclube era uma estratégia, uma forma de começar suavemente a habitar aquele espaço, conhecê-lo, se colocar nele, “estar ali”.

[87]

O cineclube permitia que pudéssemos conversar sobre as mais variadas sensações e memórias despertadas pelo filme, assim como me abria espaço para falar sobre o próprio fazer cinematográfico. Deixar assim, mais aberta, “oficina de cinema”, em vez de especificar somente cineclube, também dava espaço para vez ou outra propormos atividades diferentes, levar filmes curtos ou apenas cenas, a fim de demonstrar isso ou aquilo de questões estéticas, técnicas ou temáticas. Então os filmes eram assim, em parte *fim*, se pensarmos que o filme tem voz própria e por si mesmo ecoa em quem o assiste, não necessitando de nenhuma explicação; era em parte *meio* de provocar conversa, que muitas vezes logo abandonava o tema do filme e seguia os mais variados rumos; e era em parte *começo* de um adentrar e habitar aqueles espaço, e mesmo de uma criação de um espaço, da criação de algo comum entre nós. Eu estava lá para falar sobre cinema se os interessasse, mas mais do que isso, para escutá-los, para trocarmos impressões e pensamentos.

[88]

Inicialmente, nas poucas vezes em que o filme acabou em cima do laço de nossa hora de ir embora e não deu tempo de fazermos nossa roda de conversa, me senti triste, como se a proposta tivesse ficado pela metade. E pensei muito nisso. Encuquei com minha tristeza. Depois de um tanto refletir sobre essa potência comunicativa do filme, me aliviou pensar em todo o cuidado que tivemos para escolher as obras que levávamos, entendendo que nossa conversa pós-sessão não era a primeira, mas sim a segunda conversa a partir do filme. A primeira se dava dentro de cada um, durante e depois, por quanto tempo, quem sabe? Às vezes um filme leva tempo para ser digerido, para fazer conexões. O diálogo, às vezes, se passa mais entre o filme e a gente, do que somos capazes de exteriorizar numa conversa coletiva logo em seguida. Além disso, mesmo que não houvesse tempo para a conversa logo depois, por um imprevisto ou o que quer que fosse que naquele dia tomou mais tempo do que esperávamos, assistir um filme coletivamente é um ato de comunhão. É uma forma de estar junto, de se divertir, de se emocionar, pacífica, possível. E isso, por si só, se converte em ação de educação social.

Relembrando Fresquet (2017) em seu estudo sobre a imaginação, digo: assim como o cinema alimenta o arsenal de experiências à que a imaginação recorre para criar estratégias de ação, também a própria experiência do cineclubes, uma experiência coletiva onde é possível dialogar, abre espaço para que essa possibilidade se instaure como prática possível no cotidiano dos participantes. Muitos no HCTP nos contaram histórias de infâncias violentas ou de abandono. Para pessoas cuja norma sempre foi a violência, não é de se estranhar que seja dessa forma que a pessoa esteja habituada a reagir. Criar espaços de diálogo e de atenção é um ato transformador.

[89]

Aos poucos formamos nosso grupinho deicineiro: Luiz e eu, inicialmente, e logo mais Danilo junto conosco. Durante o ano de 2019 íamos ao HCTP todos os sábados e nos revezamos nas propostas de oficina, cada um desenvolvendo trabalhos relativos a seus temas de pesquisa. Por uma questão de afinidade, trabalhamos todos majoritariamente com exibição de filmes e conversas, embora nada nos obrigasse a isso.

E qual a responsabilidade do icineiro? “Pode ser qualquer coisa, mas não de qualquer jeito”, como costuma dizer Ana Preve. O diálogo entre os icineiros e os participantes da oficina – na maioria das vezes apenas os pacientes-internos –, nesse caso, começou muito antes do primeiro contato físico. Partindo do princípio de que estaríamos em um espaço de controle e tratamento de pessoas que possuem “transtornos mentais”, era necessário que houvesse um cuidado redobrado em relação ao que propor e de que forma proceder em nossas oficinas. Esse cuidado ao considerar o local e os sujeitos a quem nos dirigíamos é o que tornava essa experiência tão interessante. Isso de que sentia tanta falta em minha educação formal – essa consideração aos sujeitos, seus contextos e suas histórias – não poderia de forma alguma ser ignorado nesta situação. “Quem navega em águas estrangeiras deve ter uma clara visão da modalidade com a qual saudar o Outro, ao ir a seu encontro” (CARERI, 2017, p. 33). Havia regras impostas pela própria instituição que iam desde que tipo de filmes era permitido passar até que roupas deveríamos vestir. Era parte do que estava previamente posto. Havia também a nossa compreensão de que muito do funcionar da oficina só descobriríamos no trajeto. Era necessário experimentar, ir compreendendo, aos poucos, o que funcionava melhor para que o diálogo acontecesse, percebendo as sensibilidades de cada um, as formas de se manifestar e abrindo espaço para as diferenças.

Nossas oficinas eram livres, poderia ir quem quisesse e não havia qualquer cobrança por frequência. Não havia nenhuma obrigação curricular e eles não ganhavam redução da pena

ou qualquer coisa assim que pudesse mascarar um interesse outro além do próprio querer *estar ali*. Dessa forma, a disposição deles era imprescindível para que pudéssemos realizar nossas propostas, para criarmos, ali, dentro do hospital-presídio, um espaço em que pudéssemos fazer nossos pequenos exercícios, nossas rodas de conversa. A oficina era essa possibilidade de aproximação com o outro.

E que outro! Não nego que o meu interesse de trabalhar com esses que *não estão dentro da norma* ganha espaço aqui. E de forma expressiva. Como fugir mais do modelo ideal de adulto social do que o criminoso e louco? O HCTP com este duplo caráter – manicômio/prisão – traz este estigma aos homens que são dessa forma duplamente marginalizados e sobre os quais se faz uma força ainda maior que a escolar de correção e homogeneização. E não nego também, assim como relatei no primeiro capítulo, a minha curiosidade de me aproximar dessas pessoas cuja loucura trazia um “quê” de “mentes que não podem ser domadas” – espectro que assombrou a mim mesma uma boa parte da vida. Mas até nesse espaço onde a vigilância, disciplina e correção têm sua máxima expressão, os homens provam que é possível criar, que há algo no homem que não pode ser contido, que é único em cada um para além dos uniformes alaranjados e das altas doses de medicação. Há algo que é próprio de cada sujeito e que, muito ao contrário de ser um problema, é o que traz vida e graça às trocas, às conversas. Para a educadora Raquel Stela de Sá, na introdução do livro de Ierecê R. Brandão:

Para constituir novos indivíduos, com um outro tipo de subjetividade [...] precisaríamos pensar outros lugares de educação que pudessem desafiar a ortodoxia dos saberes, tendo-se claro como se dá a lógica interna de funcionamento das instituições, as funções implícitas que elas cumprem. Lugares de educação que poderiam ser mais ou menos assim: todos teriam canais para dizer a sua palavra, um lugar aberto, onde houvesse espaço de conflito, de desorganização e reorganização, onde todos tivessem lugar não rígido para existir, um lugar de vida própria, de criatividade, de solidariedade, de não discriminação, de tolerância e de enfrentamento das diferenças que pudesse demonstrar, assim, a relatividade da verdade, da moralidade, do certo. Um lugar onde se pudessem inventar outros modos inusitados de pensar, de perceber, de sentir, de agir, de gesticular. Um lugar onde pudesse existir a fantasia, a criação, a abertura para o mundo. (SÁ, 2000, p. 16)

Nosso pequeno cineclube era uma célula de resistência.

## PONTOS FORA DO NÓ

Dentre as muitas leituras feitas durante o período de mestrado, os muitos autores a que fui apresentada, quatro nomes se destacam por ter grande relevância para pensar a parte pedagógica desta pesquisa. Por eles desenvolvi mesmo um carinho, quase uma amizade, se é que isso é possível. São pessoas cujo cruzamento em minha vida se deu de maneiras diversas: Nise da Silveira (através do cinema), Antón Semionovitch Makarenko (apresentado rapidamente em uma das disciplinas obrigatórias, pela professora), Fernand Deligny (por recomendação de Luiz) e Paulo Freire (porque os reiterados ataques de políticos de direita à sua metodologia me despertaram a curiosidade) (BERMÚDEZ, 2020). Esses quatro teóricos, nenhum deles ainda vivo, se transformaram para mim em grande inspiração de vida, de trabalho e de resistência. Foram pessoas um tanto distintas, seja por suas histórias (de vida), seja por suas contribuições à sua área de trabalho, mas que se reúnem sob as ideias basais que norteiam todo esse trabalho: o respeito ao ser humano e o acolhimento.

[91]

O trabalho da psiquiatra brasileira Nise da Silveira junto aos pacientes do Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro foi marcado por uma forte oposição as práticas agressivas utilizadas no tratamento da loucura (doses cavalares de psicotrópicos, lobotomia, eletrochoque, insulinoaterapia etc.), que além de não curarem, muitas vezes pioravam os quadros dos pacientes. Nise (SILVEIRA, 1992, p. 12), em palavras um tanto irônicas, comenta:

Muitos indivíduos submetidos a esses tratamentos tornavam-se mais calmos, às vezes mesmo verdadeiros autômatos. Ficavam muito prejudicadas a capacidade de abstração e a imaginação. [...] As famílias e o ambiente hospitalar, porém, passavam a gozar de cômoda tranquilidade.

Através da Terapia Ocupacional, Nise mostrou uma outra possibilidade de lidar com os pacientes esquizofrênicos. Com uma atuação forte e persistente, Nise, uma das primeiras mulheres a se formar em medicina no Brasil, enfrentou o julgamento dos especialistas da época, disposta a pesquisar alternativas mais humanas de tratamento. Destinada a gerir a parte de Terapia Ocupacional no hospital psiquiátrico (a quem não se dava muita importância até então), Nise deu início a diversas oficinas das mais variadas artes e ofícios, que depois de cortes orçamentários acabaram sendo reduzidas a apenas duas (escolhidas criteriosamente): pintura e modelagem. Através destas artes Nise percebeu que os pacientes conseguiam encontrar maior expressão de seus universos interiores. “Uma das funções mais poderosas da arte – descoberta

da psicologia moderna – é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal” (SILVEIRA, 2018, p.16).

O ateliê de pintura e modelagem recebia diariamente diversos pacientes, dentre os quais alguns que há muitos anos não se comunicavam com ninguém, estavam fechados em si mesmos. Ao paciente eram apresentadas as ferramentas para desenho, pintura ou escultura e os materiais disponíveis. Somente. Não era dado nenhum direcionamento sobre o que pintar ou dadas aulas de desenho e escultura, ficando o paciente livre para manifestar-se artisticamente da forma que quisesse. Pelo acompanhamento das pinturas feitas pelos pacientes através do tempo era possível distinguir motivos recorrentes e mudanças nos padrões, uma forma de acessar os conteúdos do inconsciente e perceber mudanças interiores que poderiam estar ocorrendo.

Os monitores do ateliê eram parte importante do projeto, inseriam-se no que Nise chamava de “afeto catalisador”. Não tinham a missão de ensinar qualquer coisa, mas sim de estar ali, acompanhando os pacientes gentilmente e afetuosamente, muitas vezes mesmo em silêncio. Eram figuras com quem os pacientes se habituavam, sentiam-se queridos e esses laços de afeto se demonstravam verdadeiros catalisadores de mudanças na aproximação dos pacientes com o mundo exterior.

Era um método que deveria, como condição preliminar, desenvolver-se num ambiente cordial, centrado na personalidade de um monitor sensível, que funcionaria como uma espécie de catalisador. Nesse clima, sem quaisquer coações, através de atividades diversas verbais ou não-verbais, os sintomas\* encontravam oportunidade para se exprimirem livremente. O tumulto emocional tomava forma, despotencializava-se. (SILVEIRA, 1992, p. 16)

Soma-se ao trabalho dos monitores, o auxílio de alguns cães de rua resgatados por Nise e levados para o ateliê. Os animais, como defendido por Nise, são grandes terapeutas, pois que oportunizam a criação de vínculos afetivos contínuos, trazendo ao paciente, através do afeto, a aproximação com o outro. Estes animais foram retratados inúmeras vezes pelos pacientes.

As obras produzidas no ateliê chamaram atenção dos psiquiatras que não pareciam, no entanto, muito afeitos a ideia de categorizá-las no status de “arte”, não se considerava que os loucos, enquanto “doentes mentais”, fossem capazes disto. “Antes que se procurasse entendê-los, concluiu-se que tinham a afetividade embotada e a inteligência em ruínas [...]” (SILVEIRA, 2018, p.18). Já entre os artistas as obras produzidas no ateliê despertaram grande interesse e rapidamente começaram a ser organizadas mostras.

[O]s loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas – que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana. (SILVEIRA, 2018, p.18)

Profunda estudiosa de Carl Jung, Nise entrou em contato com o psiquiatra suíço e foi convidada para expor as obras do ateliê em Munique. Trocando cartas, Nise e Jung conversavam sobre as interpretações arquetípicas que surgiam nas obras feitas pelos pacientes. Essas análises e interpretações dos trabalhos de 3 pacientes feitas por Nise deram origem mais tarde, em conjunto com o cineasta Leon Hirszman, a um filme (com três episódios) chamado “Imagens do Inconsciente” (1987), e mais um “Posfácio” (2014). Foi através destes filmes meu primeiro contato com Nise. Fiquei encantada com a potência das imagens e a análise cuidadosa dos significados levantados por Nise.

Outra mostra do trabalho fundamentalmente afetivo que Nise desenvolvia junto aos pacientes foi a criação, por meios próprios, da Casa das Palmeiras. Este lugar funcionava como um externato, aberto de segunda à sexta, onde os ex-pacientes (“ex-clientes”, como ela os chamava) poderiam ir para dar continuidade as atividades do ateliê, uma vez que estavam fora do hospital psiquiátrico. A Casa das Palmeiras tinha a função de auxiliar os ex-pacientes nessa transição entre a rotina hospitalar e o mundo lá fora, onde muitas vezes eram recebidos com hostilidade ou descaso, diminuindo assim quantidade de reincidências. Dentro da casa das Palmeiras, Nise não encontrava impedimentos para fazer as coisas de seu jeito. Diz, ela:

Rótulos diagnósticos são, para nós, de significação menor, e não costumamos fazer esforços para estabelecê-los de acordo com classificações clássicas. Não pensamos em termos de doenças, mas em função de indivíduos que tropeçam no caminho de volta à realidade cotidiana [...] A Casa das Palmeiras é um pequeno território livre, onde não há pressões geradoras de angústias, nem exigências superiores às possibilidades de resposta de seus frequentadores. A casa nunca procurou a *coleira* de convênios. Optou pela pobreza e pela liberdade. Damos grande ênfase às relações interpessoais entre corpo técnico e cliente, sem as marcadas distinções discriminatórias que os separam. Distinguir médicos, psicólogos, monitores, estagiários, torna-se tarefa ingrata. A autoridade da equipe técnica estabelece-se de maneira natural, pela atitude serena de compreensão face à problemática do doente, pela evidência do desejo de ajudá-lo e por um profundo respeito à pessoa de cada indivíduo.

Portas e janelas estão sempre abertas na Casa das Palmeiras. Os médicos não usam jaleco branco, não há enfermeiras, e os demais membros da equipe técnica não usam uniformes ou crachás. Todos participam, ao lado dos clientes, das atividades ocupacionais, apenas orientando-os quando necessário.

Essas normas incomuns existem desde a fundação da casa, em 1956. Não contribuíram para fomentar desordem. Pelo contrário, seus efeitos criaram um favorável ambiente terapêutico para pessoas que já sofreram humilhantes discriminações em instituições psiquiátricas e até mesmo no âmbito de suas famílias; isso sem citar, por demais óbvias, as dificuldades que se erguem no meio social para recebê-los de volta. (SILVEIRA, 1992, p.21)



Dessa forma, a atitude ao mesmo tempo amorosa (com os pacientes) e firme (com relação a defesa de seu trabalho junto a seus pares) de Nise foi uma inspiração para esta pesquisa. Em Nise se manifestava a vontade de reintegrar o paciente à vida social, não buscando anulá-lo, despersonalizá-lo, tornando-o dócil ou apático, mas sim porque achava que era seu lugar de direito, livre do encarceramento, e, dessa forma, oferecia ferramentas para que essa recuperação pudesse acontecer num ambiente acolhedor, quebrando os ciclos infinitos de sofrimento e reinternações. Outro aspecto marcante na maneira de trabalhar de Nise era seu respeito aos indivíduos, indo diretamente contra o sistema que se mantinha funcionando e lucrando com as reinternações (muitas vezes) sucessivas e tratamentos violentos dispensados aos pacientes.

“Estou ligada a isso pelas vísceras”, disse Nise no “Posfácio” (2014), de *Imagens do Inconsciente*. Já eu, quanto mais frequentava o HCTP, mais forte sentia um sentimento semelhante. Sentia que estava no caminho certo e fazia questão de estar todas as semanas lá. Sabia que trabalhar no HCTP tinha seus desafios, que a aproximação deveria ser paciente e cuidadosa, mas isso só tornava o trabalho mais instigante.

O esquizofrênico dificilmente comunica-se com o *outro*, falham os meios habituais de transmitir suas experiências. E é um fato que o *outro* também recua diante de um ser enigmático. Será preciso que esse *outro* esteja seriamente movido pelo interesse de penetrar no mundo hermético do esquizofrênico. Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação, para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. (SILVEIRA, 2018, p.85)

[92]

“A educação não *vira* política, ela *é* política”, já dizia Paulo Freire (2018, p.108). Ou você muda o que está posto ou o reforça. A prática pedagógica não permite a neutralidade, não te deixa ficar em cima do muro. São falas provocadoras. A partir daí eu já fui compreendendo qual o problema da direita com Paulo Freire: a educação crítica é um perigo. Educar para a autonomia é uma ameaça a uma ordem desigual construída com base na obediência. Freire escancara que não há isso de não envolver educação e política, as coisas estão inerentemente interligadas. De um otimismo fascinante, Freire não ignora os desafios, mas despreza as ideologias fatalistas. “Somos seres *condicionados*, mas não *determinados*” (FREIRE, 1999, p. 21, grifos no original). É preciso acreditar que a realidade pode ser mudada ou então estaremos imobilizados.

Profundamente crítico ao ensino “bancário”, este em que consistiria em “depositar” o conhecimento nos alunos, Freire (1999, p. 21, grifo no original) diz que o ensinar “não é *transferir* conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Reitera muitas vezes a necessidade de o educador estar constantemente olhando criticamente para suas práticas e a importância de manter-se fiel à sua ética, pois é muito fácil cair em métodos autoritários e mecânicos, ser um repetidor, quando o papel do educador deveria estar mais próximo de ser um “desafiador”. Aquele que instiga a curiosidade, a dúvida até mesmo para com as certezas.

Outra defesa que faz a pedagogia de Freire é a de que os conhecimentos dos educandos devem ser levados em consideração e que o ensino de conteúdos deve se aproximar do contexto de vida dos educandos, se relacionando e problematizando a realidade concreta ao seu redor. Uma educação dialógica, onde todos teriam oportunidade de falar. Freire costumava trabalhar com círculos no lugar das carteiras enfileiradas. No círculo todos podem se ver, todos estão na mesma posição em relação aos demais. Não há hierarquia.

Muitas vezes Freire me provocou. Sempre que leio novamente me sinto cutucada. Especialmente em meu fatalismo, haja vista que neste momento pandêmico torna-se bastante complexo e às vezes é difícil manter a esperança. E então, agora, penso nas oficinas no HCTP, no nosso pequeno cineclube e nas nossas conversas em roda. Tentávamos, seguindo Freire, criar possibilidades para a produção do conhecimento, instigar a curiosidade. Naqueles momentos ficava evidente que ensinar se faz junto. Que enquanto ensinava também aprendia. No HCTP, acima de tudo, aprendia.

Conversamos muito sobre isso, Luiz e eu, pensando em nossas oficinas. Era importante para nós que não houvesse compulsoriedade. Num HCTP há vários motivos que podem levar os internos a não quererem participar da oficina em um dia em específico (estar recebendo uma visita, ser chamado para um atendimento, estar excessivamente medicado, estar lutando contra a tristeza ou a “*sombra da depressão que ronda esse lugar*” – nas palavras deles mesmos – ou outras tantas questões sobre as quais não nos cabe ponderar). Não nos incomodava que em um dia viessem vários e em outro dia poucos. Não nos interessava as listas de frequência, as cadeiras enfileiradas, as frases prontas. A dureza. O que queríamos era tornar possível uma experiência coletiva, em nada obrigatória, que permitiria expor e ouvir opiniões diversas. Muito dessa liberdade que tivemos dentro do HCTP se deu com certeza pela confiança nos trabalhos anteriores de Ana e Camila, o que fazia com que nossas propostas e procedimentos fossem mais facilmente aceitos pela administração, visto que confiavam nos trabalhos que nos precederam

desenvolvidos pelo grupo. Nos interessava politicamente que nossa ação fosse a de promover um ambiente de aceitação à diferença, ao outro. Uma espécie de educação ciente de seu efeito social.

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as utopias e os desejos, as frustrações, as intenções, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos (FREIRE, 2018, p. 141).

[93]

O pedagogo soviético Anton Makarenko me encantou pela força e perseverança de seu trabalho junto à jovens infratores. Lembro-me de uma de minhas professoras comentar, inclusive, que Paulo Freire era também seu fã. Makarenko cresceu no ambiente turbulento da revolução russa e, sob influência do pai e das leituras de Lênin, aderiu fortemente aos ideais da revolução. Em 1920, Makarenko foi chamado para dirigir uma colônia de reeducação de crianças e jovens órfãos e infratores. A colônia era numa antiga propriedade rural e encontrava-se abandonada há algum tempo, já muita coisa havia sido roubada ou destruída. Durante os primeiros meses de trabalho, Makarenko e os outros 3 membros de sua comitiva dedicaram-se a reconstruir o lugar o suficiente para que pudessem receber os primeiros reeducandos e não morrer de fome e frio em meio aos invernos. Makarenko percebeu que além dessas difíceis condições estruturais, era evidente que aproximar estes jovens dos ideais revolucionários só seria possível com métodos muitos distintos dos utilizados nos lugares destinados a estes jovens até então – trabalhos forçados e violência. Makarenko abre seu “Poema Pedagógico”, livro que escreve dedicado a narrar a jornada da colônia Gorki (um dos livros mais divertidos e emocionantes que li nesses dois anos), contando sobre sua primeira conversa com o Chefe do Departamento de Educação Pública da Província, onde este diz:

— Isso não nos serve, sabe... O que foi antes da Revolução não presta para nós.  
 — Certo. Isso significa que temos que criar o homem novo de maneira nova.  
 — De maneira nova, isso mesmo, nisso você está certo.  
 — Mas ninguém sabe de que jeito fazer isso.  
 — Nem você sabe?  
 — Nem eu sei. (MAKARENKO, 2012, p.12)

Como Freire, Makarenko achava fundamentais a alegria e a esperança: “o melhor é que eu sempre me sentia as vésperas da vitória, e para isso era preciso ser um otimista incorrigível”. Dessa forma, ele foi, aos poucos, descobrindo como fazer a colônia funcionar, sempre atendo-

se fortemente aos princípios da educação revolucionária. Estudou muito toda a teoria pedagógica disponível em livros até então, mas chegou à conclusão de que pouca coisa seria realmente aplicável na situação extrema que estavam vivendo: “no começo eu nem sequer compreendi, mas simplesmente vi, que eu precisava não de fórmulas livrescas [...] mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente” (MAKARENKO, 2012, p. 22). Tendo tido na infância uma forte influência do coletivo de operários das ferrovias em que trabalhava seu pai, em sua prática educacional Makarenko procurou cotidianamente discutir com os demais professores sobre questões pedagógicas, organizacionais e políticas, além das decisões pertinentes à colônia serem sempre tomadas em assembleia, onde sua própria voz, enquanto diretor, não tinha um peso maior que a dos demais. “Na nossa inenarrável pobreza havia um lado bom, que mais tarde nunca mais tivemos. Éramos igualmente famintos e pobres também nós, os educadores” (MAKARENKO, 2012, p.33). Ainda assim, no princípio da colônia era comum que acontecessem roubos feitos pelos próprios colonistas. Makarenko viu que para contornar isto era necessário que todos os colonistas se apropriassem da colônia, se sentissem donos dela, entendendo que aquele espaço era construído pelo coletivo que ali habitava. Para Makarenko, a educação era o caminho para a criação da nova sociedade, livre do mal do capitalismo czarista e da propriedade privada, o novo homem deveria ser educado para contribuir com o coletivo, tomando para si os princípios de trabalho para o desenvolvimento do bem comum, da responsabilidade e da igualdade de todos para com todos, sabendo assumir o comando de sua própria vida e do futuro do coletivo baseada em novas relações de amizade e camaradagem. Segundo Cecília da Silveira Luedemann (2002, p. 18), autora da biografia “Anton Makarenko: Vida e obra – a Pedagogia na Revolução”:

A escola, na concepção de Makarenko, deveria ser um espaço amplo, aberto, em contato com a sociedade e com a natureza, relacionando-se às necessidades sociais de cada momento histórico, mas dirigida por um objetivo estabelecido coletivamente por professores e alunos. Um lugar para a criança viver a sua realidade concreta como realização no presente, admitida como sujeito, comandante da sociedade, participante das decisões sociais em seu coletivo organizado.

Aos poucos, por meio do trabalho coletivo, a colônia Gorki (assim nomeada em homenagem ao escritor) foi se erguendo, os campos puderam ser cultivados e em poucos anos já era autogerida e autossuficiente economicamente. Por volta de 1923 em torno de 80 pessoas integravam a colônia. Paulatinamente os colonos venceram os preconceitos dos moradores da região. Após alguns anos, conseguiram reformar um antigo moinho e fizeram nele um grande teatro, com 600 lugares. Nos invernos, os colonos apresentavam semanalmente espetáculos

teatrais e recebiam pessoas de Poltava e outras cidades vizinhas que iam inclusive acampar na colônia, transformando os eventos em pequenos festivais. Além disso, a colônia passou a distribuir aos moradores mais pobres o excedente dos alimentos produzidos e a vender a preços muito baixos animais e sementes para os agricultores, promovendo assim o desenvolvimento da colônia e de toda a região.

Em 1924, 8 gorkianos saíram da colônia e foram para Kiev, para ingressar na faculdade operária, a rabfak. Era a primeira vez que ex-infratores e moradores de rua ucranianos chegavam à faculdade, o que foi motivo de grande orgulho para a colônia.

Segundo Makarenko, o tom maior na coletividade deve ter um aspecto muito calmo e firme. Isto é, antes de mais nada, a manifestação da serenidade interior confiante nas suas forças próprias, nas forças de toda a coletividade e no seu futuro. Este firme tom maior deve adquirir o aspecto de um ânimo constante, da prontidão para a ação, não para uma ação de simples correria, de alterações desnecessárias, não para uma ação desordenada, mas para uma ação calma e enérgica e, ao mesmo tempo, um movimento econômico. (MAKARENKO apud LUEDEMANN, 2002, p. 298) Para que esse tom se mantenha, algumas qualidades são imprescindíveis: o sentido de dignidade, da autocrítica, da responsabilidade e a unidade da coletividade.

[94]

O que inicialmente me aproximou de Fernand Deligny, mais do que a própria dimensão de seu trabalho junto como o que ele mesmo chamou de “jovens difíceis” (DELIGNY, 2018), foi sua forma de escrita. Ao mesmo tempo poética e sincera com seus desafetos, carregada de um senso de humor um tanto ácido e marcada por uma profunda consciência do lugar que habita e das dificuldades que enfrenta, sem com isso deixar de ser afetuosa e esperançosa. Deligny, profundamente observador, percebe a realidade que o rodeia com uma clareza dura, ao mesmo tempo em que a descreve de forma imagética e sensível. Nesta pesquisa ative-me a seus primeiros escritos, diários de bordo feitos durante o tempo em que dirigiu o Centro de Observação e Triagem (COT) da região norte da França, durante a Segunda Guerra Mundial. O COT destinava-se a receber os jovens “inadaptados”, termo da época que designava menores de 21 anos com diversos comportamentos ou aspectos desviantes dos padrões de normalidade, incluindo desde órfãos, à jovens retirados de suas famílias, em conflito com a lei e/ou com transtornos mentais.

Dos quatro teóricos a que me refiro neste capítulo, Deligny (2007; 2018) me parece ser o que foi mais longe na ideia de alteridade e do rompimento com as institucionalizações. Plenamente desconfiado de todo e qualquer discurso moral, fala abertamente contra os burocratas, a polícia, os juízes e mesmo contra os pedagogos e psicanalistas. Desconfia dos novos conceitos de “inclusão social”, antevendo ali finalidades utilitaristas revestidas em embelezamentos teóricos, cujo objetivo real era, não o de cuidar dos indivíduos, mas sim transformar os jovens “inadaptados” em mão de obra barata e soldados para a guerra. Terminantemente contra o encarceramento, as hierarquias “pseudopedagógicas” e o escotismo, em seu trabalho junto a esses meninos, Deligny negava-se a criar uma bolha, um local afastado da sociedade para reeducá-los; e, muito pelo contrário, buscava cada vez mais reaproximá-los do seu entorno social, escolhendo como educadores trabalhadores oriundos das mesmas periferias de onde vinham os meninos. Eram pessoas simples e sem formação certificada, mas hábeis em seus ofícios e dispostos a ensinar: “[...] eu rejeitei os subprodutos da educação burguesa e convidei educadores que não tinham saído de escolas ou de estágios. Quiseram me convencer, em seguida, que alguns deles tinham antecedentes criminais” (DELIGNY, 2018, p. 38). Apesar das tentativas de invalidar esses sujeitos não diplomados, Deligny insiste em fazer deles educadores desse espaço:

Eles vieram com suas próprias pernas, de bairros onde os tetos são tábuas, as janelas são lixeiras, onde frequentemente acontece de o padasto, ou o próprio pai, agarrar por inadvertência a filha primogênita, consequência de dividir nove metros cúbicos entre oito ou dez pessoas, junto com alguns litros de vinho no domingo. Esses homens estavam presentes no Centro. Domadores de piolhos e caçadores de sarna, impressionantes devoradores de preconceitos e donos de uma moral desarticulada [...] Revolucionários sólidos: eis aqui o que preserva a coluna vertebral, bem mais do que uma armadura brilhante e pesada de princípios. (DELIGNY, 2018, p. 39)

Chamado mesmo de anti-pedagógico, Deligny negava-se a entender a educação enquanto um “conduzir a” e não colocava sobre os garotos o peso de modelos a serem seguidos, rejeitando qualquer tipo de doutrinação, fato que, inclusive, o afastou mais tarde do movimento comunista. “Para nós, acolher um moleque não é livrar a sociedade dele, eliminá-lo, reabsorvê-lo, docilizá-lo. É em primeiro lugar revelá-lo (como se diz na fotografia)” (DELIGNY, 2018, p. 41). Em “Grão de Crápula” (DELIGNY, 2007), diversas vezes o educador francês chama a atenção para a necessidade de se observar cuidadosamente quem são os meninos, não se deixando levar pelo que dão a entender, pelo que eles parecem ser, porque, vindos das ruas, são habilidosos em enganar, roubar e manipular, recursos que até então usavam como estratégia de

vida, podendo, assim, torcer um educador descuidado com facilidade. Para que se possa encontrar um lugar para os meninos no mundo, primeiro é necessário ver quem são, de onde vieram e quais suas estratégias de sobrevivência. Ao contrário da educação escolarizante, onde os alunos serão tratados igualmente, pois é indiferente de onde vêm e o único interesse é que se aproximem de um modelo ideal de homem, Deligny não tem a vontade de transformar os garotos com que atua em modelos de nada. Sem negar essas características dos meninos, que são em geral consideradas defeitos (a serem eliminados), não deseja transformá-los, mas entendê-los e ajudá-los a viver. Deligny não desconsidera o papel da sociedade na formação dessas “crianças difíceis” (inclusive sendo bastante crítico nesse aspecto), nem o da família, e ainda assim não os toma como sujeitos passivos neste processo.

H. foi trazido ao mundo por sua mãe, criado por sua tia, depois por uma prima, colocado em uma fazenda, tirado daí por seus avós para que chegasse a ti recém saído da prisão. E acusas a sociedade? Quando conheceres H., serás plenamente indulgente com a mãe, a tia, a prima, o fazendeiro, o avô e o diretor da prisão. O que não desculpa a sociedade (DELIGNY, 2007, p. 123).

No COT a estratégia de Deligny era manter os meninos ocupados através de oficinas variadas, algumas onde se produziam artesanatos e outros materiais que geravam alguma renda para a instituição, outras de artes ou habilidades como jardinagem e cozinha, além de atividades de lazer que lhes despertasse o interesse e o engajamento e que tivesse relação com seus contextos sociais. Trabalho incessante e quase nunca fácil, que exigia tenacidade e persistência dos educadores, como ele descreve em “Vagabundos Eficazes” (DELIGNY, 2018, p. 125):

Meio poetas, meio pintores, meio cantarolantes de belas músicas, meio interpretes, exibidores de si mesmos e de marionetes, honestos com o instante, chupadores de certezas e cuspidores de questões, película viva à flor da sociedade, incontestavelmente inadaptados, inquietos com sua vagabundagem e pacientes como empalhadores de cadeiras - aí estão os companheiros de que as crianças precisam. Exploradores ingênuos e pobres, eles não sobrecarregarão o povo infantil com o peso de suas bagagens pseudocientíficas, pseudo-históricas, pseudomorais, coleção de bibelôs injuriosos, presentes típicos daqueles que vêm do mundo dos adultos.

Ou em “Grão de Crápula” (DELIGNY, 2007, p. 126): “Saber cantar, improvisar uma história de piratas, andar sobre as mãos, imitar o som dos animais, desenhar nas paredes com um pedaço de carvão? Então terás disciplina.” Reforçando, assim, o aspecto de anti-confinamento, aos jovens, Deligny chamava “passantes”, deixando claro que aquele era um lugar aberto, de passagem, não uma prisão. Grande atenção era dada também aos lugares de convivência coletiva. Deligny percebeu que, entre os meninos que haviam frequentado a escola

formal ou o escotismo, era comum que se reproduzissem as relações de poder a que tinham sido submetidos, entre os próprios garotos. Nesse sentido também é que Deligny coloca em prática, mesmo colocando-se em risco de ser contestado por seus pares (o que de fato acontecia com certa frequência), a vontade de ter educadores que fossem mais companheiros dos meninos do que seus chefes ou superiores, ainda que, para ele, houvesse uma diferença entre o papel do adulto-educador e dos jovens na instituição (DELIGNY, 2007). Ainda assim, aos jovens que lhe eram encaminhados, mais do que uma educação formal, Deligny queria encontrar-lhes um lugar no mundo, ajudá-los a se virar em uma sociedade fatalmente violenta do qual já haviam em alguma medida provado por conta da guerra, da miséria ou da exclusão social.

Se hoje dás uma bofetada, amanhã, posto que a bofetada não terá surtido efeito, precisarás dar um murro, depois de amanhã, uma paulada, depois, instalar uma câmara de tortura. Crês que exagero? E no entanto, quantos reformatórios se adornam com celas de isolamento, as mais desconfortáveis possíveis, onde se atira a criança castigada, privando-a de alimentação? Enquanto ela estava lá dentro, deixava em paz os funcionários, esperando a morte. Ou o ápice da adaptação social. (DELIGNY, 2007, 126)

Deligny (2018) fala que não existe caráter inato em um ser humano, mas sim que o caráter depende das circunstâncias a que as pessoas são expostas. Assim, não há motivos para que a reeducação aconteça distante do lugar de onde a pessoa veio ou para onde vá fatalmente retornar. É preciso que ela aconteça em contato com essa comunidade. Desta forma, além de fazer a ponte para que os passantes encontrassem trabalhos dentro de suas comunidades originárias, Deligny os liberava para que tivessem o maior contato possível com suas famílias. O papel do COT era o de criar também “circunstâncias” outras que propiciassem experiências diversas dentro da coletividade do centro, dando aos garotos outras referências de vida em grupo.

Aviso àqueles que concebem o Centro de Observação como um campo de prisioneiros, uma torre de marfim coletiva, uma antessala entediante de um laboratório psicológico ou uma estação de trem (prematura) de uma partida para uma nova vida. Se o Centro de Observação for uma caserna, veremos as possibilidades de adaptação dos meninos à vida de soldado. [...] Se for uma prisão, veremos prisioneiros. Se for um laboratório, veremos cobaias. Se for algo como uma praça na periferia (com os pais por perto e as voltas para casa com maior frequência possível), veremos mais ou menos como são normalmente. (DELIGNY, 2018, p. 41).

Todavia, não é porque Deligny não tinha interesse em estruturar um método que pudesse ser reproduzido em outras circunstâncias que ele não tinha suas formas de fazer, suas maneiras. A vida no Centro, assim como toda vida em comum, tinha suas regras de funcionamento e



Deligny nunca abriu mão da disciplina e mesmo de utilizar-se de artimanhas de persuasão. O trabalho de Deligny, no entanto, preocupava-se muito mais em produzir uma *sensibilidade* ao lidar com os garotos do que um método educacional, deixando sempre claro que ele não tinha a intenção de *instituir* nada, “que o homem é um caso de imaginação criadora e não de referência a leis” (DELIGNY, 2018, p. 150). Ao contrário do trabalho feito em outras instituições destinadas a esse público, Deligny rejeitava tratar os jovens como “casos” e ater-se (somente) aos seus diagnósticos clínicos ou fichas criminais. Para ele os passantes eram antes disso “garotos”, “um chapa”, “esse outro aí” (DELIGNY, 2018) e o educador não era um psicólogo, nem um pedagogo, e muito menos um policial, mas antes disso, como o próprio Deligny se definia, um poeta e um etólogo.

Todo esforço de reeducação não sustentado por uma pesquisa e por uma revolta cheira muito rapidamente a trapos velhos ou a água benta contaminada. O que queremos para esses moleques é ensiná-los a viver, não a morrer. Ajudá-los, não os amar. (DELIGNY, 2018, p. 113)

E ajudá-los não tinha a ver com salvá-los, corrigi-los ou docilizá-los, para se tornarem “subprodutos da educação burguesa”, mas sim, com dar ou encontrar um lugar no mundo para o modo de existir destes garotos.

[94]

O *improviso*, a *tenacidade* e a *sensibilidade* são questões que recheiam o trabalho dos quatro autores que citei. O improviso como habilidade (e estratégia) para lidar com as situações como elas se apresentam, para fazer o melhor com “o que se tem”. Uma tenacidade para não desistir diante das pressões sociais, visto que o que buscavam, muitas vezes, estava na contramão da “norma” (seja ela burguesa, seja soviética), bem como diante da precariedade com que tinham que lidar (econômica, material, institucional, teórico/pedagógica etc). E uma sensibilidade para enxergar para além dos diagnósticos sociais e dos muros que os cercavam, uma espécie. Exercitar essa sensibilidade era o que especialmente nos impulsionava a continuar nosso trabalho no HCTP. Para encerrar esse bloco, trago as falas de Luiz a respeito das experiências com oficinas realizadas no HCTP durante sua pesquisa de mestrado, em 2016. A primeira diz:

A educação não é tomada como aquilo que ensino com as oficinas, é tomada como a potência de uma experiência em mim através da habitação desses territórios; é a

formação de um educador, de um oficinairo, de um pesquisador, de um cartógrafo nesta viagem – educação em terras de clausura (AUGSBURGER, 2017, p. 39).

Na segunda lemos:

Bom, certamente, era uma questão de aprender, sobretudo, a desler os «rostos» e as «paisagens», «desrostificar»: ver para além do rosto, ver as máscaras que ali se cristalizam e os afetos que pedem passagem; ver para além do louco, para além do condenado, do doente, mas também para além do médico, da psicóloga e do agente penitenciário – ver que além (ou aquém) desses contrastes preto e branco, há um matiz de sabores, uma nuance de odores: entre um louco e outro, há um inominável, entre um agente e outro, há um inesperado... A inocência, a ignorância, a gagueira, então, implicam abrir espaço a uma deseducação do óptico, para uma sensibilização do háptico: uma percepção que habita, uma inteligência sensível – capaz de apreender blocos de sensações, conjuntos de afetos e perceptos – um olhar de artista, mais do que de filósofo (AUGSBURGER, 2017, p. 147).

Vivi durante quatro anos em um asilo de alienados. Os alienados mais típicos, mais crônicos, mais dementes não me surpreenderam: momentos de mim mesmo tornados homens, um “ponto de vista” mantido por mais tempo do que seria preciso; um desapego que sono nenhum pode romper e o resto do mundo que parte à deriva sem que se faça um gesto para saltar na roda que gira; a solução única e trágica que se impõe por falta de mobilidade.

Por vezes, sou eu mesmo esse alienado que é perscrutado para ser liberado. Profundamente adormecido, “eu” surge, desperto, mas “eu” se aflige ao se sentir em um corpo imóvel, inerte, mineral.

Então, “eu” busca os contratos, as alavancas. “Eu” busca o mais sensível, o mais leve, um dedinho, os lábios, as pálpebras e, com todas as suas forças dirigidas a um desses pontos, “eu” consegue uma onda, um estremecimento, um movimento leve e quase imperceptível, que é como um imenso alívio, pois ele basta para me impelir ao movimento reencontrado e ao mundo vivo que me aguarda.

Mas não limito a isso meu sucesso, pois não sou meu próprio psiquiatra-psicólogo. Esse primeiro gesto balbuciado é a chave que me abre para todas as circunstâncias que me aguardam e não uma pequena claraboia sobre mim mesmo. Minha vida aproveita disso para ser inundada de seres vivos e sempre aberta ao imprevisto até a fadiga extrema (DELIGNY, 2018, p. 119).

## DO LADO DE LÁ

[95]

Lembro claramente da primeira vez que os portões do HCTP se fecharam atrás de mim. Algo instintivo entrou em alerta. Paredes e grades, “não há como sair”. Minha mente, num movimento automático, começou a buscar caminhos. Quando criança costumava sonhar que precisava fugir de lugares estrategicamente andando por cima de telhados e pulando os muros da vizinhança. Respirei fundo olhando a sequência de portões de ferro que iam do chão ao teto. “Posso sair quando quiser”, pensei, “basta dizer que quero ir-me embora”. Mas e os que têm que permanecer? Como será que foi sua primeira entrada neste hospital-prisão?

[96]

Estava eu na UDESC e me propus um exercício para tentar fazer a escrita fluir, inspirado na oficina de Ana Godoy: escrever absolutamente tudo que me viesse à cabeça. Acabou que, mesmo sem intenção, essa foi uma das primeiras vezes em que de alguma forma descrevi minha experiência no HCTP. Essas foram as palavras que saíram.

As janelas têm três partes pretas e duas divisórias brancas. De onde estou vejo um pedaço arredondado de céu. Meio azul, meio nebuloso, como eu. Há uma nuvem que parece uma seta. Cheiro de café. Penso compulsivamente em tudo que tenho para fazer. Sonhei, sonhei, sonhei... com vermes? Minhocas. Terra. Não recordo direito. Minha mente voa até minha samambaia na varanda. Estou com a garganta cheia de coelhinhos. O sol entra bonito pela janela. Os objetos projetam suas sombras sobre a mesa. Há coisas que se pode dizer sobre um hospital... Eu acho. O café já deve estar frio. Ocupar as pessoas é como encher seus sapatos de pedras. O problema são os porquês. Questionar o porquê de tudo inevitavelmente te leva a questionar o porquê de permanecer numa situação que te traz muito sofrimento. Parece necessário um motivo ideológico. Criar seres imaginários do futuro que lhe digam que seu sofrimento valeu a pena. “Por nós!”, dizem eles. É bonita a sombra da xícara azul. Há pequenas estrelas e luas desenhadas nela. Me transmite paz. Como um mergulho. O HCTP tem muros altos. Muito altos com alguma inscrição sobre “dignidade” na frente. Para entrar é preciso apertar um botão vermelho e aguardar algum guarda vir ver quem é. Me incomoda a quantidade de armas, mas me incomoda mais a naturalidade com que todos agem. Só mais um dia. Uma formiga corre sobre a mesa. Está sozinha. Como veio parar aqui? Continuar? Vou gastar a tinta da canetinha. Não devia ter escrito isso. Agora o sol já alcança minha mão. Vários tempos passaram. Mais um dia que não escrevo nada útil. A caneta projeta um prisma sobre o papel. No HCTP prefiro quando tem menos pessoas. Nunca sei muito bem o que fazer quando querem me cumprimentar com um beijo. Não consigo imaginar como seria estar lá todos os dias. Eu ficaria quase todo o tempo ao lado do canteiro. O canteiro também tinha uma inscrição. Inacabada. Algo como “acho que devi...”. Alguma coisa com “d”. Sempre quis saber que frase se tinha a intenção de escrever ali. De dentro da sala multiuso dá para ver um pedaço de céu também. E do morro que tem atrás do HCTP. A parte de trás de alguma casa muito grande lá em cima. A vista deve ser linda lá. Tenho uma certa mania de voltar minha atenção para o canteiro. Havia hortênsias

plantadas lá, entre outras coisas. E um pé de mamão, cheio de mamõezinhos. “Os passarinhos comem primeiro”, disse um deles. “Gosto quando os pássaros descem aqui”. “Tem um casal de bem-te-vi que chega pertinho da gente”. Penso na vontade deles de voar com os bem-te-vis. Lembro do livro de Richard Bach, “Longe É Um Lugar Que Não Existe”, onde o personagem voa no coração dos pássaros. Queria dar um anel mágico para que cada um deles pudesse fazer isso também. Vejo saudade nos olhos. Penso nos que recebem poucas visitas. Penso nos que tem amores. E memórias. Memórias de amores. Algumas violentas, talvez. Penso nesse tempo de espera. Espera... Espera... Outra chance? De ver o mundo. De caminhar por onde quiser. De não “errar”? Até onde uma pessoa que foi impelida a beber desde criança “erra” ao seguir o caminho mais previsível? Alguém tem “culpa” de desenvolver um transtorno mental? Ou azar...

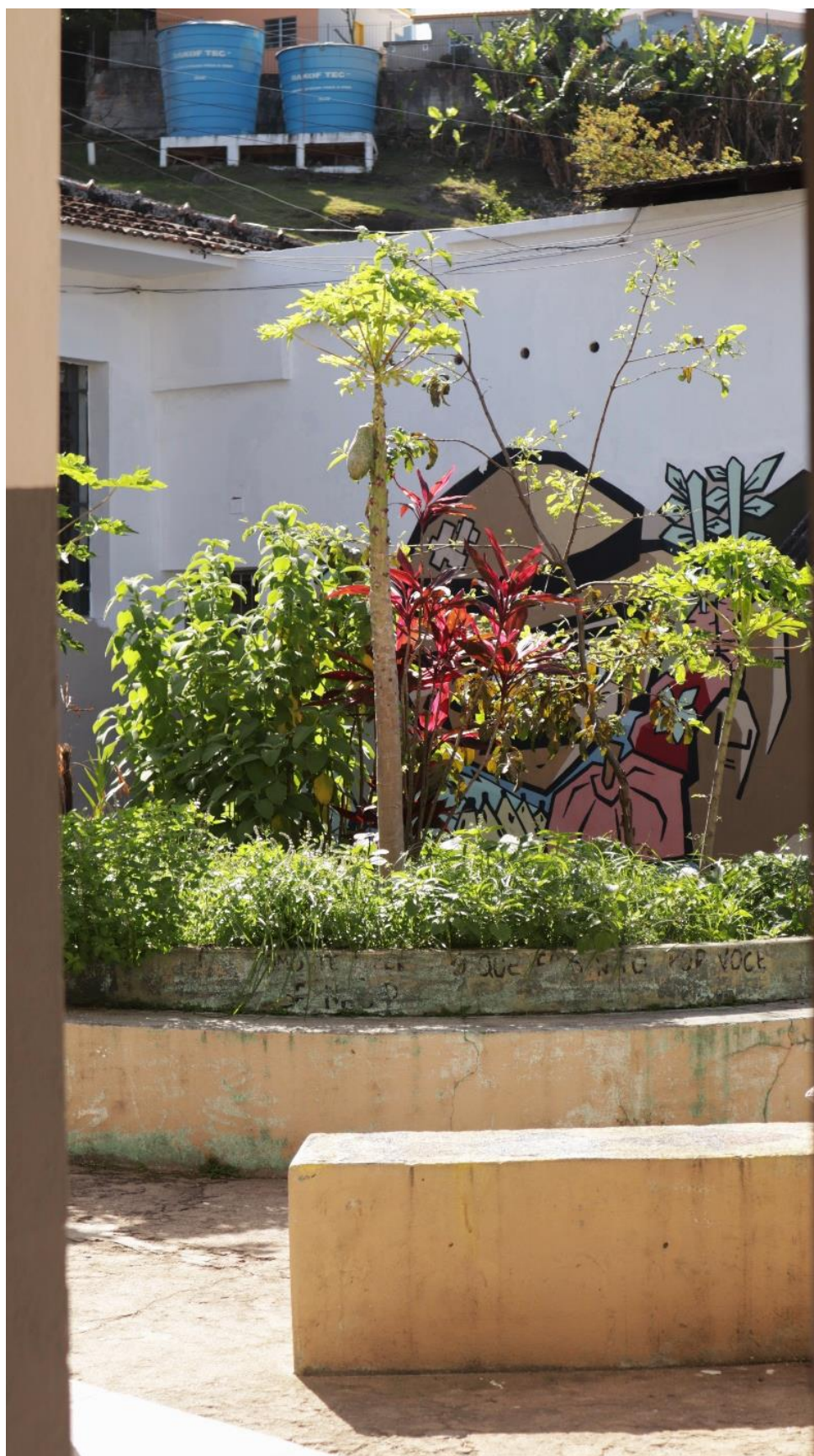
Bom, Deligny (2007, p. 147) em algum momento escreveu: “Há os tuberculosos hereditários, os alcoólatras hereditários e os desafortunados hereditários.”

[97]

A tal da inscrição no canteiro...

...agora quase completamente apagada diz: “como dizer o que sinto por você se não p”. Já perguntei para alguns pacientes se sabem quem pintou a frase ou como se pretendia que ela acabasse, mas ninguém soube me dizer. Acho de uma beleza singular aquela frase inacabada, indício de vontade interrompida. Faço eu mesma o exercício de terminá-la mentalmente. Gostaria de saber por que não foi finalizada. A quem se dirigia? Quem escreveu perdeu a vontade de concluí-la? Acabou a tinta? Os relógios interromperam o tempo da pintura? Não houve outra oportunidade de ter pincel e tinta a mão após a interrupção? Os sentimentos mudaram? A pessoa já não está? Ou já não sente? Havia sentimento e quem queria expressá-lo... Mas não p...

Figura 7 – Canteiro do HCTP com a tal inscrição



Fonte: Arquivo da autora.

[98]

Registrar o nome previamente por e-mail. Preparar os materiais: computador, filme, cabos, pipoca (às vezes), documentos de identificação. Chegar em frente ao muro branco, alto (três, quatro, cinco metros?) alto o suficiente para não se ver do outro lado; com uma inscrição na lateral: “sistema humanizado, cidadania respeitada”. Ver pessoas esperando a entrada no dia de visita, muitas mulheres, algumas crianças, às vezes de uniforme (branco, eu acho, não lembro. Quantas histórias ali). Ir até o portão eletrônico de metal onde se vê escrito “Penitenciária de Florianópolis”. Penitência: em minha mente surgem imagens de pessoas de joelhos rezando na igreja. O pequeno botão vermelho, “*Oi, somos da UDESC, vamos ao HCTP*”, falamos ao primeiro guarda. Depois o registro em folha, apresentar documentos, “*Somos da UDESC, viemos ao HCTP dar oficina de cinema*”. Uma ligação... Espera... Espera... “*Podem subir, já conhecem lá?*”. Uma pequena guarita. Um corredor aberto, ladeado por cerca, que na direita vê-se a horta bem cuidada do hospital. Abobrinhas gigantes, muitos pés de mandioca, um pé sempre carregado de malaguetas... Perto da entrada um canteiro cheio de uma planta de folhagem escura, roxa, que sempre me chama atenção. Passamos pela janela de uma sala cheia de teares. Entramos. Mais grades. Se identificar, pegar a chave, guardar alguns pertences no armário com cadeados, deixar documentos, passar novamente por outro portão, cumprimentar os agentes de plantão, pegar a chave da sala, organizar as cadeiras, ligar o projetor, chamar o “pessoal” para oficina.

Procedimentos a que não cabem juízo aqui. São dados de antemão pelo lugar. Rotina, identificação, hierarquia, segurança, controle. Aos poucos nos habituamos com aquilo. Aos poucos fomos vendo mais que uniforme e função, sabendo um pouco de quem ali trabalha, estabelecendo outro tipo de conversa.

[99]

Como escolhemos os filmes? Posso tentar justificar de forma muito elaborada as motivações que nos levaram a escolher este ou aquele filme para levar ao HCTP, mas, verdade seja dita, alguns critérios foram arbitrários, frutos de nossos gostos pessoais e vontades. Outros foram dados de antemão pela equipe do HCTP e outros foram se perpetuando a partir de nossas experiências. Esses critérios funcionaram mais norteando nossas escolhas do que como regras rígidas, visto que para decidir o próximo filme a levar, sempre levávamos em consideração os acontecimentos e o desenrolar das conversas na oficina anterior, além de propostas outras que

podiam surgir em decorrência do desenvolvimento dos temas relacionados à pesquisa de cada oficinairo ou das sugestões trazidas pelos participantes.

Entre os critérios arbitrários, o principal – e único, talvez – era: eu, pessoalmente, não gosto de filmes dublados (talvez por ser atriz e pensar na dificuldade de composição dos personagens, incluindo sua expressão vocal), desta forma, preferia levar filmes que fossem em português ou não tivessem falas, ou então, em caso de dublagem, escolher filmes de animação. Este critério, no entanto, conversou bem com a simpatia unanime de todos os oficinairos por cinema nacional. Além disso, assistir e debater filmes brasileiros era uma forma de tornar o fazer cinematográfico mais próximo enquanto possibilidade, de valorizar a nossa cultura e produções locais e a diversidade cultural existente no Brasil, além de demonstrar as muitas formas de retratar os personagens e histórias que acontecem ou poderiam acontecer muito perto de nós, dando abertura para pensarmos nossas próprias histórias e valorizá-las enquanto narrativas. Essa solução resolvia também, por outro lado, a nossa preocupação com as legendas. Os próprios pacientes disseram sentir dificuldades para acompanhar filmes legendados – muito também por conta das medicações que tomavam em altas dosagens, que podiam deixar a visão turva ou dificultar a concentração. E não sabíamos também (e nem perguntamos) se todos eles sabiam ler. Sabíamos que, vindos de origens diversas, os pacientes tinham níveis de escolarização e alfabetização diferentes.

Já entre os critérios estabelecidos pelo HCTP que visavam o cuidado com a saúde psicológica dos pacientes, tínhamos restrições relativas a filmes com cenas de violência explícita, nudez e/ou consumo de drogas. Questão que dificultou um pouco a curadoria dos filmes, pois, experimentando nas exibições, percebemos que mesmo cenas que remetiam a um consumo leve de álcool poderia ser um ponto delicado para alguns, apesar de que nunca, no entanto, houve qualquer problema nas oficinas por conta disso. Foi apenas uma das sensações que captamos a partir de comentários ou gestos feitos pelos pacientes durante as sessões cinematográficas, o que estimulou um maior cuidado de nossa parte na hora de propor os filmes.

E como último critério – mas não menos importante –, procuramos escolher sempre filmes leves, cômicos de preferência, a fim de proporcionar momentos de riso e facilitar uma conversa descontraída em seguida. Tínhamos, enfim, a finalidade maior de proporcionar circunstância que favorecessem o diálogo e a convivência coletiva.



Quando começamos a atuar em abril de 2019, eram pouco mais de 100 internos, além da ala dos temporários (que estão aguardando laudo de sanidade ou em tratamento). Em novembro de 2019 já havia diminuído para em torno de 60. O número diminuiu por conta de uma política crescente de desinternação movida pela equipe do hospital, levando em consideração a lei da Reforma Psiquiátrica (BRASIL, 2001). A equipe de assistência social vinha tentando cada vez mais intensamente reaproximar os internos de sua família para que os que já receberam laudo de cessação de periculosidade e poderiam continuar o tratamento em acompanhamento ambulatorial pudessem retornar a seus lares.

Segundo o “Parecer Sobre Medidas de Segurança e Hospitais De Custódia e Tratamento Psiquiátrico sob a Perspectiva Da Lei Nº 10.216/2001”, publicado pelo Ministério Público Federal e pela Procuradoria Federal Dos Direitos Do Cidadão, em 2011, essas são as condições para que uma pessoa fique internada em um HCTP:

A medida de segurança, pautada pelo critério de periculosidade do agente, aplica-se, em primeiro lugar, àquele que no momento da ação ou omissão seja absolutamente incapaz de compreender a ilicitude do seu ato ou de se comportar de outra forma em virtude de transtorno mental [...] Em segundo lugar, a medida de segurança também pode ser imposta à pessoa considerada semi-imputável, ou seja, àquela cuja compreensão acerca do seu ato é parcial, relativa, o que lhe possibilita agir diferentemente do comportamento adotado. [...] Se o agente é absolutamente incapaz, em virtude de apresentar um transtorno mental e tenha praticado um crime apenado com reclusão, cumpre a medida de segurança em HCTP. O condenado cujo transtorno mental manifesta-se no curso da execução da pena privativa de liberdade também é internado no HCTP, seja em razão da conversão da pena em medida de segurança (art. 183 da LEP), seja porque o juiz assim o tenha determinado (art. 108 da LEP). [...] O cumprimento de medida de segurança em HCTP pressupõe a internação, o que implica em privação da liberdade por parte da pessoa com transtorno mental em conflito com a lei. [...] o prazo mínimo para realizar o tratamento na forma de medida de segurança, quer detentiva, quer restritiva, varia entre um e três anos. Após esse período, se ainda persistir a periculosidade do agente, a medida de segurança passa a ser por prazo indeterminado (BRASIL, 2011, p. 46)

No documentário “Confinamento” (BRASIL, 2011), há o relato de uma mãe que aguarda a saída de seu filho do HCTP de Florianópolis. O jovem, identificado como Felipe, havia sido preso por roubar um moletom para conseguir comprar drogas. O tempo que levava no HCTP era maior do que se tivesse sido considerado culpado e cumprisse pena pelo delito que cometeu. Outra situação, mais drástica nos é apresentada no curta-metragem “A Casa dos Mortos” (2009), de Débora Diniz, que conta a história de Almerindo, “um homem internado havia 32 anos devido a um furto de bicicleta e uma agressão leve” (DINIZ, 2013, p. 4). A Almerindo, Débora dedica o primeiro censo da população em manicômios judiciais no Brasil, feito em 2011. Na introdução do documento, diz Débora (DINIZ, 2011, p. 13):

[...] o censo encontrou dezoito indivíduos internados em hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico há mais de trinta anos. Jovens, eles atravessaram os muros de um dos regimes mais cruéis de apartação social. Idosos, eles agora esperam que o Estado os corporifique para além dos números aqui apresentados e reconheça-os como indivíduos singulares com necessidades existenciais ignoradas em vários domínios da vida. Os dezoito indivíduos anônimos e abandonados nos hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico representam 0,5% da população do censo, o que poderia oferecer um falso alento àqueles que acreditam que o sistema é justo ou necessário à defesa social. Há, no entanto, outro grupo que desafia essa tese: são os 606 indivíduos internados há mais tempo do que a pena máxima em abstrato para a infração cometida (Brasil, 2012). Eles são 21% da população em medida de segurança no país. [...] Os indivíduos anônimos e abandonados recebem diferentes nomes a depender do regime de classificação de cada unidade custodial do país: são os problemas sociais, os em longa permanência, os abrigados, ou, simplesmente, os esquecidos anônimos.

A lei brasileira não permite a prisão perpétua, limitando atualmente a pena ao máximo de 40 anos de reclusão<sup>5</sup>, independente do crime cometido, ao réu imputável. Já essa não é a realidade com relação a medida de segurança, pois enquanto for constatada a periculosidade a medida poderá ser renovada indefinidamente. Em 2015, o Superior Tribunal de Justiça (STJ), afim de equacionar esta situação que dava margem para maior tempo de privação de liberdade ao inimputável do que ao imputável, publicou a súmula 527, cuja redação diz: “o tempo de duração da medida de segurança não deve ultrapassar o limite máximo da pena abstratamente cominada ao delito praticado” (BRASIL, 2015). Ainda assim, a súmula não é lei e, portanto, o juiz ainda pode decidir por manter a medida.

[101]

A psicóloga Lorena Torquato Videira (2014, s/p), que estagiou durante um ano em um HCTP, relata:

Para retornar ao convívio extramuros, o paciente deve, no momento da avaliação, estar globalmente orientado e responder ao perito aquilo que é imposto como verdade nas descrições em prontuário -independente da verdade do fato, de possíveis falhas de memória e coerente ansiedade diante desta situação, em que um desconhecido definirá o próximo ano de sua vida. Isso abarca tanto os pacientes em delírio quanto aqueles em gozo de suas faculdades mentais. Os primeiros, no entanto, já caminham para a perícia em covarde desvantagem.

---

<sup>5</sup> O período máximo de reclusão foi atualizado de 30 para 40 anos pela Lei 13.964/2019 (BRASIL, 2019).

Fala esta que me traz a mente as palavras do dramaturgo Fauzi Arap, que trabalhou junto a Nise da Silveira, nos anos 1970, conduzindo atividades de arteterapia no Centro Psiquiátrico Pedro II:

A última prisão dupla que vitima o / esquizofrênico é a tentativa de cura – quando / tenta a confirmação de sanidade justamente / com quem o “exilou”: a maioria. / / Desencontro – ele é convidado a compactuar / com a OPINIÃO GERAL de que seu / INTERIOR não existe: as vozes, as / alucinações e todo resto devem ser / esquecidos, chamados “a doença”. Mas nada / é explicado. O mais forte dá as cartas. / Marcadas. As regras do jogo são TEATRO. E / a ele cabe o personagem absurdo: o louco. / Para não ser o louco, resta o silêncio, o não / personagem. Querem dele o drama / psicológico, a normalidade cotidiana, a volta / ao passado. Não pode. Está perdido dentro. (ARAP, 1984, p. 59)

Mais adiante, prossegue Fauzi (ARAP, 1984, p. 60), referindo-se à arte:

A arte abre uma porta no que tange a resolver / as duplas prisões originais, que paralisaram o / sujeito, no que tange a COMUNICAR-SE. / / Todas as artes, do desenho ao psicodrama, e / mesmo a literatura, se prestam excelentemente / como veículos de EXTROVERSÃO / ARTIFICIAL. Na arte, expressar-se não / significa um compromisso imediato com a / realidade concreta, e mesmo sentimentos / violentos em vários níveis podem ter lugar, / resolvendo-se sem ameaçar o indivíduo com / sua natureza anti-social. É preciso que o / indivíduo compreenda que a nível de arte vale / tudo. Que ele não se mantenha timidamente / desenhando apenas o conveniente, mas / justamente ouse expressar mesmo o proibido a / nível do socialmente aceitável. E que possa / experimentar o alívio dessa extroversão. / A ARTE É O TRUQUE DO INTROVERTIDO PARA CABER NUM MUNDO DE EXTROVERTIDOS.

Penso neles.

E penso em mim.

[102]

O número de participantes das oficinas variava bastante, em algumas semanas tínhamos mais de 20 pessoas conosco, em outras 4 ou 5 participantes apenas. Alguns estavam conosco todas as semanas, outros apareciam vez ou outra, alguns uma vez só. O fluxo era livre. Eles podiam decidir sair da oficina a hora que quisessem e voltar para o pátio ou para seus dormitórios (enfermarias, como são chamados). Uma vez por mês, em um sábado de sol, o professor de educação física ia com eles até a quadra de esportes para que jogassem futebol. Às vezes esses sábados coincidiam com um dos nossos e alguns participantes pediam licença, se desculpando, para poderem ir jogar. Nunca nos incomodamos com isso, até os incentivávamos.

Ao fim do jogo passavam sorridentes pela nossa sala para dizer se venceram ou não e, quando dava tempo, ainda retornavam para conversar um pouco.

Dentre os participantes encontravam-se homens com idades entre 18 até 60 e poucos anos. Em alguns era muito clara a presença do transtorno mental. Era visível em seus gestos, manias, em sua forma de falar ou de olhar (quase fixa). Em outros, era impossível identificar que havia algum transtorno. Eram pessoas de fala clara e bem articulada, exercendo por vezes o papel de mediador entre nós e os demais pacientes. Em muitos deles era possível ver a ação da hipermedicalização e acompanhar a variação dos efeitos desta com o passar das semanas, os olhos vidrados e avermelhados, palidez, dificuldade na articulação das palavras e na coordenação motora. Alguns pareciam claramente dopados, outros, apesar (ou por conta) da medicalização, pareciam estar sempre agitados, com dificuldade de se manter parados durante toda a duração de um filme, entrando e saindo da sala diversas vezes.

[103]

Registro do diário de bordo:

A primeira exibição – março, 2019

Coração ansioso. Uma curiosidade enorme. Sensação um pouco parecida com a de fazer uma prova. Queria muito que as coisas transcorressem bem. Cheguei com Luiz na frente dos altos muros com arames farpados da penitenciária às 14h. A experiência dele realizando oficinas nesse espaço me dava alguma confiança. Minha atenção estava à todo vapor, como se eu tivesse tomado várias xícaras de café. Passados os procedimentos padrões de entrada no complexo penitenciário, chegamos ao hospital. Grandes abóboras nos encaravam da horta bem cuidada. A entrada do hospital, com um pequeno canteiro na frente, me lembrava um pouco a entrada do antigo posto de saúde do bairro onde morava quando criança. Um certo “silêncio” composto de uma multidão de ruídos abafados, algo como o som que impera numa escola em horário de aula. Fomos bem recebidos pelo chefe de segurança e pelos agentes carcereiros. Ganhamos cadeados para guardar nossos pertences em armários de metal e carregar apenas o que utilizaríamos na oficina. Os armários novamente me lembraram da escola, uma escola-hospital com muitas grades. Deixamos nossos documentos, cujos números foram anotados em um grande caderno. Na parede ao lado desse caderno, um painel com o nome de todos os pacientes internados anotados em pequenos papéis e divididos por enfermarias. Meus olhos correram rápido em busca de nomes conhecidos. Nenhum. O agente de plantão, um simpático

senhor, baixinho e falante, nos perguntou se havia alguma lista de nomes dos pacientes que deveria chamar para a oficina. Explicamos que era a primeira vez e que não havia lista de pacientes, que todos que quisessem participar poderiam ir. O agente começou chamando os pacientes que estavam nos pátios.

Os pátios, no caso, eram dois espaços a céu aberto, rodeados de altos muros e com uma pequena parte coberta. Um a direita e um a esquerda de um grande corredor onde ficam sentados dois agentes, que os vigiam. Na parte coberta há mesas onde é possível ver alguns internos jogando baralho. Há uma televisão também, cuja programação os pacientes disseram escolher em consenso. Não sei que tipo de censura pode haver para os canais ou programas que os pacientes assistem ali durante o dia. Neste caso, estava passando a programação de sábado à tarde de algum canal da tv aberta. O chão dos pátios é feito de cimento e, encostado aos muros há alguns bancos também de cimento onde alguns pacientes silenciosos pegavam sol e outros conversavam. Outros ainda, compenetrados em andar dando voltas e voltas nesse pequeno espaço, pareciam perdidos em pensamentos. É tudo bastante limpo e organizado e um cheiro forte de produto de limpeza impregnava o espaço.

Após convidar os internos que estavam no pátio, o chefe da guarda pediu que um dos agentes fosse conosco até as enfermarias para convidar os demais internos. As enfermarias ficam também em corredores longos, estes mais escuro que os demais. Foi uma surpresa me deparar com as tais das enfermarias que pelo nome remetiam-me às salas de hospitais. Diferente disso, as enfermarias na realidade se parecem muito mais com celas, com grandes portas de madeira trancadas com cadeados, com pequenas janelas gradeadas na parte de cima, para que se possa olhar para o lado de dentro. Há enfermarias individuais e coletivas. Nas enfermarias coletivas há várias camas postas lado a lado, cada uma com sua roupa de cama dobrada sobre si e um espaço de mais ou menos 1 metro entre elas, e há também uma parede sem porta, que marca a divisão para o banheiro. Não há espaço privativo. Já as enfermarias individuais são pequenos cubículos, de aproximadamente 2m x 2m, com uma cama e uma privada que fica bem em frente a porta. Não existe uma parede ou mureta que dê ao paciente alguma privacidade para fazer suas necessidades, visto que a qualquer momento alguém pode olhar pela grade da porta.

Se, por um lado, me senti feliz com a boa receptividade e oportunidade de convidar todos os pacientes, por outro, ao andar pelos corredores das enfermarias me senti entrando em espaços pessoais para os quais não havia sido convidada. Mas, para o agente e, aparentemente, para os internos aquilo tudo era bastante normal. Alguns, me vendo, perguntaram se haveria Sarau (já que havia participado de alguns no ano anterior) e expliquei nossa proposta de exhibir

filmes. Muitos decidiram sair de suas camas e vieram. Me explicaram depois que durante a semana os horários são mais rígidos, há momentos de ficar nas enfermarias e outros em que se deve ficar no pátio. Apenas no sábado é livre a escolha. Nos encaminhamos todos para a “Sala Multiuso”.

O filme que escolhemos para iniciar nosso cineclubes foi “O Menino e o Mundo” (2013), uma animação brasileira. Apesar de ter um protagonista criança, o filme não é considerado infantil. A estética mistura um desenho de traços simples e cores vívidas, com colagens, imagens de arquivo e uma trilha sonora original belíssima. A narrativa do filme pode remeter a várias questões, como família, saudade, pobreza, exploração do trabalho no campo, os efeitos da industrialização e a vida nas grandes cidades.

Ao abrirmos a sala, os pacientes mesmos, bastante solícitos e parecendo habituados a utilizar aquele espaço, pegaram as cadeiras de plástico de uma pilha e as organizaram, como decidimos, em filas para assistir ao filme. Enquanto isso, Luiz ligou o projetor e seu notebook. Iniciei nos apresentando e ao nosso projeto e, em seguida, dei algumas informações sobre a obra que iríamos assistir, pontuando que a ideia era a de que quem quisesse poderia ficar para que conversássemos após a exibição.

A Sala Multiuso tem um projetor que não é forte o suficiente para boas exibições diurnas por conta da luz entrando pela janela, mas em dias nublados, como foi o caso, até que dava para se virar bem. O cabo do projetor está com algum mal contato e a tela fica cheia de pequenas linhas azuis claras, coisa que interfere na qualidade da imagem, mas não impossibilita assistir ao filme. A sala também está equipada com uma caixa de som e ar-condicionado. A janela grande que fica na lateral esquerda, sem cortina, dá para um pequeno pátio (lugar onde costumamos realizar o Sarau em dias de sol). Esse pequeno pátio é onde está situado o canteiro redondo que me chama atenção.

Por conta do tempo tomado no início da sessão para convidar os pacientes e apresentar o projeto, quando se chegou em dez minutos de exibição os pacientes foram chamados para o café – que acontece diariamente em torno das 15h. Disseram que voltariam logo. Desejamos um bom café e, agora, sozinhos na sala, respirei aliviada. As coisas estavam acontecendo!

Após o café, boa surpresa, voltaram mais pessoas do que tinham saído. A sala ficou apertadinha quando mais uns 5 pacientes resolveram participar. Continuamos tocando o filme. Após alguns minutos, eu que estava sentada contra a parede numa cadeira um pouco mais alta que a dos demais, me virei para olhá-los. O que vi me emocionou. 25 homens olhavam para a tela como que encantados. Estavam absolutamente compenetrados na história do menino em

busca de seu pai. Não houve nenhum preconceito quanto à linguagem do filme e, muito pelo contrário, várias falas animadas se ouviam quando cenas mais fantasiosas, mirabolantes e coloridas apareciam no desenho. Naquele momento eles haviam se permitido transportar para o universo do filme com uma entrega rara de se ver. A disponibilidade deles para aceitar nossa proposta me encantou. Não houve resistência.

Quando o filme acabou foi com a mesma disponibilidade que aceitaram ficar para a nossa conversa. Colocamos as cadeiras em roda e nos pusemos a discutir os significados do filme. Muitas vozes foram ouvidas.

— *É sobre como estamos destruindo o mundo, né? O desmatamento* — Disse um deles.

— *E a exploração do homem. O rapaz é substituído por uma máquina e é como se ele não valesse nada. O patrão manda eles embora e não quer nem saber* — Complementou o outro.

— *Tinha a opressão sobre o povo, né? O pássaro preto. E de opressão a gente entende* — Disse mais um.

— *Gostei da história do menino com o pai dele. Como ele sentia saudade. Me identifiquei com ele* — Falou um homem grande sentado à minha frente.

— *Achei muito bem feito, aquela parte que é bem louca que sai tudo girando, bem colorida* — Falou um outro, risonho.

A cada fala percebia mais nitidamente o contraste entre aquelas pessoas e o imaginário popular que se tem sobre “o louco”. Como diz Nise da Silveira (2018): “imaginava-se que tinham a inteligência e o sentimento embotados”. E que demonstração clara de sensibilidade e perspicácia eles me estavam dando! Resolvi perguntar a eles quem achavam por fim que era o menino, o protagonista do filme. Uma questão um tanto subjetiva. Houve uma pausa.

— *Jesus?* — Arriscou um deles.

— *O filho do rapaz mais velho?* – Disse outro.

Fiquei em dúvida sobre dar ou não minha interpretação, a fim de que não a tomassem como certa, visto que eu tinha me apresentado como estudante de Cinema, mas, diante dos rostos indagadores me encarando, falei: — *Olha, eeeeu acho que o menino era uma memória. Todo o filme é uma memória.*

Vários olhos continuaram me encarando, duvidando. Outros pareciam concordar ou discordar totalmente da hipótese. Isso me animou. Não a tomaram imediatamente como certa, como eu temia. Meu achismo não estava tão desnivelado e, sendo assim, não encerrou a conversa como talvez teria sido se eu tivesse dado a impressão de ter “a resposta certa”.

Quanto a questões referentes a produção de um filme, falamos sobre o traço do desenho ser bastante simples e dá não necessidade de um traço realista para se contar uma história. Alguns deles disseram gostar de desenhar. Outro disse que desenharia o menino do filme quando fosse para o leito. Nosso tempo de conversa acabou. Nos despedimos falando que voltaríamos em breve. A ansiedade passara. Meu coração batia tranquilo.

[104]

Figura 8 – Sala Multiuso do HCTP



Fonte: Arquivo da autora.



[105]

Todos os sábados nos deparávamos com agentes diferentes, pois o trabalho é em regime de plantão. Desta forma, entre eles variava tanto a relação conosco quanto a relação com os pacientes, além de estarem mais bem dispostos a nossas atividades em alguns dias e menos em outros. Com relação aos pacientes percebia que alguns agentes eram mais amigáveis, a ponto de os pacientes pararem para conversar com eles e falar da vida. Outros faziam mais “a linha dura”, não trocando mais que palavras de ordem e chamadas de atenção. Com relação a nosso trabalho, alguns agentes eram mais solícitos, passando em todas as enfermarias para convidar os pacientes, conversando conosco sobre os filmes e nos entregando a chave da sala. Outros exigiam listas e autorizações, nos vigiavam, pediam que a porta da Sala Multiuso ficasse sempre aberta e não pareciam muito afeitos à ideia das exposições, chamando, no máximo, os pacientes que estivessem nos pátios (“azar” dos que decidiram ficar em suas enfermarias naquele dia).

Conversando com um dos assistentes sociais do hospital, ele nos falou que uma das dificuldades relativas ao HCTP ser administrado pelo Departamento de Administração Prisional, e não pela área da Saúde, é o fato de que os agentes contratados para trabalhar ali são remanejados de outras prisões ou penitenciárias e não tem qualquer formação para trabalhar em um hospital. Como consequência os internos acabam sendo tratados muitas vezes mais como presidiários do que como pacientes.

[106]

Dia de oficina. Perguntamos se lembravam qual a primeira vez que foram ao cinema. Quem começou com a palavra foi T., naquele dia bastante falante e simpático: — *O primeiro filme que eu lembro de ter assistido no cinema – onde hoje é a Igreja Universal, bem no centro – foi o filme do Didi e os Trapalhães<sup>6</sup>. Aquele que tem um circo e ele acha uma menina que ele acredita que é um menino. Eu lembro quando foi lançado, 1990, eu era pequenininho. O primeiro filme é marcante como a primeira namorada, a gente sempre lembra. A primeira. Sempre a primeira de tudo.*

A. emendou: — *O primeiro filme que eu vi no cinema foi “Os Deuses Ficaram Loucos”.<sup>7</sup> O cara joga uma garrafinha de coca do avião e cai perto de um indígena africano e aí se desenvolve o filme. Ele pensa que tem que levar a garrafinha até o fim do mundo e*

---

<sup>6</sup> O filme a que se refere T. provavelmente se trata de “O Mistério de Robin Hood” (1990).

<sup>7</sup> Trata-se do filme “Os Deuses Ficaram Loucos” (1980).

devolver “pros deuses”. *Aí ele pega a garrafinha e vai, vai, vai andando até chegar num penhasco bem alto, com as nuvens passando embaixo, e joga a garrafinha “de volta”. Naquela época o cinema estava sempre lotado. Eu assisti lá no shopping Itaguaçu.*

— *Alguém mais assistiu filme em cinema fora do shopping?* — Perguntou Luiz.

A. rapidamente respondeu: — *Claro, também assisti filme lá no Cine Ritz, que ficava perto da Catedral. Tinha o cinema do centro e tinha um cinema ali no Estreito, do lado do 63BI, onde hoje é um posto de gasolina. Ali era só pornô. A galera que ia ali era bem louca. Outro diferencial também é que eu sempre queria ir ali no centro ver filmes dos Trapalhões, e quando acabava o filme você podia ficar lá dentro pra assistir o filme de novo. Não passava ninguém vistoriando. Dava pra ficar a tarde toda no Cinema. Eu até me assustei quando foi tudo fechando, foram vendendo, virando igreja evangélica. É uma pena.*

— *Eu achava mais legal quando era só cinema. É diferente de quando você vai no shopping ver uma roupa e tal e resolve ir no cinema. Lá você ia só pra isso. É como ir na pizzaria.* — disse T.

B., nesse dia bastante quietinho, decidiu falar também: — *Na primeira vez eu fui assistir Nemo<sup>8</sup>. Era 2006. Eu tinha 9 anos.*

Me surpreendeu sua juventude. Imaginava que já estaria próximo dos 30 anos, mas me deparei com um menino 7 anos mais jovem que eu. Sua aparência não denuncia sua juventude, talvez por conta de seu histórico com álcool e das medicações.

— *E vocês lembram das fitas VHS?* — perguntou Luiz.

V., um homem na casa dos 50 anos, que no ano passado costumava estar sempre conosco nos Saraus, era alegre, falava alto e gostava muito de contar histórias, ler algum trecho da bíblia ou cantar cânticos de louvor, se adiantou: — *Videocassete? Eu tinha. Também toca fitas e vinil. Quando comprei minha casa eu tinha tudo lá. Eu comprava fitas. Um cara tinha um “móveis usados”, vendia fita, vinil e fita K7, R\$ 10,00 cada um. Tudo quanto é tipo.*

— *Eu nunca aluguei fita* — diz T.

— *Eu nem sei como é* — diz B.

A., que estivera pensativo por um tempo, falou: — *Mas olha, em 1946 mais ou menos, após a Segunda Guerra Mundial, um russo escreveu um livro de ficção científica em que o homem chegava na lua. E em 1969 o homem chegou de fato à lua. Em ‘46 era ficção científica!*

---

<sup>8</sup> Trata-se da animação “Procurando Nemo” (2003).

*E na nossa geração, nós vimos muitos filmes com videoconferência, com telefone sem fio, celular e tal, era tudo ficção científica. Hoje nós andamos com smartphones. A pessoa que anda sem smartphone hoje é até discriminada. Essa semana escutei no rádio uma reportagem sobre um carro que experimentaram lá na China que se movimenta através de um campo magnética, ou seja, o carro flutua e se movimenta a mais de 600 km/h. Que pra eles nem é tanta maravilha assim, porque eles têm já aqueles trem bala, monotrilho, que é magnético, não passa por combustível. Então, o que é ficção científica e o que é realidade? As coisas estão começando a acontecer, essa história do carro, já vão produzir em escala comercial em 2021. Então já existe tecnologia mais avançada, mas nós ainda não estamos preparados pra absorver toda essa tecnologia. Do ano 2000 pra cá, existiu um avanço muito grande na tecnologia e muito rápido. As próprias produções cinematográficas, a gente já observa que usa muita computação gráfica.*

Deste ponto em diante a conversa desenrolou-se sobre as tecnologias cinematográficas de substituição facial e captura de movimentos. Falamos também dos primeiros filmes feitos na virada do século XX e das câmeras gigantes e intransportáveis. Hora do café.

[107]

Registro do diário de bordo:

Um filme sobre o amor verdadeiro – abril, 2019

Quinze dias depois de nossa primeira oficina, voltamos ao HCTP. Dessa vez a recepção não foi tão calorosa. O chefe da guarda olhou com certa desconfiança para nossas caras novas e pediu nossa carteirinha. Até esta altura ainda não tínhamos em mãos a carteirinha específica para acessar o HCTP e entregamos nossas identidades, sob resmungos de desaprovação e uma recomendação de que fizéssemos logo o documento necessário. Então nos pediu a lista de internos que participariam e dissemos, como na oficina anterior, que era aberto a quem quisesse. Ele falou que assim ficava difícil, nos deu a chave da sala multiuso com cara de poucos amigos e disse que quando estivéssemos prontos era para avisar que eles chamariam os internos.

Organizamos a sala sozinhos desta vez. Eu, as cadeiras, Luiz, notebook e projetor.

Avisamos que estava tudo pronto e os agentes carcereiros chamaram os internos que estavam no pátio e somente nas enfermarias próximas a eles para a oficina. Demos uma insistida para que chamassem também os que tivessem interesse e estivessem nas enfermarias coletivas em volta do pátio com o canteiro. Ele assentiu. Acompanhei o agente em volta do canteiro, para

que os pacientes me vissem e, quem sabe, já soubessem do que se tratava. No caminho, alguns perguntavam qual seria o filme para ponderar se iriam ou não, outros não se preocupavam com isso e saíam logo da enfermaria para tomar seu lugar na Sala Multiuso. Mais uns tantos apareceram. Outro, que estava em uma enfermaria mais afastada e que havia sido “esquecida”, chamou o agente para que abrisse para ele poder participar e, no fim, éramos em torno de 18 pessoas na sala. Apresentei o filme: “Lisbela e o Prisioneiro” (2003), um dos meus favoritos.

Nesse filme, o protagonista, Leléu, é um jovem simples cuja principal característica é saber utilizar sua lábia e esperteza para conseguir o que quer. A aventura se passa em uma região nordestina e captura alguns aspectos culturais bastante típicos do Brasil, como as quermesses e os autos da Paixão de Cristo realizados na época de Páscoa. Um romance cômico que conta a história de um prisioneiro e uma mocinha, filha do delegado, que decide abandonar o noivo e toda a segurança em que vive para fugir com um trambiqueiro viajante por quem se apaixona. Há em Leléu certa alegria de ser, coragem e sagacidade para lidar com as trapalhadas em que se enfia, e uma ingenuidade com relação ao amor que ajuda, no mínimo, a ponderar sobre os preconceitos que rondam a imagem de um “criminoso”. Em contrapartida, o que causa a tensão no filme, é também outro criminoso, este sim, o vilão, o matador de aluguel, Frederico Evandro. Frederico acende uma vela pela alma de cada um que vai matar, considera-se um instrumento da Morte. É um profundo cumpridor de sua palavra, em contraste com Leléu, que é um mentiroso. Desta forma, dois pesos e duas medidas.

Minhas preocupações com relação a este filme giravam em torno de algumas cenas de semi-nudez – o que de fato, não passou sem comentários entusiasmados, mas pontuais – e de algumas falas com teor violento ou machista, que, ainda que justificadas dentro do contexto cultural do filme, poderiam gerar uma interpretação equivocada.

Em uma conversa anterior, uma das assistentes sociais do HCTP, Denise<sup>10</sup>, atual coordenadora do projeto das oficinas dentro do hospital, nos disse que muitos dos internos estão no HCTP por terem cometido violência doméstica contra suas companheiras, mães e irmãs. E essas violências foram desde agressões verbais e físicas até assassinatos. Durante muito tempo isso ficou martelando na minha cabeça. O filme trazia também a oportunidade de falar sobre personagens femininas fortes e como elas decidiram seus próprios destinos (especialmente por serem personagens muito cativantes). Lisbela abandona o noivo e o pai e foge para viver na estrada com o homem que ama. Inaura abandona o marido e decide seguir seu coração.

— *Eu sei que filme é esse. Eu já vi, é um filme sobre o amor verdadeiro. É isso mesmo. Se eu não me engano, é sobre o amor verdadeiro* — Disse Z.

Z. é um dos pacientes em que conseguimos perceber os efeitos do transtorno mental. Há uma dificuldade na articulação das palavras e muita gesticulação. Quando vem assistir aos filmes parece sempre animado, risonho. É bastante falante e os demais pacientes parecem acostumados com ele ser assim. Há uma certa ingenuidade em sua fala.

— *Fica quieto e ouve o filme* — Pediram outros pacientes, cortando suas divagações.

Começamos a assistir. Várias risadas, especialmente nas cenas em que o cabo da polícia é enganado por Leléu. Vários suspiros de amores por Lisbela e um “*Ah, não! Tadinha dela*”, quando a personagem Inaura implora para que Leléu fuja com ela e ele diz não. Alguns participantes pareciam estar com o coração realmente partido.

Neste dia, o café tomou um pouco mais de tempo e o filme acabou em cima do laço. Fiquei triste, senti que as coisas ficaram pela metade sem nosso tempo para conversar. Tinha planejado vários temas para propor relacionados ao filme, como as questões femininas, por exemplo.

— *Muito bom esse filme que vocês escolheram* — Disse um deles, nos oferecendo a mão ao se despedir.

Bom, pensei, deixemos que a semente germine, o filme por si só já propõe muita reflexão...

[108]

L. me procurou durante o Sarau. Pensativo. O pé de manjerição estava crescendo no canteiro e o pequeno balançar do vento espalhava o cheiro da erva pelo ar. Sutil. Para quem olhasse de cima, seria possível ver uma pequena roda de em torno de 10 pessoas cantando no pequeno pátio. Alguns sentados, outros de pé. Luiz tocando Raul Seixas no violão. L. costumava parecer sempre animado, começava as conversas com uma piada, mas, neste dia, estava quieto, cabisbaixo. Ainda assim, não estando em seu estado de espírito costumeiro, ele se animou o suficiente para tentar flertar com a outra oficineira que estava conosco e depois comigo. Eu disse direta e objetivamente para ele parar, pois eu não estava gostando nada daquilo.

— *É brincadeira só* — Me disse, rindo, e se afastou.

Eu sabia se tratar de um dos pacientes que estava preso por agressão contra a companheira. Depois de uma meia hora ele voltou, sentou-se ao meu lado e ficou ali por vários minutos em silêncio e sério. Os olhos jovens e castanhos pregados no chão. As mãos cruzadas sobre o colo. Os chinelos caindo um pouco do pé. Então me falou em tom de confiança:

— *Sabe, o filme de semana passada mexeu muito comigo... Não saiu da minha cabeça.*

— *Ué, mas você parece triste. Não gostou do filme?*

— *Mas eu fiquei triste mesmo.*

— *Era uma comédia! Por que você ficou triste?*

Ele me olhou por um tempo e continuou em silêncio.

— *Não quer falar?*

— *Não.*

— *Foi a história?*

— *Não quero contar.*

Ele permaneceu em silêncio mais um tempo, depois continuou olhando sempre para frente.

— *É que, sabe quando parece que o filme chegou tarde demais? Se eu tivesse visto esse filme antes... acho que eu não teria feito algumas coisas que eu fiz.*

Depois desse dia, L. não apareceu mais nas oficinas ou no Sarau. Apenas passava vez outra pela janela enquanto exibimos os filmes e nos cumprimentava de longe.

[109]

— *Ele morreu, você não sabia?* — Me disse a oficineira que trabalhava com teatro no HCTP durante a semana, tranquilamente como quem conta uma fofoca — *Conseguiu uma licença de vinte dias para ficar com a família no Natal. Ao sair logo foi para o morro tentar comprar drogas fiado. Quando o traficante se recusou a vender, L. o atacou e matou com uma facada. Os dois adolescentes que “protegiam” o traficante revidaram e mataram L. também a facadas.*

Um aperto no peito. Um nó na altura da garganta. Uma sensação de paralisia.

Luiz já havia me contado que vários dos que conhecera no HCTP morreram. Havia morrido nas ruas, em brigas, de doenças... Eu sabia que podia acontecer de receber esse tipo de notícias, mas fiquei chocada mesmo assim. O mundo continua hostil quando saem. E a displicência da notícia dada com tamanha naturalidade me desnorteou. Logo reagi, mudei de assunto e guardei essa sensação em algum lugar. “Basta ser racional”, pensei. E não falei mais disso.

Dias depois ouvi uma música da trilha sonora de “Lisbela e o Prisioneiro” tocando no celular. Imediatamente pausei. Não conseguia escutar, não queria trazer à tona todos os pensamentos que viriam com ela. “Você não pode ser tão sensível”, dizia para mim mesma.

Mas não queria arriscar. “É preciso encarar a violência, sem maquiá-la”. E aqui não me importava tanto a violência das facadas, mas, sim, a de olhar para o mundo aonde os pacientes do HCTP iriam ter que retornar. O encarceramento possivelmente não seria a única parte violenta no futuro dessas pessoas. Não ouvi as músicas por meses. Por fim, descobri que houve um possível engano. Havia dois pacientes com o mesmo nome. Talvez o morto não tenha sido o que participava das oficinas conosco. Mas poderia ter sido... Poderia ter sido... É preciso aprender a conviver.

[110]

Propus um jogo: cada um deveria comentar uma memória boa de infância. Comecei falando que lembrava com muito carinho das manhãs em que acordava na casa da minha avó e sentia o cheiro de café e pão quente, enquanto ouvia as vozes baixas dos parentes que conversavam com um forte sotaque italiano na cozinha.

F. entrou no jogo. Contou que desde jovem trabalhava na terra. Sua família tinha uma propriedade rural no meio-oeste catarinense. Um lugar frio. Cheio de pinheiros. Eis que um dia apareceu um tucano novinho na beirada do telhado. Bem pretinho. Sua mãe, sem saber o que dar para o pássaro, jogou um pedaço de carne. Depois disso, todos os dias o bichinho aparecia berrando na beira do telhado para pedir comida. Virou um amigo da família. Quando ninguém aparecia para dar um pedaço de carne ou de fruta, ele ficava fazendo barulho. Virou um pássaro manso. Um dia, anos depois, por um descuido, o pássaro se machucou. F. correu atrás dele, mas o pássaro voou por cima de um barranco e nunca voltou. Não se sabe se morreu ou não quis voltar. Toda a família sentiu falta dele.

L. contou, com cuidado e autorrepreensão, uma traquinagem que ele e os irmãos fizeram com um gato de estimação na infância: jogaram o bicho sobre as brasas quentes do fogão a lenha só para ver quão alto ele pulava. E pulou alto! Ouviram-se várias manifestações de repreensão e empatia pela dor do gato vindas dos demais participantes. L. continuou, disse que o animal ficou com as patas bastante machucadas e, quando os pais notaram, deram uma surra nos filhos de cinta. Nenhuma manifestação dos demais sobre a surra.

G. falou da falta que sentia de seu cachorro. Disse que o animal sempre o esperava chegar em casa e fazia muita festa. Achava impressionante o amor que os animais sentem pela gente. Queria muito sair do HCTP para poder reencontrá-lo.

F., um rapaz muito jovem, com cara de menino, contou que era muito inteligente quando criança e que gostava muito de estudar. Seu raciocínio era rápido mesmo. Só tirava as melhores

notas em todas as matérias. Então, aos 12 anos, por convite dos amigos, envolveu-se com drogas e logo abandonou a escola. Muitos rapazes faziam isso. Ele ficava triste de pensar que agora era um adulto sem estudos e que a droga estragara o seu cérebro.

T. emendou que também se arrependia de ter largado a escola. Foi na oitava série, quando começou a beber, sair para festas e encontrar com garotas. As garotas eram muito mais interessantes que a escola. Nas festas acabou experimentando outras drogas e quando percebeu já era tarde, estava viciado. Disse que pelo menos ali, enquanto estavam presos, eram obrigados a ficar “limpos”.

B., o mais novo de todos, contou que começara a beber aos 8 anos. Seu avô e seu pai eram alcoólatras e achavam algo natural dar álcool para os meninos da família. No dia a dia mesmo. Quando chegou na adolescência, ali pelos 12 anos, já não conseguia não beber.

Quanto ao HCTP, alguns pareciam conformados com a situação, tentavam pensar positivo sobre este tempo e sobre o futuro, dizendo que estavam em tratamento e que sairiam melhores, que no futuro era só não “errar” mais. T. já não suportava as grades, as horas estabelecidas para tudo. “*Inferno*” foi a palavra que usou para descrever a vida que estava levando. “*No verão, a gente é trancado na enfermaria às 17h30 e só escurece às 21h. Pensa só?*”

[111]

Intervalo para o café. Aguardamos na sala que os pacientes retornem. Dia bonito de inverno. Logo escurecerá. Alguns vêm antes e vão se ajeitando na sala. A seguinte conversa se desenrola:

Luiz

*O que vocês gostam de fazer?*

J.

*Eu gosto de cozinhar.*

Luiz

*E você não gostaria de trabalhar na cozinha?*

J.



*Ah, até tentei trabalhar aqui na cozinha, era sempre a mesma coisa, mas no começo a gente pelo menos fazia a comida. Agora o sistema mudou, a comida vem toda pronta. Não tem porquê...*

Helena

*O que você gosta de cozinhar?*

J.

*Polenta.*

Helena

*Você faz daquela que fica como um pirão ou daquela que fica dura?*

J.

*Da dura, né? Daquela que corta com um fio.*

Helena

*Eu quero aprender. Me ensina?*

J.

*Primeiro você precisa ter um panelão. Pegar dois ou quatro quilos de polenta – depende de pra quantas pessoas... É que eu gostava de fazer pra família inteira, né? Ficava aquela mesa cheia, tinha que ter bastante!*

Penso na polenta de minha avó e na minha própria grande família reunida no almoço de Natal. E na sensação de família. E na saudade dos meus avós. J. continua a explicação quando é interrompido por Z., indignado:

Z.

*Não é assim! Você 'tá ensinando errado. Tem que pôr bem mais água, pra ela ficar bem molinha, como uma papa. Daí depois faz uma carne moída pra comer junto, como uma sopinha.*

H.

*É que ele ‘tá falando da polenta que fica dura, ô! Eu também prefiro ela mais dura.*

HELENA

*Mas como faz pra não queimar?*

J.

*Vai queimar! Vai ficar uma crosta no fundo e nas laterais, mas é assim mesmo. Depois isso também dá pra comer.*

H.

*Lá em casa a gente pegava essa casquinha, bem quentinha e comia com manteiga ou margarina. Deu saudade de comer polenta...*

Vários pacientes soltaram exclamações imaginando a polenta quentinha com manteiga.

Toda essa conversa sobre polenta parecia “cena de filme”. Uma conversa tão bonita, cheia de memória e empatia. Minha cabeça divagou pensando no que nos aproxima enquanto animais humanos. O que pode ser compreendido por qualquer pessoa? O que nos faz perceber melhor o outro? O que vemos no outro e compreendemos em nós? O afeto? A dor? A saudade? O prazer? Nos aproximamos ao compartilhar nossas histórias. Entregamos um pouco de nós mesmos, diminuímos a distância, nos permitimos ser vulneráveis. Isso é cinema também – aquilo de mim que eu escolho contar para o outro.

[112]

Fui assistir, ansiosa, ao espetáculo “Estendemos nossas memórias ao sol”, do Coletivo de Teatro do Presídio Feminino de Florianópolis, projeto feito em conjunto com o Mestrado em Teatro da UDESC. Pessoas fortemente armadas e uniformizadas guardavam a entrada do Teatro da UBRO. O pequeno auditório estava cheio. Cadeiras foram postas perto das paredes para acomodar todo mundo e ainda assim tinha gente de pé. Uma das cenas mais memoráveis, performática quase, mostrava algumas atrizes entrando em cena conforme números eram chamados, confusas as atrizes diziam “*não sou eu, é você?*”, apontando umas para as outras. Então todas tiravam as blusas alaranjadas que levavam (uniforme de presidiárias), dizendo, uma a uma, seus verdadeiros nomes. “*Não somos números! Se por acaso nos encontrarem na rua, vamos nos tratar pelos nossos nomes*”. Depois de serem ovacionadas por vários minutos, ao

fim do espetáculo, uma das atrizes disse emocionada, que era a primeira vez que via a mãe, que estava na plateia, em muito tempo; a mãe, uma senhorinha, respondeu que a amava muito. Outra viu seu filho pequeno correr até o palco e, olhando rapidamente para os guardas, pegou o menino e o abraçou fortemente.

Chorei durante todo o espetáculo e após ainda, enquanto saia do teatro para encontrar amigos igualmente emocionados. Ver aquelas mulheres até então escondidas atrás dos altos muros do complexo penitenciário, silenciadas, afastadas da sociedade, apresentando um espetáculo que falava de suas situações, de suas memórias e de si mesmas em um teatro público, lotado, emocionadas, expressando-se, dando muito de si mesmas, com tanta gente querendo ouvi-las, tocou-me profundamente. Nunca um palco foi tão potente.

[113]

Estava eu sentada com amigos em uma mesa do lado de fora de um bar, no centro de Florianópolis. Sem dinheiro e com fome, havia dividido um lanche e um suco com uma amiga. Eis que chega um rapaz, 20 e poucos anos, loiro, roupas puídas, carregando uma mochila um tanto esfarrapada, e pergunta se poderíamos comprar um lanche para ele. Fico angustiada de não ter nada para oferecer. Uma das pessoas na mesa oferece-se para pagar e o convida para sentar conosco. O rapaz, afirma que não quer nos incomodar, mas, sem jeito, senta-se e logo é envolvido na conversa que se desenrola. Ele diz que costumava trabalhar com madeira e que veio pra Florianópolis porque um amigo disse que teria um emprego para lhe oferecer. Acabou que o emprego não deu pé e o rapaz se viu na rua. Decidido a não voltar para sua cidade, estava perambulando há uns tempos. Fazendo um “bico aqui, um bico ali”, mas não o suficiente para poder bancar um lugar para ficar. O lanche chega, ele levanta e nos despedimos com desejos de sorte. Poucos minutos depois outro rapaz aparece, senta-se na cadeira a meu lado e pergunta se temos como ajudá-lo “*com dinheiro ou comida ou qualquer coisa*”. Está transtornado, mexe a cabeça de um lado para o outro, balança na cadeira. Os olhos trincados. As mãos muito tensionadas. Digo que realmente não poderei ajudar dessa vez. O formato dos olhos dele me chama atenção. Meu cérebro busca referências rapidamente. Não consigo identificar quem é... Meu coração se enchendo de impotência. Os demais na mesa também negam dessa vez. Ele repete “*alguma coisa pra me ajudar*”. Não sei o que fazer. Então, num estouro, ele se levanta rapidamente e fala muito alto: “*então meu coração que se exploda!*” e sai. Ficamos em silêncio, nos olhando. Depois de alguns momentos me ocorre: era Z.!

[114]

Nise da Silveira, em “Mundo das Imagens”, fala sobre a situação dos egressos e das reinternações, veja só, há quase 30 anos atrás:

O doente não se aguenta fora do hospital. A família, quando existe, já se habituou a sua ausência. O peso do rótulo de egresso dificulta a obtenção do emprego. Quem já havia conseguido trabalho antes da internação é sumariamente despedido. Em muitos casos, o indivíduo vem para o Rio de Janeiro procedente de outros estados em busca de melhores condições econômicas de vida. Se vem do campo para a cidade, há uma mudança de cultura e meio social. Se conseguir emprego, terá de usar outros instrumentos de trabalho – deixar a enxada por instrumentos mais complexos, que ele não sabe manejar. Acresce que, habitualmente, é obrigado a amarar na periferia da cidade, ambiente extremamente violento. Vêm a fome e o isolamento.

Todos esses fatores fazem com que o indivíduo se sinta de tal maneira acossado, que somente encontre como saída a porta da loucura, ou seja, o reinternamento.

E o ciclo recomeça. Às vezes o indivíduo prefere a miséria do hospital psiquiátrico à situação de egresso. Mas nem essa outra triste permanência no hospital lhe é permitida. Quinze dias depois de ingerir novas megadoses de psicotrópicos, ele é obrigado a sair do hospital. Pouco mais tarde virá nova reinternação, ou a alternativa da mendicância, numa tentativa de romper esse ciclo.

Distinguem-se dois tipos de mendigos: os que vivem em grupos e partilham as esmolas e os que permanecem isolados, fechados em seu mundo interno. Esses são facilmente reconhecíveis como egressos de hospitais psiquiátricos pelo recolhedor de mendigos da cidade e, não raro, encaminhados de volta ao hospital psiquiátrico, perdendo até a opção pela liberdade da subvida de mendigo. Constituem, segundo as estatísticas da Fundação Leão XIII, 55% dos “mendigos” recolhidos.

Acontece frequentemente que mendigos são acompanhados por cães, amigos de destino, sem dúvida, para muitos deles o único elo de vida que dá calor ao rude mundo externo. Essa relação afetiva entre homem e o cão está constantemente ameaçada: o homem, pelo camburão da polícia, e o cão, pela carrocinha que o leva à tortura e à morte. As condições gerais de subvida do mendigo não raro o levam à morte anônima ao relento. (SILVEIRA, 1992, p. 20)

Conversa semelhante tivemos com Denise, uma das psicólogas do HCTP. Em uma de nossas reuniões perguntei sobre Z. Ela logo adivinhou que o tínhamos encontrado. Explicou que o caso dele era complicado. Disse que o delito dele era bastante leve, tratava-se de atentado ao pudor. O juiz recentemente tinha reavaliado seu caso e decidiu que não era necessário mantê-lo encarcerado, mesmo sob a insistência da equipe do HCTP de que ele não poderia ficar sem supervisão. Segundo a psicóloga ele não “*se aguenta*” fora do HCTP e volta logo a consumir drogas e morar nas ruas. Aliando isso a seu transtorno mental eles temiam que ele acabasse sendo morto em alguma briga nas ruas que dessa forma ele fosse perigoso para si mesmo. Ela disse que desta vez tentaram segurá-lo o máximo possível no hospital, enquanto procuravam um lugar para ele viver, que não fosse distante do HCTP e que ele pudesse pagar com sua aposentadoria. Por conta, a equipe fez toda a busca e encontrou um lugar ideal. O juiz pressionou para que o liberassem. Levaram-no até sua nova morada e instruíram-no a procurar

o hospital se precisasse. Dois dias depois Z. já não voltava para casa. Fora visto perambulando pela universidade. Dormia nas ruas. Em breve, “*com sorte*”, voltaria ao HCTP.

Aquele dia saí do hospital bastante pensativa. Lembrava do rapaz alegre, comunicativo e gentil que conhecemos nas sessões do cineclube e depois do rapaz que encontrei aquele dia no centro da cidade. Parecia verdade que ele não era capaz de tomar conta de si mesmo sem colocar-se em perigo, no entanto, encarcerá-lo tampouco parecia resolver o problema. Afastá-lo do mundo não tinha realmente gerado uma mudança em seu comportamento. Como diz Deligny (2018), o comportamento é relativo à circunstância. Em situação de liberdade ele voltava a reincidir nas mesmas práticas. Como ajudá-lo a viver? Parecia necessário acompanhá-lo sem distanciá-lo do mundo, compreendendo as potências e as debilidades de seu transtorno mental e auxiliando-o. Para que fosse feito um trabalho tão cuidadoso com os pacientes, seria preciso uma estrutura e equipes técnicas muito maiores, um grande investimento do Estado. No HCTP, muitas das pessoas da equipe com quem conversamos pareciam realmente empenhadas em auxiliar os pacientes. Faziam o possível com o que tinham.

[115]

Luiz resolveu perguntar aos participantes que filmes eles gostavam de assistir. G. respondeu, saudoso: “*Gosto muito dos filmes do Mazzaropi. Quando eu era criança, todo domingo íamos na casa da minha tia, ela alugava um filme do Mazzaropi e fazia amendoim doce. Ficava todo mundo assistindo*”. Alguns meses mais tarde levamos um filme do Mazzaropi, “Jeca Tatu” (1960), para passar no cineclube. Poucos participantes aquele dia e G. não estava entre eles.

[116]

Registro do diário de bordo:

Um documentário – maio, 2019

O documentário “Cássia Eller” (2015) foi um pedido de um dos participantes. Não havíamos levado nenhum documentário ainda e achamos a proposta interessante. O filme narra a trajetória da cantora desde seu começo no teatro até sua morte em 2001, trazendo entrevistas de amigos próximos a ela, da companheira da cantora, do filho, reportagens televisivas, recortes de jornais e arquivos pessoais. É um documentário muito bem sucedido porque, após assisti-lo, é impossível não se apaixonar por Cássia. Acompanhamos sua trajetória conturbada, seu

envolvimento com drogas, o fato de ter engravidado de um amigo casado que morre dias antes de ela ter o bebê, o fato de decidir criar o filho junto com sua companheira com quem viveu por muitos anos em uma relação não-monogâmica... Cássia levantou muitas bandeiras contra diversos tipos de preconceitos. E teve uma vida intensa. E era incontestavelmente talentosa.

Um dos participantes aplaudiu emocionado o fim do filme. Nos sentamos em roda para a conversa. O primeiro a falar foi N., um rapaz que vive constantemente indignado por dizer estar sendo injustiçado e não conseguir falar com o juiz. É um dos poucos com curso superior no HCTP. Escreve com facilidade e dedica-se incansavelmente a reescrever o depoimento que dará quando finalmente for chamado para depor. Ele disse: — *Tem algumas pessoas que aparecem assim na vida da gente, né? Que são especiais. Eu tinha uma amiga que era assim, igualzinha, tanto a aparência quanto a voz. E também dizem que ela morreu de overdose, suicídio... Mas eu sei que foi um homicídio. Mas ninguém quis escutar a história e ficou por isso mesmo...*

Aquele dia B. parecia mais agitado que nos anteriores. Geralmente quietinho, dessa vez tinha os olhos vermelhos e um olhar um pouco mais vidrado. “Provavelmente houve uma mudança na medicação”, pensei. Inesperadamente, ele perguntou: — *É verdade que ela fez pacto com o diabo? Dizem que os artistas fazem, né, pra ficarem famosos.*

Sua pergunta parecia muito sincera. Os demais ficaram em silêncio. Ele aguardava uma resposta. Respondi sem ter muita certeza do que dizer: — *Olha, acho que não é verdade. Ela sempre foi muito talentosa e batalhou muitos anos para ser reconhecida. O filme mostrou todo esse processo, né?*

Ele não pareceu muito convencido e ao final da conversa, soltou outra pergunta desconcertante: — *É verdade que o mundo está acabando?*

Todos os participantes nos fitaram, a Luiz e a mim, novamente, esperando. Respondi que por enquanto todas as previsões de fim do mundo tinham errado e que eu não me preocuparia se aparecesse alguma nova. Foi a coisa mais rápida que me ocorreu. Depois, como sempre, fiquei me perguntando se essa foi a melhor resposta.

P. é bastante humilde, se desculpa várias vezes, sempre dizendo que não tem estudo e que por isso não sabe usar bem as palavras. Conversando sobre a dificuldade de Cássia de lidar com a fama por ser muito tímida, disse: — *Acho que o importante da vida, não é vencer, mas buscar sempre o melhor. Não importa se chegar lá na frente, você conseguir ou não conseguir, mas você tentou. Isso que é o importante.*

Senti que isso ele dizia um pouco para nós e um pouco para si mesmo.

Luiz perguntou, então, sobre o que ele gostaria de documentar de sua vida agora. Para nossa surpresa ele respondeu que falaria de sua rotina. Disse que procura fazer todas as atividades que aparecem porque o remédio já os deixa quase que dormindo e se não tem nada para fazer, eles “*ficam ali dormindo e a vida passa*”.

A. costumava ser o participante mais assíduo das oficinas. Nos tratava com cordialidade e auxiliava no que fosse preciso. Usa um uniforme branco, diferente dos demais que são alaranjados. Isso porque é um dos poucos que foi escolhido para trabalhar na empresa que cuida das refeições lá dentro. Fala muito bem. Costuma dar sua opinião e todos o ouvem. Ano passado parecia mais alegre e falador. Este ano, no entanto, tem andado mais abatido e disperso. Cada vez mais calado. Desta vez, quando Luiz lhe perguntou o que costumava fazer no tempo em que eles têm que ficar na enfermaria, entre o almoço e a hora em que podem sair novamente. E A. disse: — *Eu fico caminhando, não consigo ficar deitado. Fico pensando nas minhas filhas, nas coisas que perdi através das minhas atitudes, da capacidade que eu tenho de afastar as pessoas que eu gosto de perto de mim. Prefiro ficar refletindo em movimento porque deitado me dá uma certa agonia. Aí eu fico assim, andando pra lá e pra cá, pensando...*

— *Eu também* — Disse P — *Nós temos que agradecer. Para nós, vocês são como uma visita. Como um parente... porque vocês vêm conversar, propor uma atividade que abre a nossa cabeça e não nos deixa ficar dando voltas e voltas nos mesmos pensamentos. Se vocês não viessem hoje estaríamos na enfermaria. Por causa da chuva, ficaríamos presos o dia todo na enfermaria.*

“Como um parente”. Senti-me comovida.

[117]

Mensagens em uma gaveta: em uma das primeiras reuniões com Ana Preve, em 2018, ela me contou que há muitos anos fora voluntária em um projeto de escrita de cartas no HCTP. Esse projeto aceitava voluntários para escrever cartas narradas pelos pacientes que não soubessem ou não conseguissem escrever por conta própria – dados os efeitos da medicação, por exemplo. Essas cartas, muitas delas, não seriam entregues a seus destinatários. Cabia aos voluntários apenas emprestar suas mãos na escrita, depois as cartas eram entregues à administração do Hospital e de lá poucas saíam. Isto porque, muitas vezes, as cartas sequer tinham destinação específica, eram endereçadas genericamente “ao juiz” ou “ao promotor do meu caso”. Muitas vezes seus conteúdos eram considerados insistentes ou inadequados.

Cartas não entregues. Tentativas de comunicação com o mundo exterior. Palavras que precisavam sair. Que ansiavam por encontro. Perguntei onde ficavam as cartas não enviadas e Ana disse, que, na época, ficavam em uma gaveta na sala da psicóloga. De repente, essa gaveta pareceu tentadoramente interessante. Uma gaveta cheia de histórias, sentimentos, segredos abafados.

[118]

Mensagem em outra gaveta: meses depois dessa reunião, peguei a câmera do grupo de pesquisa para esvaziá-la e encontrei vídeos datados de vários anos anteriores. Alguns deles feitos no HCTP por antigos oficineiros. Em um deles, um dos pacientes (que já não está lá), pede a câmera emprestada e se retira para um canto do refeitório. Lá, ele vira a câmera para si mesmo e começa a falar com a suposta juíza de seu caso. Inicia desejando um feliz Natal e boas festas para ela e sua família e então diz que há dois anos espera por um tratamento dentário. Que já perdeu alguns dentes e que não consegue informações sobre a situação de seu requerimento. Que não sabe mais com quem falar e que nenhuma informação de fora chega até ele, então vive mergulhado nessa expectativa. Em seguida, ele diz que gostaria de poder finalizar um trabalho que foi interrompido quando foi preso e que era bastante importante por se tratar de informações solicitadas pela NASA sobre a superfície de Marte, e então, passa os próximos vários minutos a descrever complexos cálculos que não tenho a menor possibilidade de conseguir acompanhar. No vídeo, que não centraliza muito bem seu rosto por estar muito próximo, vemos os dentes estragados, a beirada do uniforme laranja e uma ou outra vez o olhar do homem que um dia já foi um renomado físico e que agora luta para conseguir atendimento odontológico dentro do sistema carcerário. Outra mensagem guardada... Dessa vez, em uma mídia virtual, esquecida no armário da faculdade.

[119]

Decidimos que estava na hora de tentar propor atividades para além do cineclube na oficina de cinema. Inspirados pelas conversas sobre as cartas, resolvemos propor uma oficina de “cartas ao mar”. Para inspirar nossa atividade e compor o imaginário do jogo, caçamos na internet reportagens que falassem de cartas encontradas em garrafas. E encontramos muitas! Algumas bastante impressionantes, como a de um rapaz italiano que encontrou uma esposa jogando uma garrafa no mar há várias décadas atrás, ou da mãe que recebeu um recado deixado pela filha já falecida que havia jogado uma garrafa no mar quando criança, ou ainda de várias



peessoas que foram salvas de um naufrágio porque, na falta de outro meio de comunicação, um dos tripulantes teve a ideia de pedir ajuda lançando uma garrafa que foi logo encontrada (9 HISTÓRIAS, s/d). Juntamos esse material escrito, alguns vídeos jornalísticos e um curta-metragem catarinense chamado “Fotossensível” (2014) e nos preparamos para ir ao HCTP.

Começamos exibindo “Fotossensível”, um filme autobiográfico do ano de 2014, dirigido por Kristina Kreuger. Escolhemos este filme por dois motivos: o primeiro por ter sido realizado em Florianópolis e, por isso, aproximar ainda mais o cinema da nossa realidade; o segundo, por se tratar de uma bonita reflexão sobre a câmera como um objeto capaz de “guardar o tempo”. Sobre registrar imagens e sons de momentos passados, memórias. Nosso objetivo era propor uma reflexão sobre o filme como uma espécie de carta que se joga no mar. Algo que você escolhe botar no mundo sem saber até onde vai chegar e nem a quem. Pensar o filme como isso que sobrevive a nós, que pode levar nossa mensagem longe em distância territorial e tempo. Uma espécie de máquina do tempo que pode guardar pedacinhos do mundo para que sejam revisitados.

Propomos então um exercício de imaginação. “Se eu estivesse em uma ilha deserta e fosse colocar uma carta em uma garrafa e jogar em alto mar, o que escreveria?” Os princípios do jogo: pensar o HCTP como ilha, e que, como uma carta jogada no mar, esse recado não deveria ser direcionado para um alguém específico, ninguém saberia quem vai encontrar a mensagem ou quando, poderiam se passar dias ou décadas. O que se escreve em uma carta que você não sabe quem vai receber? A. brincou dizendo que escreveria uma carta procurando uma namorada e que jogaria logo na beira-mar porque sabia que seria logo encontrada no Cacupé<sup>9</sup>. Espertinho. Distribuímos folhas e canetas para que escrevessem. Infelizmente não há mesas na sala de vídeo e, portanto, os que se aventuraram a fazer o exercício tiveram que fazê-lo escrevendo em amontoadinhos de folhas para dar alguma base. Um deles disse não estar se sentindo bem para escrever naquele dia. Disse que estava triste e preferiu ficar quieto, apenas nos assistindo. Os outros puseram-se a escrever.

A. pediu que eu redigisse para ele, pois tem a coordenação motora da mão direita prejudicada por conta de um acidente. Me dispus a escrever. Ele ditou para mim uma carta em que pedia ajuda, no entanto, não sei o quanto suas palavras eram verdadeiras ou se ele embarcou no exercício apenas como um jogo, pois, na carta dizia estar preso injustamente, e, na vida real,

---

<sup>9</sup> A região “beira-mar” da Ilha de Santa Catarina está voltada para o continente, fazendo com que, em vez de perder-se mar adentro, a carta fosse parar em alguma praia próxima, como a da região do Cacupé.

já havia manifestado arrependimento por seus atos em mais de uma ocasião. Também foi após concluirmos a carta, que ele me revelou um pouco de sua vida, da história do porquê estava preso. Foi quando vi um pouco da violência que existe/existiu dentro dele, tão distante desse A. com quem viemos convivendo nos últimos meses, sempre gentil e atencioso. Curiosamente, lembrei de um livro considerado infantil, lido a pouco tempo, Fernão Capelo Gaivota (BACH, 2015). Uma gaivota pergunta a Fernão como ele pode amar aqueles que tentaram matá-lo, ele responde: “Oh, Francisco, não é isso que se ama! É claro que não se ama o ódio e a maldade. É preciso praticar para ver a verdadeira gaivota, o que há de bom em cada uma delas, e para as ajudar a ver isso nelas próprias.” (BACH, 2015, p. 85). Algo parecido com o que Jesus diria, talvez? Talvez por isso eles se apeguem tão fervorosamente à religião.

Hora de ler as cartas. Nos reunimos novamente em roda. Cada um foi por um caminho bastante diferente, D., um homem de em torno de 60 anos que costuma gostar de assistir aos filmes e parece ter vindo de uma situação social um pouco mais abastada que os demais – ele havia me dito em outro momento que tinha o *hobby* da fotografia e que costumava jogar tênis com seu filho duas vezes por semana – iniciou explicando que em sua carta pedia para que alguém auxiliasse o Brasil a passar por essa forte crise política. Disse se sentir indignado porque o Brasil virou uma piada no exterior.

Figura 9 – Carta produzida na oficina por D.

FLORIANO POLIS 9/06/2019

- CARTA AO MAR  
 - SEI LA' QUEM ACHAREI  
 - QUISER RESPONDER, AQUI É  
 [REDACTED] HOSPITALÁRIO POR  
 POUCOS DIAS,  
 NOSSO PAÍS É UMA MÉRDA  
 A POLÍTICA, TOTALMENTE DESCRÉDITA  
 EU VÊJO O BRASIL COM UM FUTURO  
 CADA VEZ MAIS SEMBRADO.  
 SE RECEBER RESPONDA-NO DADO  
 IDÉIA PARA UMA SAÍDA PACÍFICA  
 PARA O BRASIL  
 [REDACTED]

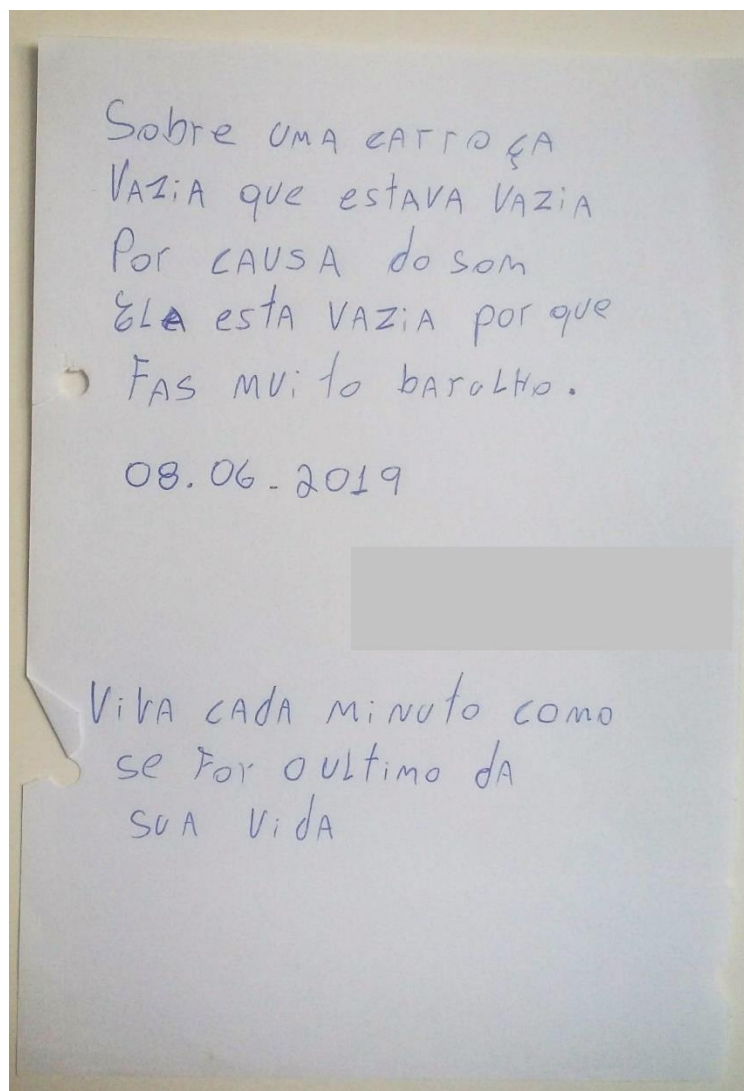
HOSPITAL DE APOIO A TRATAMENTO  
 PSIQUIÁTRICO - FLORIANO POLIS (SE)

Fonte: Acervo da autora.

T. acrescentou: — *O problema do Brasil é que não sabem valorizar as riquezas que nós temos. Tudo que tem de bom no país eles venderam para outros países. Daí o governo ganha a parte dele e o resto que se dane. Daí querem mexer numa classe que é o aposentado que ganha um salário-mínimo. Por que não tira daquele que ganha 40, 50 mil por mês? Aí não tem como ter igualdade social, né?*

Em seguida, P. decidiu ler sua carta, desculpando-se já de princípio por ser muito simples porque ele “não tem estudo”. Diz que quis escrever uma mensagem de apoio para quem encontrasse a carta.

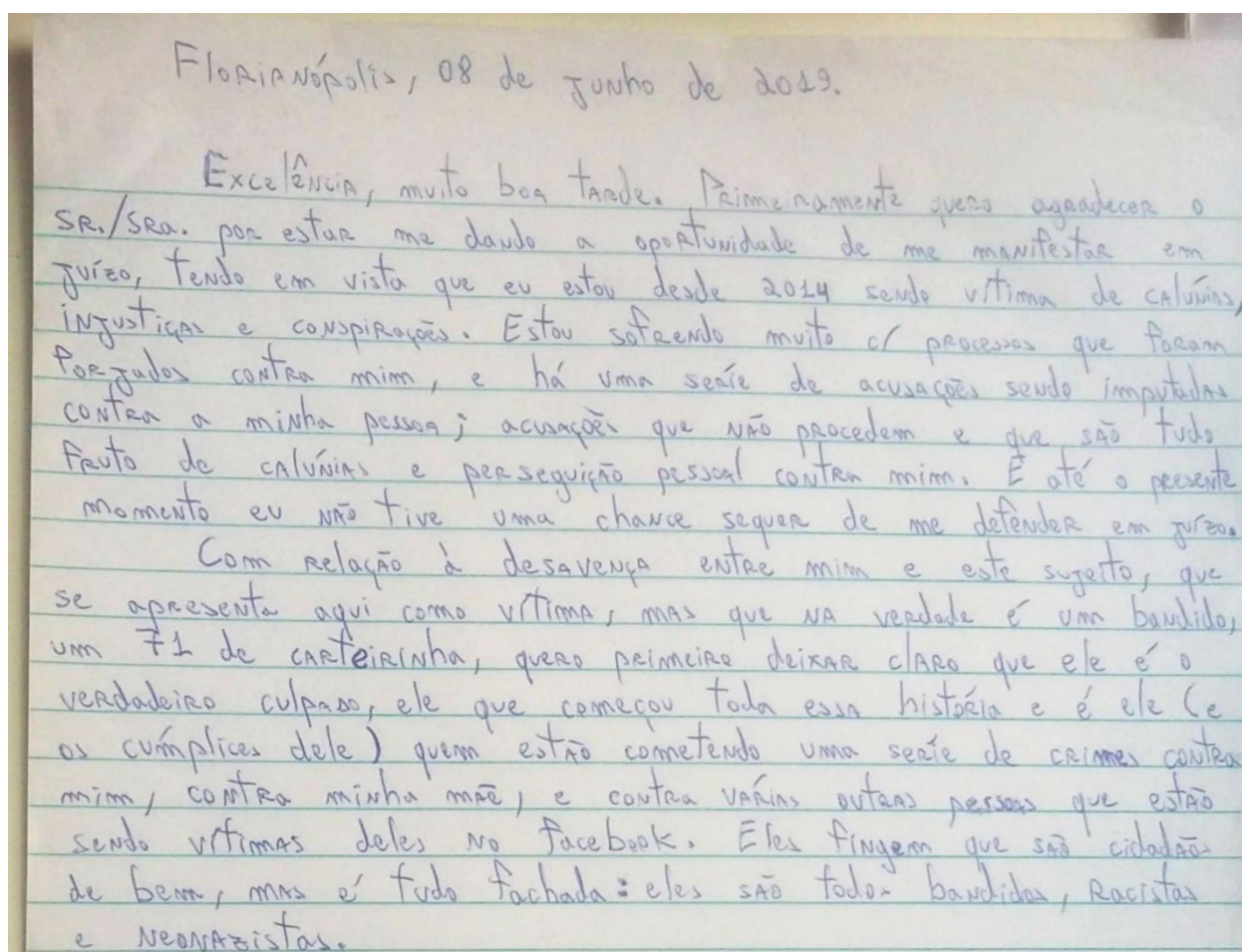
Figura 10 – Carta produzida na oficina por P.



Fonte: Acervo da autora.

B. diz que escreveu um relato de sua situação. Que, como não encontra quem o queira ouvir, se pudesse jogar uma carta no mar, contaria sua história na esperança de que alguém a encontrasse e encaminhasse para a juíza.

Figura 11 – Carta produzida na oficina por B.



Florianópolis, 08 de junho de 2019.

Excelência, muito boa tarde. Primeiramente quero agradecer o SR./SRA. por estar me dando a oportunidade de me manifestar em juízo, tendo em vista que eu estou desde 2014 sendo vítima de calúnias, injustiças e conspirações. Estou sofrendo muito c/ processos que foram porjuídos contra mim, e há uma série de acusações sendo imputadas contra a minha pessoa; acusações que não procedem e que são tudo fruto de calúnias e perseguição pessoal contra mim. E até o presente momento eu não tive uma chance sequer de me defender em juízo.

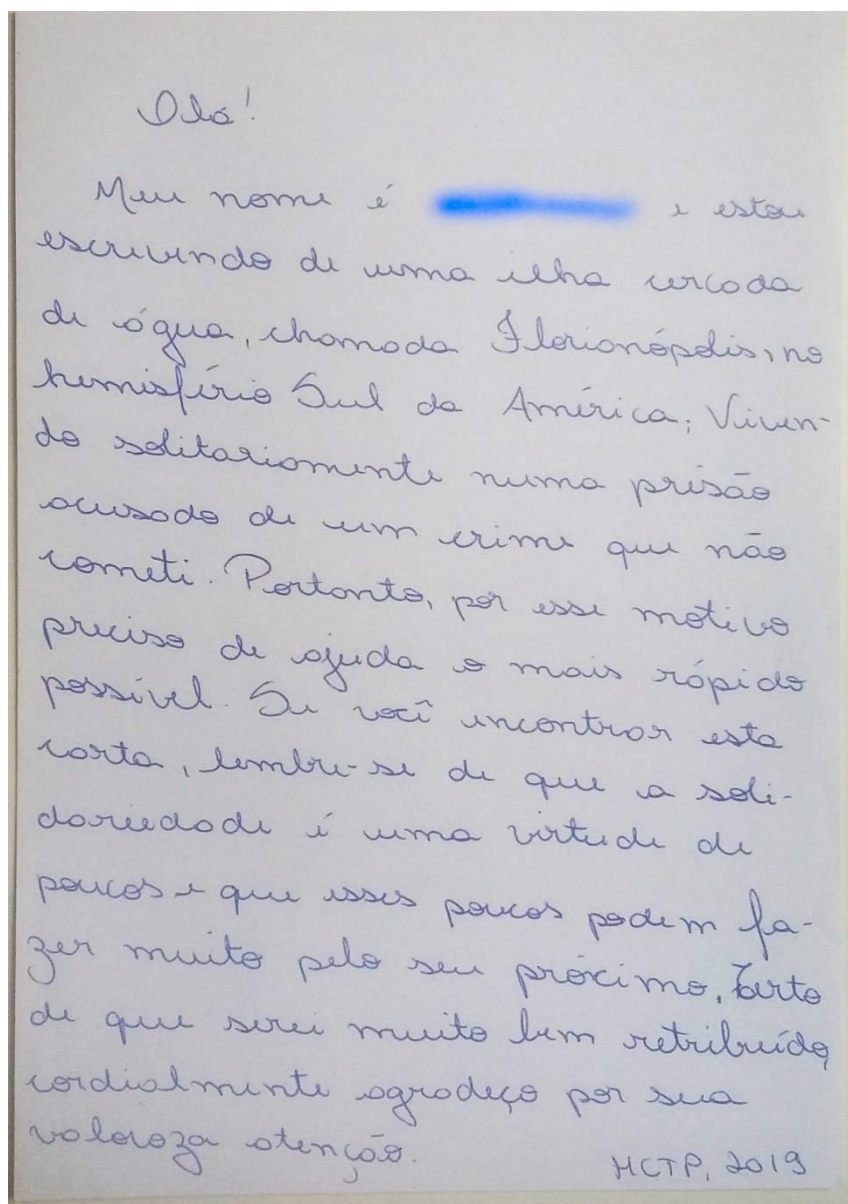
Com relação à desavença entre mim e este sujeito, que se apresenta aqui como vítima, mas que na verdade é um bandido, um F1 de carteirinha, quero primeiro deixar claro que ele é o verdadeiro culpado, ele que começou toda essa história e é ele (e os cúmplices dele) quem estão cometendo uma série de crimes contra mim, contra minha mãe, e contra várias outras pessoas que estão sendo vítimas deles no Facebook. Eles fingem que são cidadãos de bem, mas é tudo fachada: eles são todos bandidos, racistas e neonazistas.

Fonte: Acervo da autora.



Em seguida foi vez de A.

Figura 12 – Carta produzida na oficina por A.



Ola!

Meu nome é [redacted] e estou  
 escrevendo de uma ilha cercada  
 de água, chamada Ilha Uruçu, no  
 hemisfério Sul da América; Vivendo  
 solitariamente numa prisão  
 acusado de um crime que não  
 cometi. Portanto, por esse motivo  
 preciso de ajuda o mais rápido  
 possível. Se você encontrar esta  
 carta, lembre-se de que a soli-  
 dade é uma virtude de  
 poucos e que esses poucos podem fa-  
 zer muito pelo seu próximo. Certo  
 de que serei muito bem retribuído  
 cordialmente agradeço por sua  
 valerosa atenção.

HCTP, 2013

Fonte: Acervo da autora.

A. refletindo sobre sua carta, disse: — Às vezes a gente aqui na prisão está livre e a pessoa lá fora está presa, porque estar preso é também um estado mental. Ou às vezes a pessoa lá fora está tão corrida que nem consegue viver. A gente tem nossas dificuldades, principalmente no âmbito emocional e psicológico e isso cria muitas barreiras pra que a gente possa ter um espírito mais saudável, digamos assim. Porque uma vida “saudável” a gente até tem, porque nós não usamos drogas aqui dentro, não bebemos, não dormimos tarde. Então, eu

*tive essa inspiração e escrevi essa carta pra que as pessoas possam se ajudar lá fora, como a gente se ajuda aqui dentro. Quando eu falo da solidariedade eu falo de uma maneira geral, porque eu vejo muita solidariedade aqui em nosso redor. Porque, por exemplo, quando os oficineiros vêm ou o pessoal do grupo espírita, os evangélicos, são pessoas solidárias que vêm passar um pouco do conhecimento que adquiriram pra nós também, e isso é de grande valia porque faz com que a gente cresça também emocionalmente, culturalmente e psicologicamente. E essas formas de solidariedade que deveriam existir lá fora, e que a gente vê muito pouco... Existe solidariedade, mas... Há criminalidade, discriminação, preconceito, homofobia, e vários outros tipos de situações que existem lá fora, que as pessoas poderiam prestar mais atenção. Ajudar. E não fazem. Esperam pelo governo, esperam que caia do céu algum líder que vá revolucionar tudo isso e não é assim. Temos que partir de nós mesmos, ao nosso redor e fazer com que as coisas aconteçam de forma mais sincera, mais solidária e mais criativa.*

Nossa intenção era experimentar escrever cartas, pensar no que se quer dizer para o mundo de fora. Nas palavras que pedem passagem, o que encontramos foram quatro intenções bastante distintas, preocupação não apenas por si mesmos, mas também pelo país e pela justiça social. Mensagens de força para os que estão fora. Palavras muito mais lucidas do que as que temos ouvido constantemente nos noticiários, não?

[120]

Fazia alguns meses que A. não aparecia mais nas oficinas. Foi de repente. Um dia não apareceu. Passou pela frente da sala, nos cumprimentou e continuou seu caminho. Pálido. As mãos mais trêmulas que o normal. Aquilo me deixou encucada.

Tempos depois, no intervalo do cineclube, enquanto os pacientes tomavam café, fiquei sabendo que estava acontecendo o vestibular no HCTP, lá nas salas de aula, e que A. estava participando dele. O agente convidou-me para ver. Fui com ele e vi que haviam em torno de 10 pessoas concentradas fazendo uma prova, em fileiras, como na escola. Dentre eles alguns conhecidos do cineclube me abanaram, sorrindo. Sorri de volta, fazendo um gesto para dar-lhes força. Após a prova encontrei A., sentado em volta do canteiro. Perguntei como foi a prova e ele me respondeu que foi difícil porque não havia conseguido estudar, não havia um curso pré-vestibular no HCTP. Não estava muito otimista. Disse-lhe para manter as esperanças, pois “*prova assim é sempre uma surpresa*”. Ele agradeceu e disse que quem sabe daqui há uns tempos nos esbararíamos pelos corredores da UFSC. A ideia me soou muito bem.

Pelos efeitos nele era possível ver que haviam aumentado sua dosagem de medicamentos ou trocado de remédios. Estava mais inchado, sua articulação da fala estava mais difícil, o olhar mais lento.

Com jeito lhe perguntei por que havia parado de ir as oficinas. Disse-lhe que estava divertido, que estávamos fazendo outras atividades além dos filmes e que sentíamos sua falta. Ele pareceu encabulado. Aos poucos foi me contando, em tom de confissão, que havia se apaixonado por uma das oficineiras que trabalhara conosco uns tempos atrás. Que quando ela parou de vir ele não conseguiu mais ir a nenhuma oficina, porque lembrava dela e se sentia deprimido. Ele disse que estava tentando levar bem as coisas, reagir, enquanto consertava um coração partido. Disse que de qualquer forma não saberia como conciliar isso com a vida familiar que tinha fora do HCTP, quando saísse. Foi, para ele, uma coisa muito forte e inesperada isso de se apaixonar.

[121]

A professora me mostrava orgulhosa os artesanatos que fazia com os pacientes. Pequenas caixas com enfeites de Natal que cada um entregaria para suas famílias. Contou-me que passou três anos tentando ensinar um dos pacientes a ler e escrever. Ele tinha muita dificuldade, mas não desistia. Queria ao menos saber escrever seu nome. Em seguida, contou-me, emocionada, que após sair do HCTP o paciente visitara um museu e mandara para ela a foto da primeira vez que tinha escrito seu nome num livro de visitas.

[122]

— *E hoje, como é que vocês estão?* — Pergunto.

— *Estamos um pouco tristes. Um colega nosso se matou. Essa semana, faz uns três dias.*

— *Se matou, é?*

— *É. Se enforcou.*

— *Ele estava num leito individual?*

— *Estava. E vô te contar uma coisa. Antes do cara se matar me veio um bagulho ruim. Depois do almoço. Eu fui lá em cima, pedi pras enfermeiras, cheguei até a chorar, disse, “Ó, eu ‘tô a fim de acabar com a minha vida. Não ‘tá dando nada certo e tal”. Daí ela queria me dar uma injeção pra dormir. Eu disse “não, se fosse para eu me matar, eu não ia vir aqui, eu*



*ia lá me matar”. Depois essa sensação deu nele e no J. também. Naquele dia de noite fomos saber que o cara se matou.*

*— E vocês conviviam com ele?*

*— Sim, um pouco, ele vinha fazer a barba aqui embaixo. A gente trocava ideia. Ele tinha três riscos aqui no pulso, de tentar se matar na cadeia.*

*— Que dureza, né?*

*— Esse lugar aqui é pesado. Muito pesado. E mesmo assim a gente também não é forte todos os dias. Tem dia que a gente está fraco.*

*— E como aguenta quando não está forte? O que vocês fazem?*

*— Daí a gente tenta falar com alguém, lê a bíblia, lê um livro... Pra tentar sair desse lugar um pouco, né? Porque se o cara vir ver a realidade, o que é isso daqui... O cara, se não é louco, fica louco.*

[123]

*— Eu passei no vestibular enquanto estava aqui. Pra química, na UFSC. Foi bem difícil de organizar tudo pra eu poder ir fazer as aulas. Muita gente me ajudou aqui dentro. Daí fui. Ia direto pra lá, pra aula, e depois voltava pra cá. Horário bem controladinho. Um dia, foi um deslize, o cara me ofereceu maconha no intervalo e eu aceitei. Dei só uma bolinha. Quando cheguei ali na frente o primeiro guarda já sentiu o cheiro. E avisou dentro do Hospital. Daí não pude mais ir, né? Por que eu fui fazer isso? Me bateu um desespero. De noite tentei me enforcar com o cinto. Quase consegui, mas passou um colega, me viu e chamou o agente. Conseguiram me soltar antes de eu morrer.*

[124]

*— Foi Deus que me salvou. Eu queria me matar. Consegui acender o fogo com um papel na lâmpada. Daí taquei no colchão e deitei em cima. O fogo espalhou, mas subiu só um tanto assim e apagou de repente. Foi Deus dizendo pra eu ficar aqui.*

[125]

*— Diz que ele chegou na frente do juiz, tirou o olho de vidro e colocou em cima da mesa. “Pronto, é louco”. Foi o que ele me disse, né?*

*— Acho que não conheço ele. — Digo.*

— *Ah, é que ele não está mais aqui embaixo. Está lá em cima. Tentou se matar. Aqui se uma pessoa quer mesmo se matar, não tem o que fazer.*

Quando entrei no HCTP aquele dia, havia, de fato, um homem jovem de olhos claros na “sala dos suicidas”, como é chamada. Uma sala que fica perto da entrada, onde é possível observar a pessoa em tempo integral para impedir que faça algo contra si mesma. Infelizmente, quem está de visita também consegue olhar lá para dentro. Mas, dessa vez, era ele quem olhava para fora por entre as grades. Cabeça encostada no metal. Ficou me olhando bem dentro dos olhos, sem falar nada. Não sei se realmente me via ou se estava perdido em pensamentos.

[126]

“Você não tem medo?”

“São todos homens? Você fica sozinha com eles?”

“Você sabe o que eles fizeram? São loucos que mataram?”

“Como eles são? Não é perigoso?”

Perguntas constantes das pessoas para quem falava sobre as oficinas no HCTP. Respondia que não tinha medo, não. Que me sentia bem estando ali. Que os pacientes foram sempre gentis comigo e que, apesar de saber que acontecia, nunca presenciei nenhum conflito. Não tinha medo, o que não quer dizer que não tomava cuidado. Que não medisse as palavras e observasse as reações, assim como faço com pessoas que não conheço direito em diversas outras situações. *“Antes de estarem ali, eles estavam aqui fora como nós e, nem eles, nem ninguém sabiam do futuro, que eles cometeriam um crime ou coisa assim. Alguns nem tinham apresentado ainda nenhum transtorno mental. Não sei qual de nós pode ser o próximo a estar lá dentro. Ninguém sabe. Mas lá, tenho a antecedência de já saber onde estou pisando. Lá existem psicólogas e assistentes sociais e várias pessoas que poderiam ajudar num conflito”*, disse ao motorista de Uber que me levava à penitenciária.

[127]

Às vezes o HCTP me faz pensar em Avalon, a lendária ilha dos contos do rei Arthur. Um exílio do mundo habitado. Do mundo “livre”. Uma ilha invisível, quase no centro da Capital. Avalon se afasta do “mundo dos Homens” não por uma distância imensurável, mas sim por brumas intransponíveis. Só a encontra quem a procura. Com muros altos, portões eletrônicos e guardas armados, muitas pessoas que passam pela rua Delminda da Silveira, na

altura do número 300, sequer sabem que há um hospital psiquiátrico lá. Muito menos do que se passa lá dentro. Menos de quem está lá. E menos ainda do que se passa dentro de quem está lá, atrás de “brumas” de cimento e tijolos.

[128]

— *É um filme engraçado hoje?* — Pergunta-nos um dos pacientes.

— *É.* — Responde Luiz e, aproveitando, pergunta — *Você lembra que há uns anos fazíamos oficinas no refeitório? Você estava sempre junto com um rapaz...*

— *Ah, ele está por aí ainda. Mas é mais na dele, não se mistura muito. Mas é meu amigo, meu melhor amigo aí.*

— *Ele não se mistura muito por quê?*

— *Ele é mais afastado. Eu sou mais da galera, do baralho, de ficar em grupo, né? Ele é mais separado, isolado. Ele faz a oração dele ali... Mas ele é a mesma pessoa, não mudou nada. Quer que eu chame ele lá?*

[129]

Registro do diário de bordo:

Um filme sobre fazer filmes – maio, 2019

É final de maio. O sol se põe belamente durante a exibição do filme, o que nos causa alguns transtornos com os raios que entram pela janela sem cortinas e invadem a projeção. Mas não é o suficiente para desviar a atenção dos participantes e ainda deixa uma contraluz bonita e alaranjada sobre os espectadores. “Queria ter minha câmera aqui”, penso.

O filme que escolhemos para exibir dessa vez foi “Saneamento Básico”. Uma comédia brasileira, de 2007, dirigida por Jorge Furtado e que se passa numa pequena cidade do Rio Grande do Sul. Um filme sobre fazer um filme.

Nos divertimos muito assistindo. Alguns dos participantes ficaram imitando o som do “monstro do fosso”, enquanto ajeitávamos a roda de conversa. O tema do filme naturalmente levou-nos a falar sobre os aspectos técnicos necessários para fazer uma obra cinematográfica: roteiro, figurino, atores, diretor, câmera, “fita”, montador e até aspectos de enquadramento foram mencionados pelos participantes – “*quando a câmera mostra o ponto de vista do monstro*” –, sempre evocando a narrativa e os desafios encontrados pelos personagens.

Z. contou que quando era criança assistiu um filme que lhe inspirou muito. Foi correndo pegar papel, lápis e borracha, decidido a escrever o roteiro de um filme romântico. Mas achou muito trabalhoso, logo desistiu da ideia e resolveu resumir o roteiro em um bilhete de amor.

A conversa prosseguiu como costumam prosseguir as conversas depois dos filmes no HCTP: nunca se atendo por muito tempo a um único tema e fazendo-se as conexões mais diversas entre as falas. As mudanças são muito rápidas, poucas frases sobre determinado tema e logo alguém troca de assunto, diferentemente do modo acadêmico de conversar sobre cinema, onde as pessoas podem ficar horas falando sobre um único aspecto do filme e as falas se encadeiam entre si. Característica peculiar e das mais interessantes de se ter estas conversas em um manicômio judiciário. As falas são mais espalhadas, em *flashes*, em pedaços, marca de como os pacientes conversam sobre as coisas. Falamos sobre os personagens do filme, e porque um deles, um menino, levaria um isqueiro consigo se não era para usar drogas. Logo isso nos levou a falar sobre as indústrias de cigarro patrocinarem ou não os filmes. E então sobre a quantidade de veneno nos cigarros de caixinha e quanto o fumo de corda é ou não mais natural... E então migramos para as plantações de fumo... Para o cheiro das indústrias que transformam fumo em cigarro...E indo... Indo...

[130]

Assistir a filmes é uma forma de se transportar a lugares diversos. De viajar a cidades distantes, reais ou imaginárias. Durante o tempo do filme, corpo e mente ocupam lugares diferentes. O corpo, sentado, reage sutilmente às viagens da mente. Lugares efêmeros. Fugazes. Provisórios. De onde retornamos ao subir os créditos do filme. Ou não. Lugares que às vezes permanecem dentro da gente, como uma memória. É vida o tempo que se passa sendo outras pessoas, vivendo as aventuras de um personagem? Assistir a um filme tem um algo de se perder dentro da gente mesmo. De se identificar na história do outro. No amor do outro. No drama do outro. Algo de sonho. Algo de filosofia. De se permitir navegar numa viagem proposta por outra pessoa. Tem um algo de brincadeira também, de aventura. Tem um algo que movimenta a gente, muda a gente. Esse espaço da sala de cinema, acaba funcionando como uma espécie de estação de trem, onde quem define o ponto de partida, somos nós, os oficinairos.

[131]

Sempre, na hora do intervalo para o café, alguns participantes saíam sem jeito, depois de perguntar se não queríamos *mesmo* comer nada. Dizíamos que não, que recém tínhamos

almoçado. Que não precisavam se preocupar. E lá iam eles, parecendo chateados por não serem bons anfitriões. Um dia P. apareceu, após o café, com uma caixa de bombons. Disse que tinha ganho duas, que queria nos dar uma. Dissemos que não precisava mesmo, sabíamos o quanto esses pequenos prazeres eram valiosos para eles. Ele disse que então era para distribuímos durante a oficina. A caixa de bombons rodou a sala. Todos pareciam genuinamente agradecidos pela gentileza.

[132]

Sarau. Lá estávamos nós reunidos novamente em torno do canteiro. Hora do café. Alguns pacientes nos ofereceram café, um deles diz baixinho: “*se vocês quiserem, posso trazer café*”. Agradecemos novamente, dizendo que não era preciso. Não nos acreditaram. Enquanto todos estavam fora, A. voltou com um saco contendo alguns pedaços de bolo. Disse que por trabalhar na cozinha tinha ficado com alguns pedaços que sobraram. Pegamos um cada um, agradecidos. Em seguida P. apareceu trazendo num guardanapo um sanduíche e uma panqueca de banana. Disse que não estava com fome aquele dia. Outro paciente apareceu com uma xícara de café e em seguida mais um. Todos surrupiando alguma coisa, preocupados em dividir conosco. Não consegui comer tudo que trouxeram, mas me emocionei realmente com o gesto afetuoso.

[133]

Chegamos ao HCTP para mais um dia de cineclube. A chave da porta da Sala Multiuso estava quebrada. Não teria como utilizá-la. Por sorte, Danilo havia levado vários livros para propor um jogo ao final do filme. Dissemos que poderíamos fazer a oficina em outro lugar e os agentes nos ofereceram a sala de visitas, não muito animados para chamar os pacientes. Num convite rápido, 4 se juntaram a nós. Era isso. Seríamos 6 naquele dia, numa recém enjambrada oficina de literatura.

Conversamos bastante sobre os livros que gostávamos ou que estávamos lendo e, em seguida, Danilo propôs o primeiro jogo para aquecer nossos cérebros: deveríamos ler as primeiras frases de um livro e em seguida imaginar como continuaria a história. Alguns livros mais tarde, muita risada e a criatividade pulsando no ar, estávamos prontos para o primeiro jogo de escrita. Distribuí papeis e canetas. O jogo era: um de nós daria uma frase para iniciar um texto e em seguida todos escreveriam um pequeno parágrafo iniciado por aquela frase. A primeira frase joguei, eu: “*hoje nevou no HCTP*”, valendo! Todos pensativos, silenciosos,

escrevendo por alguns minutos. Por fim, hora da leitura, um por um compartilhou seu texto com os demais. Transcrevo aqui o texto dos pacientes:

H.: “Hoje nevo no HCTP[,] foi frio de racha o coco[,] mais tudo bem porque não faltou cuberta pra ninguém e dai nois fiquemo tirando um ronco ate terminar o dia. foi frio no pátio mais nois estamos de boa então foi de boa”

Q.: “Hoje nevou no HCTP Com muita gente passando frio[,] faltava coberta pra muita gente e eu ali com meu casaco de pele. E foi ai que tive uma ideia de dividir com todo mundo[.] Entao ninguém passo mas frio”

C.: “Hoje nevou no HCTP, mas não foi literalmente neve. Foi uma estranha ordem de acontecimentos [ilegível], digamos, fantasmagóricos. De dar inveja em qualquer filme de terror. Uma coruja deixava o ambiente sonoro muito mais sombrio. [ilegível] dos ruídos. Quando olhei para o relógio já era 23:59 de uma sexta-feira 13.”

J.: “Hoje tá nevando no HCTP. Estamos todos sem casacos, e aqui está muito frio. Rouparia, os casacos não deram que chega, então ficam todos em suas enfermarias”

Ficamos empolgados com essa primeira colheita. Todos estavam dispostos a jogar e a compartilhar seus pequenos textos. Era clara a maior habilidade de escrita que C. tinha em relação aos demais. Sempre que o encontrávamos pelo HCTP estava carregando um livro de ficção. Algumas características da escrita ficcional que já eram possíveis ver despontar nos outros participantes, C. já dominava com maior facilidade: a imagética dos lugares, a criação de situações e personagens. Conversamos rapidamente sobre como cada um referiu-se ao frio imaginando cenários e soluções diferentes. Um deles tranquilo por poder dormir o dia todo, o segundo preocupado, pois não havia casaco para todos na rouparia, e o terceiro disposto a abrigar todos embaixo de seu imenso casaco de peles. Em seguida foi a vez de J. dar uma sugestão para começarmos o próximo texto: “*Seu sonho*”.

J.: “Meu sonho é adotar 5 crianças, casar, proceçar todos que colocaram-me aqui, escrever meu livro e iniciar meu projeto social ‘uma mistura de esporte com Deus’”

Q.: “Seu sonho era muito estranho[.] eu passava perto de sua cabeça e via ele acontece[.] era um filme de comedia rolando na sua cabeça”

C.: “Seu sonho, desde ainda moleque, era aventurar-se por mundos desconhecidos. Arthur ficava horas no porto olhando o horizonte e via navios e marinheiros chegando e partindo. Ficava a imaginar o que teria do outro lado da imensidão do oceano. Seriam verdadeiras todas as histórias que lhe contava Tião, um velho lobo do mar?”

H.: “Se eu sonho eu espero em acordar e ver o dia nacer[.] espero com fé que o sonho vão se realizar e que o sonho possa ser um aviso divino de Deus. Quando tem sonho bom e um aviso quando é um pesadelo ainda tenho fé que vou acordar e viver realizando coisas boas.”

Desta vez Danilo chamou a atenção para as formas distintas de narração que cada um escolheu. Alguns em terceira pessoa, num universo claramente ficcional, outros em primeira pessoa e de forma autobiográfica. J. preocupou-se: “*estou fazendo errado?*”. Danilo reforçou que não havia certo e errado ali, que a ideia era dar vazão a criatividade e que o fato de escrevermos diferentes uns dos outros era muito bem-vindo. O próximo a sugerir foi H.: “*Viver é aprender*”.

J.: “Viver e aprender e sonhar, amar, nascer, progredir, morrer, aprender: e nunca mais cometer os erros. É vida[.] É conhecer as coisas.”

Q.: “Viver é aprender[.] Vivo na minha escola aprendendo a jogar bola[.] vivi e aprendi e hoje sou um jogador de futebol profissional passei aprender agora vivo sem mistério”

C.: “Viver é aprender. É o que sempre dizia seu Zé. Quando [ilegível] voltava de um dia de aula. Seu Zé era analfabeto, mas [ilegível] e toda aquela comunidade o admiravam por sua sabedoria e [ilegível]. Por isso ele gostava de dar conselhos. O melhor deles é ‘que nunca vamos saber o suficiente. Então vamos seguir’.”

H.: “Viver e aprender com a vida. todos aprendem com o passado[.] nós nunca temo tudo de um dia para o outro[.] sempre estamos preparados para uma nova lição e quando er[r]amos nós aprendemos a[l]go com isso[.] aprendemos a respeitar o próximo mesmo que ele

pe[n]se diferente de nois[.] a pessoa quando é sabia ela nunca julga o procimo[,] pelo contrario ela aprende a dar um tempo para a outra pessoa pensar.”

Reparamos que desta vez os textos que não foram para a ficção, foram mais “*filosóficos*”. Disseram sentir-se inspirados. Aprender a “*não errar*” parece ser um discurso recorrente no HCTP.

Por fim, um último jogo: distribuímos aleatoriamente papéis com números para determinar a ordem de escrita. Cada um deveria escrever uma pequena parte da história iniciada com a frase de Q.: “*Catarina é linda*”. Dessa forma esperaríamos o primeiro escrever, para que o segundo pudesse continuar e assim sucessivamente. Nossa pequena história coletiva ficou assim:

Danilo: “Catarina é linda. Nasceu no dia 10, o mês eu não lembro. Hoje quando eu a vi, ela me”

J.: “fez algo muito estranho. Catarina é bela como fez sonhar os seus sonhos. Amando e sonhando.”

H.: “Pois ela me encantou, me seduziu e depois foi embora e eu não sei dizer para onde foi Catarina. Deixou meu coração partido. Se pelo menos eu soubesse onde ela está.”

Helena: “Ai, Catarina! Queria voltar no tempo e consertar nossa história, mas já que não dá, vou é comprar um barco e navegar, navegar... atrás de”

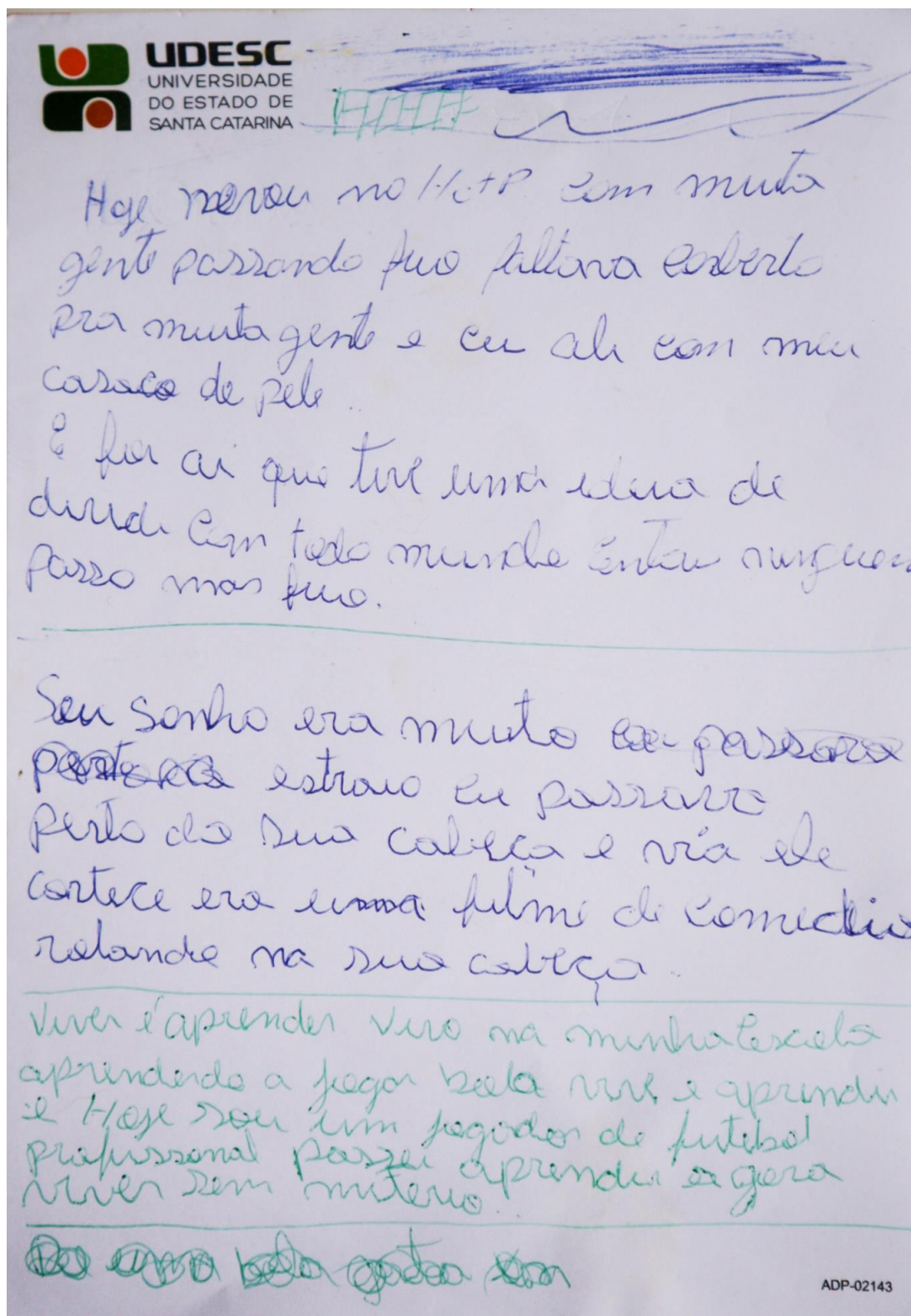
Q.: “uma moça muito si[m]patica[,] graciosa[,] doce de mel[,] linda de morrer”

C.: “E foi nesse momento que abri meus olhos e ao meu lado estava você, minha doce e linda Catarina, que me faz sonhar acordado.”

J. aplaudiu o fim da nossa história. H. disse que daria uma boa novela. Decidimos que na nossa novela a última cena seria os olhos se abrindo, nunca veríamos de fato Catarina, dessa forma Catarina poderia ser como quem está assistindo quisesse.



Figura 13 – Folha com exercícios de Q.



Fonte: Arquivo da autora.

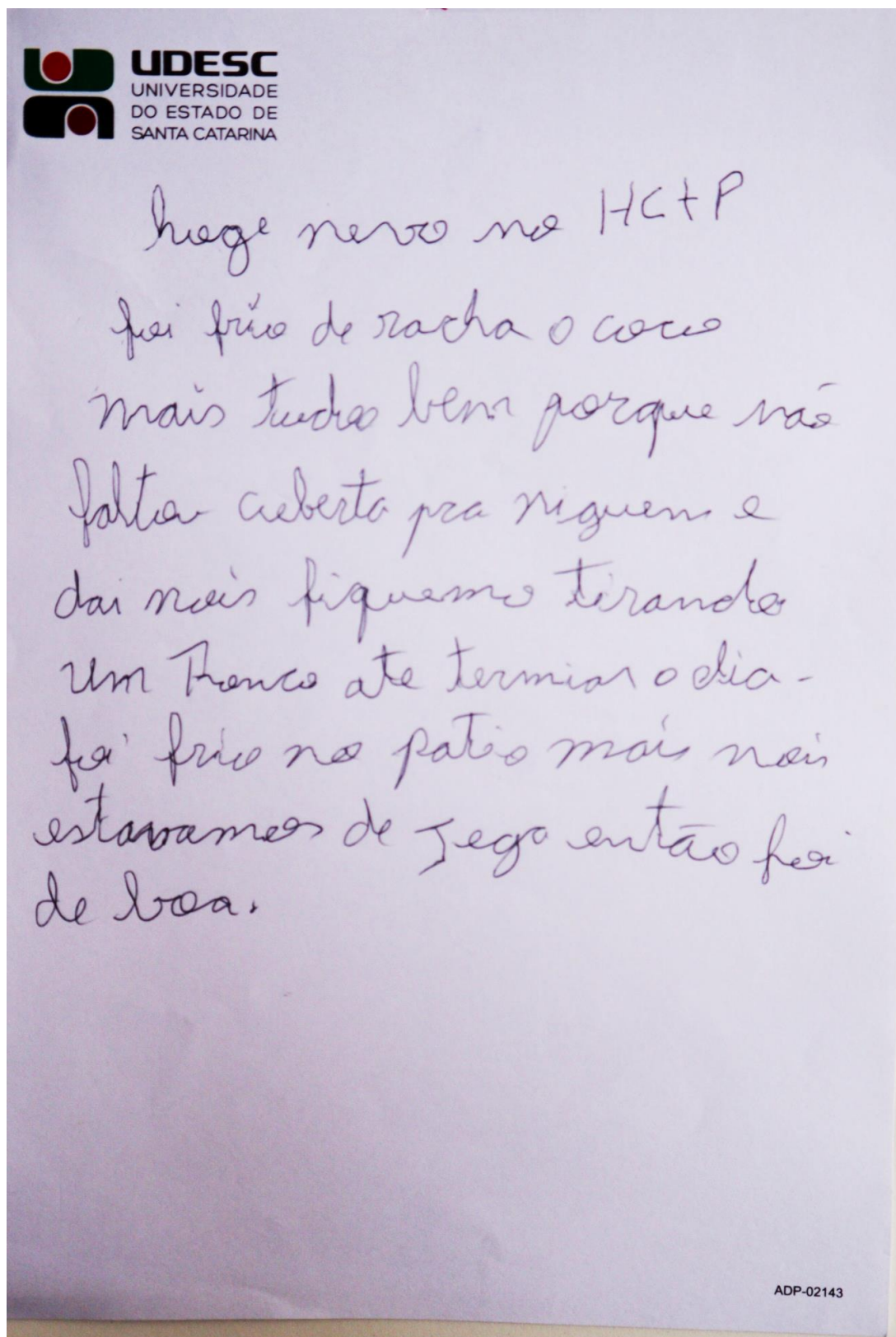
Figura 14 – Folha com exercícios de H.

Viver é aprender

Viver é aprender com a vida.  
Todos aprendem com o passado  
dia nos nunca temos tudo de  
um dia para o outro sempre  
estamos preparados para uma  
nova lição e quando eramos  
nos aprendemos algo com ira  
aprendemos a Respeitar o próximo  
mesmo que ele seja diferente de  
nós a pessoa quando é rabia  
do mundo julga o próximo  
pelo contrario ela aprende a  
dar um tempo para a outra  
pessoa pensar.

Fonte: Arquivo da autora.

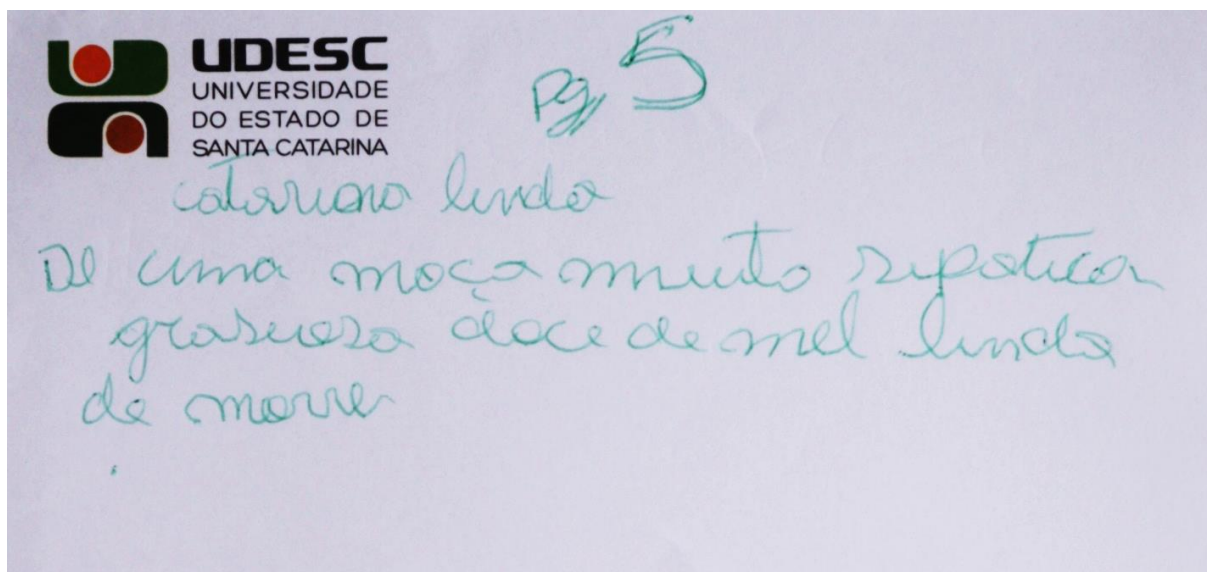
Figura 15 – Folha com exercícios de H.



Fonte: Arquivo da autora.



Figura 16 – Folha com exercícios de Q.



Fonte: Arquivo da autora.

[134]

— Não parece, mas o que vocês trazem é repouso para nós.

— É? — Pergunta Danilo, em resposta.

— Senão a gente fica muito parado lá, sem fazer nada. É e não é agonizante. É triste. Às vezes é cansativo. É tudo muito rigoroso, com regras, né? Eles não são tão ruins assim, o sistema que é.

[135]

Dia de Sarau. Nublado, quase chuvoso, mas ainda conseguimos ficar em volta do canteiro. Um rapaz que eu ainda não tinha visto participar das atividades sentou quieto entre outros dois, num dos bancos de cimento. Acompanhava tudo com o olhar, silencioso. Rosto grave. Magro. Olhos fundos, azuis. Entre uma música e outra, passamos alguns livros e perguntamos se alguém queria declamar um poema. O rapaz pediu licença para partilhar algumas palavras. Abriu a bíblia que trazia entre as mãos.

— Responde-me, ó Senhor, responde-me, para que este povo saiba que tu, ó Senhor, és Deus, e que fazes o coração deles voltar para ti<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Trata-se de uma passagem do livro “1 Reis” (18:37).

Continuou lendo alguns versículos, mansamente. Baixo até, enquanto torcia a bíblia velha que tinha entre as mãos. E então sua voz e expressão foram se carregando de energia e emoção. Os gestos foram crescendo também. Alguns “améns” se ouviam de tempos em tempos. As mãos se movimentavam no ar, as palavras passaram a ser as de uma pregação. Ficou de pé. Os olhos não encaravam ninguém específico, pareciam ver para além das paredes do hospital. As 12 pessoas sentadas em volta do canteiro olhavam atentas para o homem. Ninguém ousava interromper. Entre os pacientes parecia pairar uma aura de profundo respeito.

— *Quando meus inimigos tentaram me matar na prisão* — Disse o jovem profeta erguendo a camisa e mostrando diversas cicatrizes de facadas — *Deus veio até mim e disse: “não se preocupe, eles não podem te fazer mal. Eu tenho uma grande missão pra você. O seu destino é como o de Elias. Você vai levar a minha palavra para milhares de pessoas. Você vai falar para multidões”. E ninguém mais esperava que eu pudesse estar vivo, mas eu acordei! Eu sobrevivi! Graças ao único e poderoso Deus! Vejam a cicatriz no meu pescoço”.*

Mais alguns “améns” inspirados.

— *Deus me manda mensagens em sonhos e eu repasso às pessoas. Eu sei que foi por isso que sobrevivi. Porque tenho uma grande tarefa. Assim como o profeta do fogo, eu também recebi a graça de Deus de poder ressuscitar um irmão!* — Disse ele, apontando para L.

— *É verdade. Eu morri. Meu coração parou.* — Confirmou L., emocionado, colocando a mão sobre o peito.

O profeta continuou com palavras rápidas e firmes: — *Eu botei a mão sobre o peito dele e o seu coração não batia. Então eu ouvi a palavra de Deus soprar e dizer: “seja meu instrumento”. Minha mão esquentou e o coração dele voltou a bater. Muito fraco e logo forte. Foi tudo muito rápido.*

— *Amém* — Emendou L.

— *Eu estava lá, eu vi. É tudo verdade!* — Afirmou outro.

— *Amém!* — Repetiu mais um.

Um silêncio palpável desceu sobre o círculo de pessoas. Posicionando-se exatamente no centro do círculo, o profeta anunciou:

— *E eu tive uma nova visão de um futuro próximo! Faz poucos dias eu acordei no meio da noite e vi Jesus. Ele me mostrou que uma grande desgraça está para acontecer na Ilha. Eu vi uma grande destruição, muitos mortos e pessoas feridas. Os prédios desabando na beira-mar e muita fumaça! Esta foi a última mensagem que recebi.* — Assim ele disse e se retirou.

[136]

Fomos convidados para assistir a um campeonato de basquete na quadra coberta do HCTP. Clima de festa. Rádio ligado. Pude levar minha câmera desta vez. Vários pacientes sentados em torno da quadra coberta e o professor chamando um por um para fazer arremessos. Havia algumas premiações: barras e caixas de chocolate. Acertando ou não, todos aplaudiam o jogador da vez. Alguns erravam por pouco, outros faziam várias cestas. Rostos que nunca tinha visto estavam por lá. Pacientes que nunca tinha imaginado que tivessem habilidades esportivas surpreenderam-me. Foram até as finais. Vislumbres de suas vidas anteriores ao HCTP.

Ao lado da quadra, imersos em uma atmosfera totalmente diferente, dois pacientes andavam em círculos, lentamente, pela quadra à céu aberto.

No campeonato, a tensão aumentava conforme iam se eliminando concorrentes. Várias chances eram dadas para que tentassem se classificar novamente, mas aos poucos restaram apenas 4. Respiração tensa. Olhos atentos. Por fim um vencedor! Os ganhadores das caixas de chocolate dividiram seu prêmio com todos. No fim, uma foto, todos juntos, Danilo e eu inclusos. Foi a primeira vez que chegamos no HCTP e fomos recebidos sem nenhuma formalidade. Fazíamos parte do cotidiano dos sábados.

Figura 17 – Participantes do campeonato de basquete



Fonte: Acervo da autora.

Figura 18 – Vista de um dos pátios (externos) do HCTP



Fonte: Acervo da autora.

Figura 19 – Vista da quadra de basquete do HCTP



Fonte: Acervo da autora.

[137]

— *Eu sou Marcelo. Eu sou escritor. Eu sou de Blumenau. Eu sou filho de uma empregada doméstica e de um operário. Então eu não devia nem ser escritor porque a minha origem me dizia que eu não devia ser escritor, que eu devia repetir as coisas dos meus pais. Mas por alguma desobediência – eu nunca fui muito obediente –, eu disse que eu ia fazer o que quisesse da vida. E resolvi escrever. Isso tem dado certo.*

O escritor, e amigo, Marcelo Labes gentilmente aceitou nosso convite para participar de um de nossos Saraus. Achamos que esse Sarau seria um pouco mais rápido, pois talvez sem a música e o agito costumeiro, os participantes não ficariam tanto tempo. Engano nosso. Desde que Marcelo começou a contar como era ser escritor, choveram perguntas. Embalados pela fala carismática de Marcelo, os participantes queriam saber cada vez mais sobre de onde brotava a inspiração, sobre seus estudos, sobre como fazer uma publicação. Nos revezávamos para ler trechos de seus livros e poemas que iam embalando cada vez mais a conversa. Marcelo, com sensibilidade e cuidado, contava sua história de forma a aproximar os pacientes e tornar o ambiente confortável para que todos partilhassem seus causos. Logo uma série de histórias pessoais foram se somando a sua.

— *Tu não chegou a se formar, mas tem o conhecimento, né?* — Disse P. — *Mas, que nem eu, eu não tenho nem o segundo grau. Eu deixei o segundo grau pra trabalhar com meu pai no sítio.*

— *Mas tu tem um conhecimento que eu não tenho.* — Respondeu Marcelo.

— *Talvez...*

— *Tu sabes mexer na terra* – Disse Luiz para P.

— *É... Isso eu sei. Se eu tiver uma casa e terra eu consigo me virar. Mas eu não sei escrever um livro.*

— *Mas daí é só combinar os saberes. Ele sabe escrever e se ele precisar plantar pode falar contigo* – Completou Luiz.

— *Cada família tem uma história, né? Tem um jeito de viver. Meu pai me falou que quando era pequeno, trabalhava na roça também. Meu pai era o filho mais velho. Tinha lá 14 ou 15 anos e mais os outros irmãozinhos mais novos, que tinham 6 ou 7, tudo na roça, ali, capinando. Aí meu avô vinha abaxadinho na roça e ficava espiando. Aquele que parava de trabalhar ele pegava e dava uma coça. Eles tinham um jeito duro de ser. Meu pai não me criou desse jeito. Ele nunca me deu estudo, mas também nunca faltou comida em casa. Eu acho que ele era um guerreiro. Quando eu nasci minha mãe teve depressão pós-parto e até um ano e meio eu morei com uma tia. Não foi fácil a vida. Hoje que nós estamos mais ajeitados. Assim, eu não tenho diálogo com meu pai, só com minha mãe, mas cada vida tem uma história, né?*  
— Contou P.

— *Mas é legal a gente ver, apesar de cada família ter a sua história, como essas histórias se parecem* – Disse Marcelo.



Nesse dia foi a primeira vez que S. participou de nossas atividades. Em meio a conversa, sentiu vontade de falar também de sua história. Disse que havia recebido, em visões, informações e projetos para auxiliar a humanidade. Projetos datados desde o começo do século XX, mas que ainda seriam úteis. Eram engenharia de máquinas para produção de energia e para a agricultura. Por conta desses planos, que ele tinha devidamente anotado, ele era perseguido por pessoas que queriam roubar e patentear suas ideias. Disse que o caderno onde faz os desenhos industriais estava na enfermaria e não o deixaram trazê-lo, mas que numa próxima vez nos mostraria.

— *Escrevi um poema que é uma sátira com um tema de cadeia. É a conversa de um médico com seu paciente. Um tema polêmico. Não vou lembrar de cabeça agora, mas tenho anotado. Eu tirei da cabeça mesmo, porque se for levar a ferro e fogo a depressão e o nervosismo, tu não vive. Escrevi também duas músicas para o Humberto Gessinger. Invocação ali dentro do barraco. Sagração, deixava baixar o espírito e mandava ver nas letras.*

A partir desse dia, S. passou a participar das oficinas de cinema sem faltar nenhuma vez.

C. perguntou se era muito difícil conseguir financiamento para produzir um livro. Contou que tem uma trajetória com alcoolismo e queria escrever uma autobiografia sobre o tema para auxiliar pessoas que estejam passando pelo mesmo problema.

— *Vim parar na cadeia, perdi uma família por conta do alcoolismo. Queria fazer um desabafo para que outras pessoas pudessem se identificar* — Disse C.

— *Isso é importantíssimo.* — Respondeu Marcelo — *Eu parei de beber porque eu li um texto de um escritor que dizia que tinha problemas com alcoolismo. Ele escreveu uma crônica num jornal e por acidente eu li. Eu li aquilo e pensei “ó, o cara escreveu isso pra mim”. E aí entrei num processo de limpeza por conta de alguém que se dispôs a escrever sobre isso.*

— *É isso. Quero usar o que aconteceu de errado comigo pra que não aconteça de errado com outros* — Falou C.

— *Leva esse projeto adiante!* — Incentivou Marcelo.

Depois de quase três horas de conversas, num dia de sol escaldante, nos despedimos, agradecendo muito a Marcelo que nos entregou dois de seus livros, autografados, para deixarmos no HCTP: “Trapaça” e “Paraíso Paraguay”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. LABES, 2016; 2019.

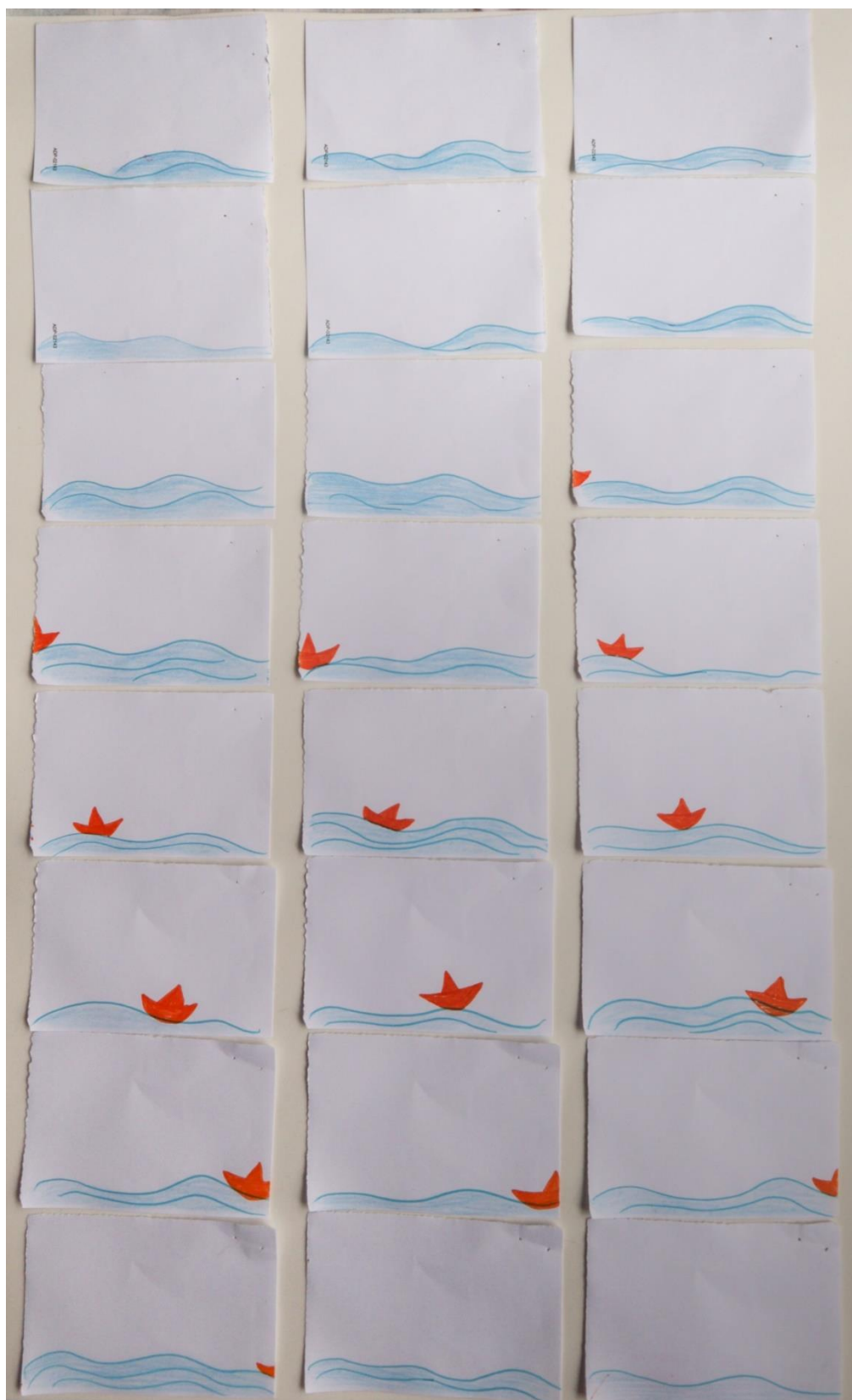
[138]

“Um filme é uma sucessão de imagens paradas que passadas rapidamente nos dão a sensação de movimento”, já havia dito algumas vezes nas oficinas. Agora era hora de experimentar. Resolvemos elaborar uma oficina de *flipbook*<sup>12</sup>. Eu, particularmente nunca havia desenhado um, então levou um bom bocado de tempo de pesquisa de materiais, desenho e experimentações para fazê-lo funcionar. Por fim, com minha pouca habilidade em desenho e alguma insistência em pesquisar bloquinhos de papel, consegui elaborar um modelo simples, mas funcional: o desenho sequencial de um barquinho que cruzava de um lado para o outro do pequeno bloco de papel.

---

<sup>12</sup> “*Flipbook*” ou “folioscópio” é o nome dado a um grupo de imagens sequenciais em papel e organizadas de tal maneira que, ao ser folheado, dê impressão de movimento, produzindo-se uma sequência manualmente animada.

Figura 20 – Desenhos usados como exemplo de *flipbook* na oficina



Fonte: Acervo da autora.

Munidos de meu *flipbook*, uns bloquinhos de papel, lápis de cor e uma série de curtas-metragens de animação feitos com desenhos à mão, fomos, Danilo e eu, ao HCTP. Antes do café assistimos e conversamos sobre as animações que havíamos levado, observando desde as mais simples, até animações que já usam tecnologias mais elaboradas. Falamos sobre quantos desenhos são necessários para dar a sensação de movimento, sobre a importância da trilha sonora e sobre a ideia de se poder fazer um pequeno filme mudo somente usando desenho e um bloco de papel.

Depois do café propusemos a brincadeira: experimentar fazer nossos próprios *flipbooks*. Nosso objetivo era conseguir fazer funcionar a sensação de movimento, sem importar o tipo de traço ou elaboração do desenho. Poderia ser não mais que uma linha, um pontinho ou um boneco palito.

Após algum tempo para elaborar os desenhos, compartilhamos nossas criações. Algumas realmente funcionaram, outras nem tanto. Algumas tentativas foram abandonadas no caminho. E, em meio às várias produções, o *flipbook* de um dos participantes me chamou particularmente a atenção. Ele fez 49 desenhos que não seguiam uma ordem coerente para formar movimento, e numa olhada superficial julguei que o participante tinha se deixado levar pela vontade mesmo de desenhar outras coisas. Mas olhando mais atentamente depois, percebi que os motivos em seus desenhos se repetiam. De forma que se eu os reorganizasse, a lógica do *flipbook* se mantinha. Me perguntei se o que ele havia tentando fazer não seria algo mais próximo de uma montagem paralela:

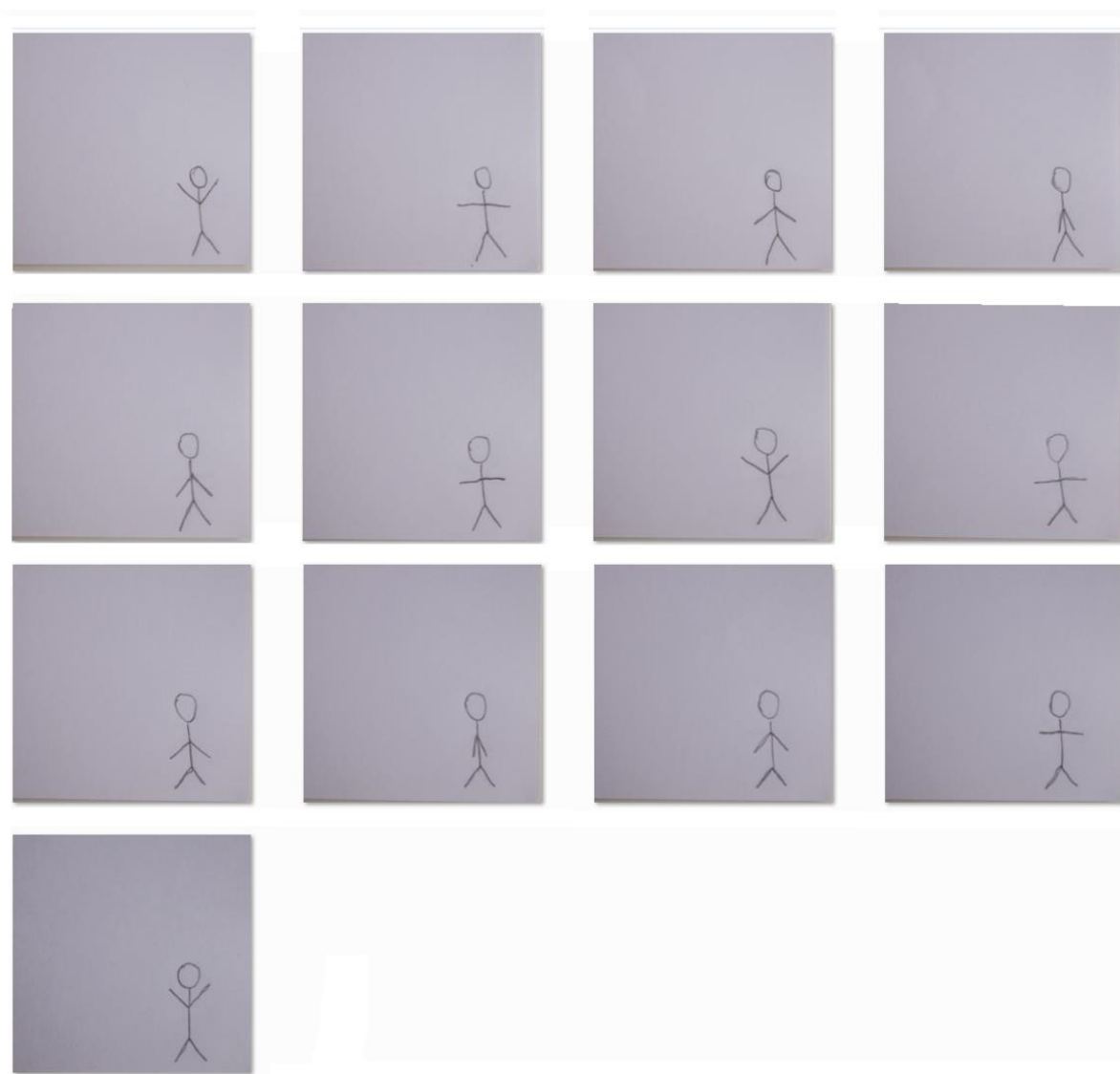
pessoa, pessoa, dois “8” (?), casa (triângulo?), pessoa, carro,  
 janela, pessoa, janela, janela menor, pessoa, pessoas, janela,  
 carro, janela, barco, traços, janela, janela, carro, carro, barco,  
 traços, pássaros, pássaros, pássaro (?), pássaros, janela, janela,  
 traço (nuvem?), árvore, árvore, raio (?), janela, pássaros, pontos  
 (pássaros ao longe?), árvore, árvore, janela, árvore, traços, guarda  
 chuva? (nuvem?), carro, janela, guarda-chuva (nuvem?), árvore,  
 árvore, janela, barco...

Figura 21 – *Flipbook* produzido por um dos participantes da oficina (1)



Fonte: Acervo da autora.

Figura 22 – *Flipbook* produzido por um dos participantes da oficina (2)



Fonte: Acervo da autora.

Figura 23 – *Flipbook* produzido por um dos participantes da oficina (3)



Fonte: Acervo da autora.

[139]

Festa de Natal. Os pacientes apresentariam uma peça e nos convidaram para assistir. Fomos encaminhados para deixar nossas coisas na sala da revista. Muitas mulheres aguardavam numa fila para serem liberadas para entrar no HCTP. Enquanto Danilo e eu esperávamos nossa vez, vimos desenrolar-se uma cena que me encheu os olhos de lágrimas. Uma senhora magrinha, muito simples discutia com a agente responsável por deixar entrar objetos e coisas pessoais no HCTP, dizia que a tinham avisado que as famílias deveriam levar comida para a festa. A agente contestava, dizendo que não era permitido deixar entrar nenhuma comida. Então a senhorinha abriu uma caixa grande cheia de comidas meio cobertas com um pano de prato, entre elas um bolo confeitado e um pudim.

— *Eu gastei todo meu dinheiro pra fazer. Viajei horas com a caixa no colo. É o doce preferido do meu filho.*

Não deixaram. Ela entrou sem os doces. Entramos logo atrás dela. Ao encontrar o filho, abraçou-o, chorosa, contando o que tinha acontecido. Tentei disfarçar o nó na garganta. Na quadra do HCTP decoração de Natal, música alta e muitas pessoas circulando. Clima de festa. Alguns pacientes nos apresentavam suas famílias. Outros, sem familiares presentes, perambulavam de um lado para o outro. Logo começaria a peça de teatro.

A peça era uma espécie de auto de Natal. Quatro pacientes faziam papel de Papai Noel. A cena cômica se desenrola entre uma convenção de papais-noéis fracassada, visto que a maioria estava se aposentando porque ninguém mais acreditava no Natal e um jantar em família, onde o pai tentava fazer os filhos acreditarem que o Papai Noel apareceria para deixar presentes. Era evidente o nervosismo dos atores, a maioria no palco pela primeira vez. Era evidente também o empenho que colocaram para fazer o espetáculo acontecer. Entre as cenas, uma fala errada aqui e um improviso ali, chegaram ao final do espetáculo. Muitos aplausos. Sorrisos satisfeitos de terem conseguido fazer o espetáculo acontecer. Abracei a professora de teatro que derramava lágrimas de emoção. Ao sair do “palco” alguns pacientes vieram perguntar o que achei. Parabenizei-os. Me abraçaram. Emocionei-me, lá no dia e de novo agora relembro o acontecimento.

[140]

Logo depois do Natal, nos preparamos para a última oficina do ano. Logo a universidade entraria em férias e viajaríamos para encontrar nossas famílias. Não sabia, no entanto, que



aquela seria a última oficina de fato. Os planos eram continuar no ano seguinte, assim que possível. Agora que entre uma sessão de cineclube e outra estávamos engrenando algumas propostas mais práticas, meu objetivo era o de que em 2020 pudéssemos começar a nos aventurar com a câmera. Mas, já prevendo que talvez ainda houvesse empecilhos burocráticos para isso, decidimos continuar investindo em outras formas de fazer audiovisual. Não tínhamos a mínima suspeita de que o vírus que aparecera na China no final de 2019 se espalharia e causaria esta pandemia interminável, que congelou todos os planos por um tempo indefinido.

Desta vez minha ideia, dando sequência à oficina de *flipbook*, era a de fazer um *time-lapse*<sup>13</sup> de um desenho que produziríamos coletivamente. Para dar um norte para a produção do desenho eu e Danilo decidimos que o tema seria “universo”. Desta forma lá fomos nós fazer a produção da oficina. Essa era mais elaborada e precisávamos encontrar e testar materiais mais específicos. Procuramos cartolina preta e giz de cera neon, no entanto o efeito era muito fraco para ser captado pela câmera. Pensamos em tinta, mas aí teríamos que nos preocupar em não sujar o chão e – deus me livre – a câmera, ou pior, o tripé profissional que girava em 90° que eu havia pegado emprestado. Desta forma optamos pela cartolina branca mesmo e catamos tudo que tínhamos de lápis de cor, giz de cera e canetinhas. Além disso, fizemos toda uma pesquisa de vídeos para inspirar a oficina. Por um lado, buscávamos imagens do universo e, por outro, vídeos curtos de *stopmotion*<sup>14</sup> para explicar a lógica do *timelapse* que faríamos.

Chegamos no HCTP carregados de coisas. Iniciamos a oficina passando os vídeos que escolhemos sobre *stopmotion*, agora mais focados em objetos e fotografias. Queria que pensássemos na dinâmica do que estávamos fazendo. Os participantes deram várias referências de filmes que tinham assistido que eram feitos com *stopmotion*, como a Fuga das Galinhas (2000). Outros estavam encantados com as possibilidades de criar efeitos e movimentos tirando uma foto de cada vez. Para esclarecer mais o funcionamento procurei *making-ofs* de cenas feitas em *stop motion*, por exemplo as do filme “O Pequeno Príncipe” (2015).

Hora do café.

Quando os participantes voltaram, exibimos as cenas com imagens de universo recolhidas de trechos de filmes e documentários. Conversamos sobre esse tema. É sempre

---

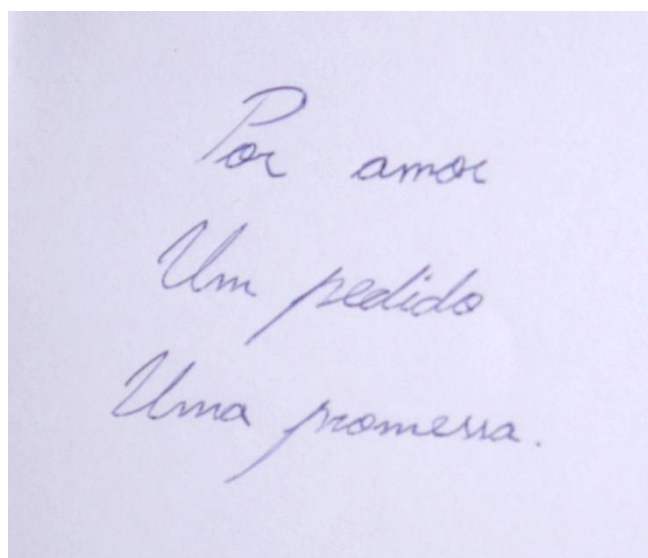
<sup>13</sup> “*Time-lapse*” ou “câmera-rápida” é um processo cinematográfico cuja frequência com que são produzidos os quadros por segundo é muito menor do que aquela em que a filmagem será reproduzida, de maneira que produza a sensação de um tempo acelerado ou de movimento ao longo de um lapso de tempo.

<sup>14</sup> “*Stop Motion*” ou “animação quadro-a-quadro” é uma técnica de animação em que a cada quadro capturado uma pequena alteração (ou um conjunto de pequenas alterações) é feita nos materiais/modelos fotografados, posteriormente, esses quadros são montados de forma a criar a sensação de movimento.

grandioso ver a Terra do espaço. Falamos sobre os mitos de criação do universo de algumas religiões. E, por fim, propusemos o exercício. Estendi duas cartolinas coladas uma a outra no chão, espalhamos os materiais para desenho. Coloquei o tripé estendido sobre a cartolina, com a haste do meio dobrada em 90°, configurei a câmera e expliquei: — *Enquanto desenhamos a câmera tirará uma foto a cada 6 segundos. Quando acabarmos o desenho vou parar a câmera e ela juntará todas essas fotos num pequeno filme. Assim poderemos ver o desenho que fizemos se construindo rapidamente.*

Mãos à obra. Foram em torno de 40 minutos desenhando. Enquanto alguns faziam o desenho, outros conversavam animadamente. Alguns participantes usaram a câmera de mão que também trouxemos para fazer alguns pequenos vídeos da oficina acontecendo. K. trouxe seu caderno, leu um de seus poemas e mostrou-nos os desenhos elaborados que fazia sob orientação de suas visões. Eram realmente complexos e muito bem executados. K. contou-me que estava inspirado para escrever um roteiro. Que já tinha todo o desenrolar da narrativa na cabeça e inclusive o título: “Por amor, um pedido, uma promessa”.

Figura 24 – Anotação em caderno de K.



Fonte: Acervo da autora.

Por fim, desenho pronto, nos pusemos a analisar nossa obra. Inevitável não reparar nas mandalas que apareceram no desenho e relacioná-las com os estudos de Nise da Silveira (2018, p. 62):

A primeira indicação que trazem ao psiquiatra refere-se à intensidade das forças instintivas cuja função é compensar a desordem psíquica. Essas forças, expressas na

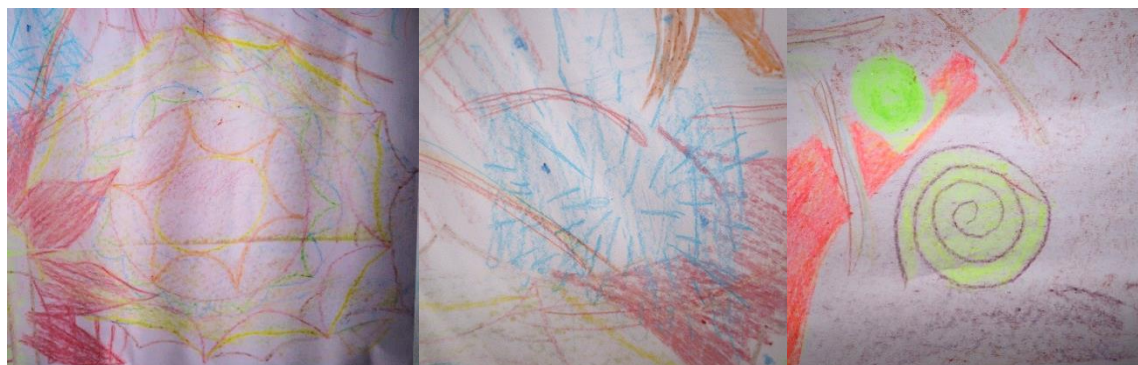
mandala, “ligam e submetem os poderes sem lei pertencentes ao mundo da escuridão e configuram ou criam uma ordem que transforma o caos em cosmos”.

Como todo sistema vivo, a psique se defende quando seu equilíbrio se perturba. As imagens circulares, ou próximas ao círculo, dão forma aos movimentos instintivos de defesa da psique, aparecendo de ordinário logo no período agudo do surto esquizofrênico, desde que o doente tenha oportunidade de desenhar e pintar livremente num ambiente acolhedor. Isso não indicará que, desde logo, a ordem psíquica seja restabelecida. As imagens circulares exprimem tentativas, esboços, projetos de renovação.

Ou como na seguinte passagem:

Surpreenderá que apareçam mandalas bastante harmoniosas e complexas pintadas por esquizofrênicos. A configuração de mandalas harmoniosas dentro de um “molde rigoroso” denotará intensa mobilização de forças autocurativas para compensar a desordem interna [...], fenômeno que não será para desprezar em relação ao prognóstico. (SILVEIRA, 2018, p. 71)

Figura 25 – Detalhes do desenho coletivo produzido na oficina



Fonte: Acervo da autora.

Figura 26 – Desenho coletivo produzido na oficina



Fonte: Acervo da autora.

Alguns começaram a tentar interligar todos os desenhos dispersos da obra. K. disse que tudo que estava desenhado estava ligado às memórias do astronauta que aparece no canto inferior esquerdo. Já prestando atenção ao lado direito do desenho, W. criou uma narrativa: *“O cavalo passou perto do pé de coqueiro. O coco caiu na água. O peixe comeu o coco. O peixe foi pescado e vendido na favela. Na favela acharam o coco dentro do peixe. Daí o homem comeu o coco e passou mal, então montou no cavalo e foi até a praça [centro da mandala amarela e laranja].”*

Já estava na hora de irmos embora quando acabamos de recolher tudo, mas não poderíamos deixar de mostrar como ficou nosso pequeno filme. Passei o arquivo para o computador. Os participantes colocaram cadeiras em semicírculo em volta da projeção e rodamos o filme. Nossos 40 minutos de desenho geraram um filme de 29 segundos. Assistimos algumas vezes, rindo e comentando.



Figura 27 – Momentos da produção do desenho coletivo



Fonte: Acervo da autora.

Figura 28 – Momentos da produção do desenho coletivo (2)



Fonte: Acervo da autora.

Por fim nos despedimos apressados já pelo adiantado da hora. Trocamos apertos de mão e desejos de boas festas. Perguntaram quando retornaríamos. “Logo”, respondi.

|enclave| é um enorme vale / de onde não se encontra  
saída / a entrada é verificada e permitida / mas perde-se  
o caminho de volta / desorienta-se até não saber mais / se  
existe um lado de fora / a permanência é suportada sob  
enormes / camadas de lama” (LABES, 2018, p. 43)

## PALAVRAS FINAIS. PARADOS, MAS NÃO EM REPOUSO

Parados, mas não em repouso. *“Não parece, mas o que vocês trazem é repouso para nós [...]. Senão a gente fica muito parado lá, sem fazer nada. É e não é agonizante. É triste. Às vezes é cansativo”*, nos disse um dos internos do HCTP em uma das oficinas. Corpos parados e cabeças dando voltas e mais voltas: *“[...] porque vocês vêm conversar, propor uma atividade que abre a nossa cabeça e não nos deixa ficar dando voltas e voltas nos mesmos pensamentos. Se vocês não viessem hoje estaríamos na enfermaria. Por causa da chuva, ficaríamos presos o dia todo na enfermaria”*, como aquele paciente também nos disse. Corpos que dão voltas e voltas no mesmo lugar. Cabeças estagnadas em certos pensamentos. A imobilidade exterior deles não representa necessariamente um silêncio em seu interior. Ao contrário, o interior, às vezes, cansa de tantas voltas que dá. Coisas de confinamentos...

Era preciso, portanto, que algo quebrasse essa rotina para que se pudesse repousar daquele movimento repetitivo, agonizante de ficar *“muito parado lá, sem fazer nada”*, *“dando voltas e voltas nos mesmos pensamentos”*. As nossas oficinas de cinema, em sua frequência quase rigorosamente semanal, abriam um espaço “outro”, por certo tempo, dentro do HCTP. Um espaço onde se podia trocar saberes, conversar, inventar e mesmo *fugir*. Como nos filmes. Estar e não estar ali. Um espaço que é extensivamente o mesmo, mas que é intensivamente outro, com lógicas e vivências consideravelmente distintas às daquele espaço, ainda que seguíssemos sob certas regras do encarceramento e tratamento psiquiátrico (ou em suas brechas). Um espaço de coletividade e respiro. Que não buscava anular as diferenças, mas sim encontrar meios para que todos, em suas próprias formas, pudessem se manifestar e estar ali. Sem modelos a copiar. (Sem modelos, que alívio!) Mas também sem desprezo às experiências – deles, nossas e de oficinas anteriores do grupo. Uma fuga espacial (ainda que no mesmo lugar), onde se criava uma espécie de balão de ar. Onde era possível desviar o curso neurótico do pensamento, deixar que o pensamento se assentasse em outro lugar. Ou deixar que se assentasse ali mesmo, no presente, na partilha do momento. Fuga de um espaço que cuida, que se empenha em fazer viver aquelas pessoas, prolonga suas vidas, produz certa saúde (física e mental), ainda que isso signifique uma atrofia de potências, “loucuras” e outras saúdes possíveis. Um cuidado que, por vezes – intencionalmente ou não –, ao buscar prolongar essas existências, as reduz a uma condição de subsistência, ocultas atrás de muros altos – as brumas de cimento e tijolo –, afastadas do convívio social dito “normal”, “civilizado” e



“arrazoado”. Muitas vezes tão próximos e palpáveis extensivamente, mas tão invisíveis e distantes aos olhos dessa vida “comum”.

Ao mesmo tempo, nos interstícios que eram as oficinas, outros cuidados possíveis e uma experiência de educação aconteciam. E que experiência essa da união das vontades de estar onde não é preciso que haja interesse outro além do próprio querer coletivo de estar ali! Uma experiência sem obrigações, sem exames, sem diplomas, sem punições ou recompensas, classificação ou hierarquias, apenas diferença, presença e alteridade.

Ainda que essa experiência tenha ocorrido em um espaço tão peculiar como o HCTP, seus modos e maneiras não são válidos apenas para quem habita aquele espaço, para aquele formato ou por conta daquelas condições. Ela diz respeito a uma educação mais ampla, que engloba a comunicação, a criatividade e a emancipação dos sujeitos, tomando aquelas pessoas como seres humanos dignos da convivência com os demais e respeitáveis enquanto seres sociais. Nesse sentido, uma experiência que poderia ser não molde, mas algum tipo de referência para que outras oficinas naquele e em outros espaços, com aquelas ou com outras pessoas, fossem moldadas.

Nas oficinas algo acontecia apesar das precariedades e preconceitos que nos rodeavam. Pessoas tomadas socialmente por “seres embrutecidos e absurdos [...], [com] afetividade embotada e a inteligência em ruínas” (SILVEIRA, 2018, p. 18), economicamente, por indivíduos de psiquê “quebrada”, uma racionalidade arruinada e incapazes de uma produtividade (rentável); além de uma instituição que, dentro da própria lógica estatal e burocrática, ficava à margem de interesses e investimentos; ainda ali algo acontecia: eles criavam. E havia por parte dos oficinairos uma aposta na potência destas pessoas. Uma aposta de que eles eram dignos do melhor que um oficinairo pudesse levar enquanto proposta de oficina. Com isto, dava-se a eles um “privilegio” de acesso a obras do cinema brasileiro que talvez (e muito provavelmente) lhes fosse inacessível fora daquele momento, ainda mais sem custo para eles. Apesar das leis que tentam incentivar a fruição do cinema nacional, aquilo que vemos nos cinemas quase sempre reproduz uma mesma lógica (de arte, de valores, de narrativa etc.), um mesmo mundo – do qual eles (quase) não fazem parte, ou fazem como negativos, como o que não devemos ser. Nas oficinas, por outro lado, nossa curadoria, acabava por dar-lhes, dentro do confinamento, acesso a filmes que eles e muitas outras pessoas não teria ou têm fora.

Evidentemente, eles não *tinham* que assistir ao filme, mas eles *podiam* assisti-lo. Eles estavam (e eram) vivos, capazes de aprender, trocar, inventar, socializar, percorrer conversas

sobre o cotidiano ou sobre a origem do universo, sobre como fazer polenta ou quais os rumos da política nacional... Se nesse lugar de vidas estrategicamente precarizadas – precarizadas muito além da instituição HCTP, que muitas vezes atua como lugar de alguma segurança àquelas pessoas, quando o mundo “lá fora” lhes é violento (o frio, a falta de abrigo, a fome, o preconceito, a agressão física etc.) –, se aí isso é possível: o que podem os outros espaços?

Nos lugares em que as coisas estão enrijecidas, engessadas, imobilizadas, demasiadamente controladas, as oficinas podem funcionar como adubo para outra coisa. Não tanto para dizer o que se deveria plantar aqui e lá, mas para ver o que (mais) pode germinar naqueles espaços. E quem sabe mesmo para cultivar um “grão de crápula”, sem esquecer que mesmo ele é “grão de homem” (DELIGNY, 2007). A oficina é uma construção coletiva, na qual o oficinheiro leva algo no intento de que algo aconteça. Levávamos filmes para iniciar a conversa, o restante da oficina se desenrolava a partir do que eles (nos) davam. A oficina só era possível graças a habilidade humana de criar, experimentar e partilhar, e do fato de que o ambiente que se criava lhes propiciava o exercício desses aspectos humanos.

Enfim, nos espaços que privilegiam a segurança, as oficinas eram espaços de exercício de alguma liberdade. Nos espaços das normas, as oficinas conseguiam, ainda que nem sempre, suspendê-las. Não se tratava de algo sem regras, muito menos “de qualquer jeito”, ao contrário, havia cuidado, dedicação, porém que desenvolve uma autonomia. Autonomia como finalidade. Não necessariamente a autonomia enquanto realização de um sujeito idealmente livre, mas de uma prática de liberdade que se experimenta no cotidiano – dá não obrigatoriedade da participação à sensibilidade do que acontece, das presenças na condução da oficina, de sua desvinculação de currículo, *stricto senso*, e de titulações.

E a você, caro leitor, que chegou até aqui, só tenho a agradecer por acompanhar essa história minha e, junto comigo, de tanta gente. Desejo saúde e sorte para todos nós em tempos de pandemia. E que não percamos nunca a esperança e a força na luta, sem a qual a vida fica sem por quê. Temporariamente isolados, mas não sozinhos! Seguimos juntos!

Lena Zanin,  
Blumenau, primavera de 2020.

## REFERÊNCIAS

9 HISTÓRIAS incríveis de como as mensagens em garrafas mudaram a vida de algumas pessoas. *Incrível*, [S. l., s/d]. Disponível em: <https://incrivel.club/admiracao-curiosidades/9-historias-incriveis-de-como-as-mensagens-em-garrafas-mudaram-a-vida-de-muitas-pessoas-547710/>. Acessado em: 10 abr. 2019.

A CASA dos Mortos. Direção: Débora Diniz. Salvador, 2009. 24 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=noZXWFxdtNI>. Acessado em: 14 jun. 2019.

A FUGA das Galinhas. Direção: Peter Lord; Nick Park. Inglaterra: Aardman Animations; DreamWorks Animation, 2000. 1 DVD (54 min), son., color.

ALMENDROS, Néstor. **Días de una Cámara**. Barcelona: Seix Barral, 1980.

AMADO, Guilherme. Nenhum dos 12 militares nomeados na saúde por ministro fez medicina. **Época**, Rio de Janeiro, 21 maio 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/nenhum-dos-12-militares-nomeados-na-saude-por-ministro-fez-medicina-1-24437696>. Acessado em? 21 mai. 2020.

ARAP, Fauzi. Iniciação à Loucura. **Lua Nova**, São Paulo, v.1, n. 2, set. 198.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. IV Relatório de Pesquisa do Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades brasileiras. 2014. Disponível em: [http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES\\_2014.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES_2014.pdf). Acesso em: out. 2019.

AUGSBURGER, Luiz Guilherme. **Que pode a amizade?** Movimentos cartográficos e educação em terras de clausura. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 209 p. 2017.

AVANCINI, Marta. Alunos do ensino superior enfrentam problemas psicológicos. **Revista Ensino Superior**, ed. 237, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/ensino-superior-alunos-depressao/>. Acesso em: 20 out. 2019.

BACH, Richard. **Fernão Capelo Gaivota**. Rio de Janeiro: Record, 2015

BELTRÃO, Ierê Rego. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios**: Didática – o discurso científico do disciplinamento. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

BERGALA, Alain. **Abecedário de Cinema**. Tradução Marina Rodrigues. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

BERMÚDEZ, Ana Carla. Quem é Paulo Freire, educador brasileiro que virou alvo de Bolsonaro. **Uol**, São Paulo, 18 dezembro 2019. Caderno de Educação. Disponível em:

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/18/quem-e-paulo-freire-educador-brasileiro-que-virou-alvo-de-bolsonaro.htm>. Acessado em: 28 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Bibliográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Uso e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1981

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Súmula nº 527. O tempo de duração da medida de segurança não deve ultrapassar o limite máximo da pena abstratamente cominada ao delito praticado. **Diário da Justiça**: seção 3, Brasília, DF, ed. 1734, p. 2, 14 mai. 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos [2001]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm). Acesso em: 1 mar. 2019.

BRASIL. Parecer Sobre Medidas de Segurança e Hospitais De Custódia e Tratamento Psiquiátrico sob a Perspectiva Da Lei Nº 10.216/2001. Brasília, DF: Ministério Público Federal, Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão [2011]. Disponível em: [http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/temas-de-atuacao/saude-mental/docs-publicacoes/parecer\\_medidas\\_seguranca\\_web.pdf](http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/temas-de-atuacao/saude-mental/docs-publicacoes/parecer_medidas_seguranca_web.pdf). Acesso em: 22 mar. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.964, de 24 de dezembro de 2019. Aperfeiçoa a legislação penal e processual penal. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 248-A, 24 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Fake News**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020a. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews>. Acessado em: 30 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020b. Disponível em: [https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 2020.

BRASIL TEM 1.001 novas mortes por coronavírus em 24 horas e se torna o segundo país com mais casos no mundo. **Gazeta Zero Hora (GZH)**, Porto Alegre, 23 maio 2020. Caderno Coronavírus serviço. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/05/brasil-tem-1-001-novas-mortes-por-coronavirus-em-24-horas-e-se-torna-o-segundo-pais-com-mais-casos-no-mundo-ckaisecta00v2015n3ran4h16.html>. Acessado em: 24 mai. 2020.

BRECHT, Bertold. A exceção e a regra. *In*: BRECHT, Bertold. **Teatro Completo**. v. 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 129-160.

CALDAS, Ana Lúcia. Saúde mental exige universidade mais acolhedora, alerta pró-reitora da UFMG. **Andifes**, 13 set. [2018]. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/saude-mental-exige-universidade-mais-acolhedora-alerta-pro-reitora-da-ufmg/>. Acesso em: 21 out. 2019.

CARDOSO, Francisco dos Santos; PEREIRA, Adelino Gonçalves. Ideação Suicida na População Universitária: uma revisão de literatura. **Revista E-Psi**, v. 5, n. 2, p. 16-34, 2015.

Disponível em: <https://revistaepsi.com/wp-content/uploads/artigos/2015/Ano5-Volume2-Artigo2.pdf>. Acesso em: out. 2019.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CÁSSIA Eller. Direção: Paulo Henrique Fontenelle. Brasil: Migdal Filmes; GNT, 2014. 1 DVD (120 min), son., color.

CASTELLO, José. **Dentro de mim ninguém entra**. São Paulo: Berlendis, 2016.

CHADE, Jamil. OMS diz que América do Sul é novo epicentro da pandemia e Brasil preocupa. **Uol**, São Paulo, 22 maio 2020. Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/jamil-chade/2020/05/22/oms-am-do-sul-e-um-novo-epicentro-e-nao-recomenda-uso-amplo-de-cloroquina.htm>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CIDADE dos Sonhos. Direção: David Lynch. EUA: Universal Pictures, 2001. 1 DVD (147 min), son., color.

COELHO, João Vitor de Souza; FARIA, Talitha Araújo. Uso de psicoestimulantes por estudantes durante a vida acadêmica. **Revista Científica de Medicina da Faculdade Atenas**, v. 10, 2016. Disponível em: [http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/USO\\_DE\\_PSICOESTIMULANTE\\_S\\_POR\\_ESTUDANTES\\_DURANTE\\_A\\_VIDA\\_ACADEMICA.pdf](http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/USO_DE_PSICOESTIMULANTE_S_POR_ESTUDANTES_DURANTE_A_VIDA_ACADEMICA.pdf). Acesso em 22 out. 2019.

CONTRA o isolamento social, Bolsonaro ruma para o isolamento político. **A Gazeta**, Vitória, 19 maio 2020. Caderno Opinião. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/editorial/contrao-isolamento-social-bolsonaro-ruma-para-o-isolamento-politico-0520>. Acessado em: 20 mai. 2020.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **REU**, Sorocaba, SP, v. 37, n. 2, p. 181-202, dez. 2011.

CRUZ, Fernanda La. Por que depressão e ansiedade afetam cada vez mais universitários? **Desafios da Educação**, Insight, 30 jul. 2018. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/ansiedade-e-depressao-na-universidade/>. Acesso em: 20 out. 2019.

DELIGNY, Fernand. Graine de Crapule. In: DELIGNY, Fernand. Œuvres. Paris: L'Arachnéen, 2007. p. 119-143

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**: operários, artistas, revolucionários: educadores. Tradução Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DINIZ, Débora. **A custódia e o tratamento psiquiátrico no Brasil**: censo 2011. Brasília: Letras Livres; Editora Universidade de Brasília, 2011.

DINIZ, Debora. A Casa do Mortos: do poema ao filme. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 4, n. 2, p. 21-35, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/6397>. Acesso em: 10 mar. 2019

DUTRA, Elza. Suicídio de Universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 924-937. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812012000300013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013). Acesso em: out. 2019.

FERRAZ, Lucimare; PIATO, Angelo L. S.; ANZOLIN, Vinícius; MATTER, Gabriel R.; BUSATO, Maria A.; Substâncias Psicoativas: o consumo entre acadêmicos de uma universidade do sul do Brasil. **Momento: diálogos em educação**, v. 27, n. 1, p. 371-386. jan/abril. 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/6850>. Acesso em: out. 2019.

FERREIRA, Michael António Costa. **Caraterização do uso de psicoestimulantes na comunidade académica**: Experiência Profissionalizante na vertente de Farmácia Comunitária e de Investigação. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Departamento de Ciências Médicas, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal. 116 p. 2015.

FOTOSSENSÍVEL. Direção: Kike Kreuger. Brasil: Dia Estúdio, 2008. 1 DVD (9 min) son., color.

ESTUDO: Hidroxicloroquina não evita mortes por covid e pode afetar. **Viva Bem**, São Paulo, 11 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/11/cloroquina-nao-evita-mortes-por-covid-19-e-pode-afetar-coracao-diz-estudo.htm>. Acessado em: 12 mai. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56a. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GODOY, Ana. Oficinas Experimentais. s/d. Disponível em: <https://sites.google.com/site/outrasecologias/ana-godoy>. Acesso em: 5 jul. 2020.

IMAGENS do Inconsciente. Direção: Leon Hirszman. Roteiro: Leon Hirszman; Nise da Silveira. Brasil: Leon Hirszman Produções Cinematográficas; Embrafilme, 1987. 3 DVD (205 min), son., color.

JECA Tatu. Direção: Milton Amaral. Brasil: PAM Filmes, 1960. 1 DVD (95 min), son., p&b.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Tradução Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

KUHLMANN JR, Moyses; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da Infância. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LABES, Marcelo. **Trapaça**. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2016.

LABES, Marcelo. **[enclave]**. São Paulo: Patuá, 2018.

LABES, Marcelo. **Paraíso-Paraguay**. Florianópolis: Caiaponte, 2019.

LAPOUJADE, David. **Existências mínimas**. Tradução Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LAWRENCE, David Herbert. **O Amante da Lady Chatterley**. Tradução Rodrigo Richter. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

LEAL, Gyane Karol Santana. **A criança ribeirinha e sua relação com a ciência nos espaços não formais de Parintins-AM**. Parintins: Editora João XXIII, 2019.

LISBELA e o Prisioneiro. Direção: Guel Arraes. Brasil: Natasha Filmes; Globo Filmes, 2003. 1 DVD (106 min), son., color.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko**: vida e obra – a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MAKARENKO, Anton. **Poema pedagógico**. 3a. ed. Tradução Tatiana Belinky. São Paulo: Editora 34, 2012.

MENEZES, Aldeiza de Souza Santos; NOMERG, Karina Oliveira; LENZI, Rosinaide Valquíria. O Uso de Psicoestimulantes por Acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Rondônia. **FACIMED**, Cacoal-RO, v. 7, n. 1, p. 86-99, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://en.calameo.com/read/0047553077e4ea21d894b>. Acesso em: 20 out. 2019.

MENINA ensinando para os gatos. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MzmHH0b6NmE>. Acessado em: 25 ago. 2020.

MIGUEL, Maira. Saúde mental: quando universitários pedem ajuda. **Humanista**, 1 out. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/10/01/saude-mental-quando-universitarios-pedem-ajuda/>. Acesso em: 21 out. 2019.

MONTEIRO, Tânia. Paraquedista, número 2 da saúde tem experiência em logística. **O Estadão**, São Paulo, 22 abril 2020. Caderno de Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,paraquedista-numero-2-da-saude-tem-experiencia-em-logistica,70003279716>. Acessado em: 23 abr. 2020.

MORAES, Fernando Tadeu. Estudantes de mestrado e doutorado relatam suas dores na pós-graduação. **Folha de São Paulo**, Ciência. São Paulo. 09 jul. 2017. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/12/1943862-estudantes-de-mestrado-e-doutorado-relatam-suas-dores-na-pos-graduacao.shtml>. Acesso em: 22 out. 2019.

MORGAN, Henri L. et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do País: prevalência, motivação e efeitos percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p. 102-109, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n1/1981-5271-rbem-41-1-0102.pdf>. Acesso em: out. 2019

NABUCO, Cristina. Saiba quais são os riscos de usar remédio para déficit de atenção para turbinar o cérebro. **Cláudia**, Saúde. 28 out. 2016. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/saude/saiba-quais-sao-os-riscos-de-usar-remedio-para-deficit-de-atencao-para-turbinar-o-cerebro/>. Acesso em: 20 out. 2019.

NARODOWSKI, Mariano. **Después de clase**. Desencantos y desafíos de la escuela actual. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas, 1999.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 3a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

O BEIJO da Mulher Aranha. Direção: Héctor Babenco. EUA: HB Filmes; FilmDallas Pictures, 1985. 1 DVD (120 min), son., color.

O MENINO e o Mundo. Direção: Alê Abreu. Brasil: Filme de Papel, 2014. 1 DVD (80 min), son., color.

O MISTÉRIO de Robin Hood. Direção: José Alvarenga Sr. Brasil: Art Films, 1990. 1 DVD (90 min), son., color.

O PEQUENO Príncipe. Direção: Mark Osborne. França: Onyx Films, 2015. 1 DVD (108 min), son., color.

OLIVEIRA, Junia. Uso abusivo de Ritalina para aumentar concentração é perigo para a saúde. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 22 jul. 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/07/22/interna\\_gerais,974942/abuso-de-ritalina-para-aumentar-concentracao-e-perigo-para-a-saude.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/07/22/interna_gerais,974942/abuso-de-ritalina-para-aumentar-concentracao-e-perigo-para-a-saude.shtml). Acesso em: 19 out. 2019.

OLIVEIRA, Rebeca. Depressão na universidade: como a pressão acadêmica afeta a saúde mental. **GPS**, Lifetime, 14 jun. 2018. Disponível em: <https://gpslifetime.com.br/conteudo/cotidiano/news/70/depressao-na-universidade-como-a-pressao-academica-afeta-a-saude-mental>. Acesso em: 19 out. 2019.

OS DEUSES Ficaram Loucos. Direção: Jamie Uys. África do Sul; Botswana: C.A.T. Films; Mimosa Films, 1980. 1 DVD (109 min), son., color.

PEREIRA, Sara; COSTA, Adelaide. Consumo de Psicoestimulantes no Meio Universitário: aspectos clínicos e bioéticos. **PsiLogos**. v. 14, n. 1, p. 1-3, 2016. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/psilogos/article/view/8883>. Acesso em: 20 out. 2019.



POLÍCIA Federal aponta Carlos Bolsonaro como articulador do gabinete do ódio. **Consultor Jurídico (ConJur)**, São Paulo, 25 abril 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr-25/pf-aponta-carlos-bolsonaro-articulador-fake-news>. Acessado em: 26 abr. 2020.

POR QUE a universidade está deixando os estudantes doentes. **Catraca Livre**. Educação. 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/educacao/por-que-universidade-esta-deixando-os-estudantes-doentes/>. Acesso em: out. 2019.

POSFÁCIO: Imagens do Inconsciente. Direção: Leon Hirszman. Brasil: Leon Hirszman Produções Cinematográficas; Embrafilme, 2014. 1 DVD (80 min), son., color.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2010.

PROCURANDO Nemo. Direção: Andrew Stanton. EUA: Pixar Animation Studios, 2003. 1 DVD (100 min), son., color.

RIBEIRO, Danilo Stank. **Da oficina, do ofício, do oficineiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 245 p. 2018.

RILKE, Rainer Maria. A Pantera. In: RILKE, Rainer Maria. **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 81

RITALINA para estudar: afinal, funciona ou não. **Focus Concursos**, Geral. 09 jul. 2018. Disponível em: [https://blog.focusconcursos.com.br/blog/geral/geral/ritalina-para-estudar-afinal-funciona-ou-nao#:~:targetText=Por%20isso%2C%20a%20ritalina%20%C3%A9,Aten%C3%A7%C3%A3o%20e%20Hiperatividade%20\(TDAH\)](https://blog.focusconcursos.com.br/blog/geral/geral/ritalina-para-estudar-afinal-funciona-ou-nao#:~:targetText=Por%20isso%2C%20a%20ritalina%20%C3%A9,Aten%C3%A7%C3%A3o%20e%20Hiperatividade%20(TDAH).). Acesso em: 21 out. 2019.

SÁ, Raquel Stela. Introdução. In: BELTRÃO, Ierecê Rego. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios**: Didática – o discurso científico do disciplinamento. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

SANCHES, Mariana; MAGENTA, Matheus. Bolsonaro e Trump radicalizam: as semelhanças entre os líderes na pandemia de coronavírus. **BBC News Brasil**, Londres, 20 abril 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52361730>. Acessado em: 20 abr. 2020.

SANTINO, Renato. Netflix ganha mais de 15 milhões de novos assinantes com a pandemia. **Olhar Digital**, Brasil, 21 abril 2020. Caderno Coronavírus. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/coronavirus/noticia/netflix-ganha-mais-de-15-milhoes-de-novos-assinantes-com-a-pandemia/99736>. Acessado em: 22 abr. 2020.

SHAKESPEARE, William. **The Complete Works Of William Shakespeare**. New York: Barnes & Noble Inc., 2015.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

SOUSA, Lucas M. A. de; PINTO, Natália B.; RIBEIRO, Rebeca K. R.. Medicalização no Ensino Superior: o uso indiscriminado de anfetaminas por estudantes do curso de medicina. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, n. 2, suplementar, p. 538-545, set. 2017. Disponível em:

<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/download/320/pdf>. Acesso em: out. 2019.

VELEDA, Raphael. Por ordem de Bolsonaro, Exército já fez mais cloroquina do que em 10 anos. Metrôpoles, Brasília, DF, 15 maio 2020. Caderno Brasil. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/por-ordem-de-bolsonaro-exercito-ja-fez-mais-cloroquina-do-que-em-10-anos>. Acessado em: 16 mai. 2020.

VIDEIRA, Lorena Torquato. Depois das grades tortas: reflexos do tratamento manicomial em pacientes de HCTP. **Portal da Educação**, Artigos, Psicologia. Disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/depois-das-grades-tortas-reflexos-do-tratamento-manicomial-em-pacientes-de-hctp/57110>. Acesso em: 12 mai. 2019.

VIDEIRA, Lorena Torquato. Depois das grades tortas: reflexos do tratamento manicomial em pacientes de HCTP. **Portal da Educação**, Artigos, Psicologia. Disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/depois-das-grades-tortas-reflexos-do-tratamento-manicomial-em-pacientes-de-hctp/57110>. Acesso em: 12 mai. 2019.